unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

CAROLINA CUNHA SEIDEL

A ESCOLA NO CÁRCERE: SUBJETIVIDADES ENTRE AS GRADES

ARARAQUARA – S.P.

2017

CAROLINA CUNHA SEIDEL

A ESCOLA NO CÁRCERE: SUBJETIVIDADES ENTRE AS GRADES

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós- Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Estudos históricos, filosóficos e antropológicos sobre escola e cultura

Orientador: Prof.ª Dr.ª Paula Ramos de Oliveira

ARARAQUARA – S.P.

2017

Seidel, Carolina Cunha
A escola no cárcere: subjetividades entre as grades / Carolina Cunha Seidel — 2017
171 f.

Tese (Doutorado em Educação Escolar) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara) Orientador: Paula Ramos de Oliveira

1. Educação prisional. 2. Educação de jovens e adultos. 3. Filosofia. 4. Subjetividades. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CAROLINA CUNHA SEIDEL

A ESCOLA NO CÁRCERE: SUBJETIVIDADES ENTRE AS GRADES

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profª Drª Paula Ramos de Oliveira

Membro Titular: Profº Drº Francisco Jose Carvalho Mazzeu

Membro Titular: Profº Drº Denis Domeneghetti Badia

Membro Titular: Profº Drº Silvio Donizetti De Oliveira Gallo

Membro Titular: Profº Drº João Virgílio Tagliavini

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

À minha mãe Christina

Agradecimentos

Agradeço, de maneira especial, à Paula Ramos de Oliveira, orientadora, amiga, inspiração, parceira de jornada nessa vida.

Aos professores da banca, de qualificação e defesa, pelo aceite em participar, pela leitura do trabalho e contribuições. Em especial ao professor Denis D. Badia, pelos encontros, sorrisos, palavras sinceras e incentivo.

Agradeço ao GEPFC, grupo tão especial que me compõe, pelas trocas, pela acolhida, por existir exatamente da forma que existe.

Agradeço aos amigos que me viram chorar, sorrir, lamentar, viver toda intensidade que foi esse trabalho. Queridas Camila, Rosana, Lígia, Carol, Laura, Yara, Andressa, minhas irmãs de vida, gratidão por existirem.

À minha mãe, exemplo de vida, força e superação.

Agradeço em especial aos meus filhos, Gabriel, Clarice e Antônio, por me acompanharem paciente e amorosamente, em cada passo, decisão, caminho. Por me mostrarem que mesmo mãe de três, cá estou!

Lista de imagens:

Imagem 1 – Medusa Mortula – 1596 - Michel Angelo Merisi da Caravaggio

Imagem 2 - Descida da Cruz – 1600 – 1604 - Michel Angelo Merisi da Caravaggio

Imagem 3 - O Martirio de São Lourenço – S/d - Michel Angelo Merisi da Caravaggio

Imagem 4 - Salomé recebe a cabeça de São João Batista – 1607 – 1610 - Michel Angelo Merisi da Caravaggio

Anexos:

Nos anexos estão as digitalizações de algumas produções dos sujeitos que participaram da pesquisa. As atividades estão organizadas de acordo com a temática de cada produção:

- Rotina: Como acontece o seu dia-a-dia, o que é mais significativo, o que mais chama atenção. A maior parte do grupo preferiu organizar uma tabela para falar sobre a rotina. A escolha de como fazer a atividade foi livre.
- Desejos: A partir de um encontro sobre “Quem Somos?”, os dois grupos concentraram a discussão em torno da perspectiva e do desejo. A partir dessas conversas, escreveram a respeito, também de forma livre.

Resumo

Esta pesquisa tem o intuito de elucidar os mecanismos de subjetivação desenvolvidos por sujeitos – presos - alunos matriculados em salas de aula instaladas em penitenciárias brasileiras, vinculadas ao programa de Educação de Jovens e Adultos – EJA. Busca compreender as engrenagens desta instituição no tocante à questão educacional durante o processo de encarceramento acompanhado da escolarização tardia. A partir da voz dos sujeitos em diálogo com os escritos de Foucault, E. Goffman, Masschelein e Simons, nos aproximamos das possibilidades fundadas por esses sujeitos no espaço escolar a partir da construção coletiva e subversiva dos saberes e afetos. Qual o significado da escolarização para esses adultos? Como acontece a Educação de Jovens e Adultos – EJA? Quem são esses sujeitos? Como se veem? Como veem esse retomar de um momento que continha outros significados, outros sentidos? Quais os mecanismos de subjetivação desenvolvidos por esses sujeitos neste contexto especifico? Quais seus desdobramentos? Essas foram algumas das pesquisas que nos ajudaram a desenhar o percurso de pesquisa, criando uma investigação coletiva junto a esses sujeitos, discutindo conceitos filosóficos e assim descobrindo como acontecem os processos citados.

Palavras chave: Educação Prisional, Educação de Jovens e Adultos, Filosofia.

Abstract

This research has the intention to clarify the subjecting mechanism developed by subjects - prisoners - students regiestered in class rooms held at brazilian penitentiaries, linked to the Youth and Adults Education program (Educação de Jovens e Adultos - EJA). Seeks to understand the gears of this institution regarding the educational issue during the incarceration accompanied with late enrollment. From the voice of the subjects in dialogue with the writings of Michel Foucault, E. Goffman, Masschlein e Simons, we approach the possibilities founded by these subjects at school environment from the collective and subversive construction of knowledge and affections. What is the significance of schooling for these adults? How does Youth and Adult Education - EJA? Who are these guys? How do they look? How do you see this resumption of a moment that contained other meanings, other senses? What are the mechanisms of subjectivation developed by these subjects in this specific context? What are its implications? These were some of the researches that helped us to design the research course, creating a collective investigation with these subjects, discussing philosophical concepts and thus discovering how the mentioned processes happen.

Key words: Prison education, Youth and Adults Education, Philosophy.

SUMÁRIO

O INÍCIO 12
O CÁRCERE 25
O CARCERE COMO PRÁTICA: do suplício ao adestramento 28
O CARCERE ENQUANTO (não) LUGAR – HETEROTOPIA 38
DO APRISIONAMENTO À “PRISIONIZAÇÃO” 42
BONS PRESOS X BONS CRIMINOSOS 46
O HOMEM 50
O CUIDADO DE SI E O SUJEITO PRESO 64
O CORPO 70
O CÁRCERE COMO INSPIRAÇÃO 78
A ESCOLA 88
QUESTÕES HISTÓRICAS, LEGAIS, ESTRUTURAIS: impactos na educação carcerária paulista 99
EDUCAÇÃO PRISIONAL: SUBVERTENDO SENTIDOS 112
CONCLUSÃO 119
REFERÊNCIAS 124
ANEXOS 134

OS DESEJOS. PRINCIPAL
A LIBERDADE. ABRAÇAR A
MINHA ESPOSA MINHA FILHA
EM CASA. QUERO SEGUIR DEUS
OU SEJA ESTÁ SEMPRE EM
UMA IGREJA ORANDO. VOLTAR
A TRABALHAR E ESTUDAR E
AJUDAR MINHA ESPOSA A CUIDAR
NOSSA FILHA. COM MUITO AMOR
E UMA BOA EDUCAÇÃO. E ABRAÇAR
A MINHA MÃE EM VIDA E COM
SAÚDE. E O QUE DESEJO.
E TER UMA CASA PROPRIA PRA
MINHA FAMILIA. TENHO FÉ
EM DEUS QUE VAI DAR TUDO
CERTO. OBRIGADO JESUS.

O INÍCIO

Esta pesquisa faz parte de um caminho já iniciado, onde alguns cenários foram campo de investigação e reflexão sobre a questão da subjetividade, sempre buscando estabelecer, através da filosofia, significado e compreensão do contexto educacional em ambientes onde a escola se configurava de formas não convencionais.

Tal caminho compreende a participação no Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia para crianças (GEPFC), coordenado pela Profª Drª Paula Ramos de Oliveira, e passa pelas ações de pesquisa e extensão realizadas em diversos contextos, tais como abrigo para crianças retiradas das famílias pelo Conselho Tutelar, escolas públicas do município e Fundação CASA.

O grupo já buscava um diálogo bastante próximo entre a filosofia e a literatura, poesia, música, enfim, entre a filosofia e a vida, buscando desta forma superar em alguns pontos algumas questões propostas por M. Lipman. Alguns materiais foram estudados e inclusive produzidos coletivamente, e tive a oportunidade de fazer parte do livro "Um mundo de histórias", publicado em 2004, pela Ed. Vozes, escrevendo duas das várias histórias que lá estão. Seguindo então esta proposta, me apropriei da metodologia que estávamos desenvolvendo, porém pensando em textos literários como fomentadores das discussões que viriam. Utilizei textos de Fiodor Dostoievski e também a reprodução de obras visuais de Pablo Picasso com adolescentes em privação de liberdade na Fundação CASA, com a intenção de compreender como acontece a constituição da subjetividade destes sujeitos, e como e quais mecanismos são por eles utilizados neste processo.

Como principal referencial teórico de análise, o autor Michael Foucault, por acreditar ser quem melhor e com mais profundidade lidou com tais conceitos, no caso tanto a constituição da subjetividade quanto a questão da liberdade e suas formas de privação. E de fato a pesquisa foi capaz de trazer a tona diversas questões de fundamental importância quando pensamos num grupo crescente de

adolescentes, que depois do período de internação retornará à comunidade, à escola, à família.

Neste momento, a escolha é voltar o olhar para adultos, presos, matriculados em salas de aula de EJA instaladas dentro de penitenciárias brasileiras e, a partir deste contato, deste olhar cuidadoso, sensível e disposto, entender melhor as questões que os tocam, os sensibilizam, os movem.

Qual o significado da escolarização para esses adultos? Como acontece a Educação de Jovens e Adultos – EJA? Quem são esses sujeitos? Como se veem? Como veem esse retomar de um momento que continha outros significados, outros sentidos? Quais os mecanismos de subjetivação desenvolvidos por esses sujeitos neste contexto especifico? Quais seus desdobramentos?

Esse foi o percurso desenhado no desenvolvimento desta pesquisa: estar junto a uma sala de EJA neste contexto, acompanhando os alunos-presos, e juntamente com eles criar uma investigação coletiva dos meandros do próprio grupo, individual e coletivamente, discutindo conceitos filosóficos e assim descobrindo como se dão os processos citados.

Quando buscamos pesquisas sobre tal modalidade de ensino, encontramos estudos voltados à formação docente, sobre questões curriculares e estruturais, mas não vemos estudos voltados à pessoa que ali está como aluno. Portanto, aqui temos a intenção de nos aproximar dos mecanismos de subjetivação desenvolvidos por estes sujeitos a partir do olhar deles como aluno neste contexto específico.

A marca do presídio está na ausência. Ausência de perspectiva, ausência de vontade, planos e sonhos determinados por essa nova realidade.

A educação prisional mantém uma estreita relação com o mundo do trabalho, é vista socialmente como uma das únicas formas de “recuperação” deste preso. Interessa-nos a reflexão sobre as possibilidades de encontrar um olhar

emancipador voltado a essa educação e à compreensão de forma mais ampla de como ou porquê o sujeito que escolhe (ou não escolhe) voltar a ser aluno mesmo depois de um tanto de vida ter passado, quem são essas pessoas que mesmo sem incentivo ou projeto se dispõe a sentarem-se novamente em carteiras escolares e retomarem seus processos de escolarização, e como se veem esses sujeitos. Além disso, como os outros – em contexto familiar, educacional e comunitário - os enxergam também compõe a essência da pesquisa.

Para isso, pensamos ser importante pensar, num primeiro momento, documentos e legislações que regulamentam a Educação de Jovens e Adultos e alguns dos números da educação prisional. Michel Foucault nos trouxe a fundamentação teórica principal e secundariamente outros autores nos deram suporte para tratar das temáticas envolvidas.

Na perspectiva foucaultiana, as relações se estabelecem por tensões, nas quais indivíduos assumem papéis determinados e determinantes. Faz-se necessário perceber, portanto, como atuam, quais são seus interesses e o que fundamenta suas práticas que acontecem a partir do tecido de relações que vai sendo construído por e para cada um dos interessados, de que forma cada indivíduo “torna-se” sujeito.

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino, amparada por lei e voltada para pessoas que não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino regular na idade apropriada. O Estado tem o dever de garantir esse acesso de maneira ampla. Um de seus desdobramentos de tal modalidade são as salas de aula do sistema penitenciário.

Se retomarmos brevemente a história da EJA no contexto brasileiro, veremos que esta apresenta muitas variações ao longo do tempo, demonstrando estar estreitamente ligada às transformações sociais, econômicas e políticas que caracterizaram os diferentes momentos históricos do país.

Precisamos pensar no trajeto histórico da modalidade para buscar compreender o que temos hoje não como recorte, mas como materialização de um percurso, com interesses e objetivos políticos, econômicos e sociais, além de educacionais.

Numa penitenciária, cada gesto, cada momento, cada ato, é vigiado, regulado, controlado. Ao entrarem no presídio, os homens trocam suas vontades, suas vidas, por uniformes. Uma rígida rotina os lembra todo o tempo do que estão vivendo e, aos poucos, incorporam a cultura carcerária.

A escola aparece então como uma forma de encurtamento daquela estadia, uma vez que cada dia de aula equivale a dois dias a menos de pena ou recompensas por bom comportamento, visando sempre a aquisição de benefícios através desta prática, ainda que esta seja apenas ocupar o tempo ocioso.

Segundo a SAP – Secretaria de Administração Penitenciária -, temos em nossos presídios a quarta maior população carcerária do mundo, distribuídos em mais de 900 unidades prisionais. A situação encontrada é precária, de superlotação, condições insalubres, além dos vários problemas internos que acontecem por causa da convivência entre os presos, como a violência.

Pensando nisso, qualquer pista de algo que possa indicar uma melhora, ou uma perspectiva de saída, é aceita sem muito questionamento. Não há tempo, espaço ou condição para qualquer reflexão.

A educação deve, a principio, levar ao desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva, e é através destas habilidades que aprende-se a tomar decisões e fazer escolhas. Assim, ao contrário do que ainda acontece amplamente, a educação seria capaz de libertar ao invés de submeter, domesticar, e adaptar. Assim, o homem vai se transformando na medida em que muda sua realidade, se constrói na medida em que integra seu contexto e se compromete.

A prática da liberdade só se torna eficaz a partir da participação livre e crítica dos educandos. Liberdade e criticidade em tal contexto não parecem possíveis, e a educação, através destas salas de aula, de certa forma pode criar pequenos espaços de resistência e subjetivação.

Podemos considerar o cenário educacional de forma genérica como campo explícito de relações de poder, de estabelecimento de tensões, e sim, também de práticas de liberdade e criação.

Foucault demonstra os limites e possibilidades da liberdade justamente quando fala do poder:

> Microfísica do poder significa tanto um deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que esta se efetua. Dois aspectos intimamente ligados, na medida em que a consideração do poder em suas extremidades, a atenção de suas formas locais, a seus últimos lineamentos têm como correlato a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos. (MACHADO, 2003, p. XII).

Para Foucault, o poder em seu exercício, mesmo nas instituições totais, nunca é o poder total, absoluto:

> A partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa (FOUCAULT, 2003, p. 241).

Nas obras do autor vemos o poder colocado, primeiramente, como relação. É no espaço das relações cotidianas que o poder se manifesta, se concretiza. As leis regulamentam, mas são as práticas disciplinadoras que sustentam o poder. Não estamos negando as estruturas objetivas promotoras de poder, mas simvoltando o olhar para a esfera da subjetividade, que é onde, de fato, o poder se materializa.

. A questão do sujeito e seus mecanismos de subjetivação nos interessa especialmente. Dedicamos-nos a compreender o olhar do sujeito sobre esse processo e as práticas de poder e liberdade a partir da perspectiva foucaultiana.

Se a questão do sujeito permeou a obra de Foucault, foi, como ele próprio avaliou, para dar início ao projeto de "promover novas formas de subjetividade, através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos" (1995, p. 239). Nas palavras de Foucault:

> [...] penso efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Sou muito cético e hostil em relação a essa concepção de sujeito. Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através de práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural. (FOUCAULT, 2004, p. 291)

Dizemos então que assim ocorre o processo de subjetivação, nesta constante relação de incitação entre relação de poder e resistência. Afirmaentão que a dinâmica das práticas que podem ser entendidas como resistência diz respeito à rupturas com o estabelecido, levando à configuração de outras formas válidas de existência, outros modos de ser.

É nesse processo que reside nosso interesse e para onde volta nosso olhar. O grupo que inspira essa escrita, que acontece na intenção de ouvir suas vozes e compreender a maneira como o aprisionamento dialoga com seus seres, está situado na Estância Turística de Avaré, estado de São Paulo, região sudeste do Brasil. A cidade conta com cerca de 85 mil habitantes e figura entre as 29 cidades do estado que contemplam os critérios para ser considerada Estância Turística, status que garante maior verba para o município.

A renda per capita da cidade é de R$ 10 164,86, com uma média salarial de R$ 847,00 por mês. Apesar de seu status de Estância, figura no 413º lugar dos 645 municípios do estado de SP em relação à qualidade de vida. Possui um dos maiores índices de suicídios do Brasil, contanto com 9,17 óbitos/100 mil habitantes, quase o dobro da média nacional, que é de 5,01 óbitos/100 mil habitantes. (IBGE, 2010/2014)

Em relação à Educação, está na 236ª posição estadual, conta com 4 instituições de Ensino Superior, com migração de população jovem em busca dos cursos ofertados. Possui 22,31% da população na categoria “incidência da pobreza”, no Mapa da Pobreza e Desigualdade Social, formulado pelo IBGE e atualizado em 2003.

A cidade abriga um complexo penitenciário, sob a responsabilidade da Coordenadoria da Região Nordeste, da Secretária de Administração Penitenciária – SAP -, que conta unidades representadas no quadro que segue:

Classificação	Nome	Capacidade	População	Área construída	Regime
Penitenciária	Penit. I "Dr. Paulo Luciano Campos"	882	570	21.279,10m²	Fechado

Penitenciária	Penit. II "Nelson Marcondes do Amaral"	918		1383	14.908,12m²	Fechado
Centro de Ressocialização	CR "Dr Mauro de Macedo"	35		55	2.852,30m²	Fechado – preso provisório e semi aberto

Conta ainda com unidades nas cidades vizinhas, que se localizam a menos de 40 km de distância e por isso fazem parte do mesmo complexo, como segue:

Classificação	Nome	Capacidade	População	Área construída	Regime	Distância de Avaré
Centro de Detenção Provisória - Em construção	Centro de Detenção Provisória de Itatinga	847				Itatinga - 36,8km
Centro de Detenção Provisória	CDP de Cerqueira César	847	1387	Não informado	Fechado – preso provisório	C. César - 27,5 km
Penitenciária	Penitenciária de Carqueira César	847	1587	Não informado	Fechado	C. César - 27,5 km

Penitenciária	Penit. "Cabo PM Marcelo Pires da Silva	324	268	1.354,90 m²	Fechado	Itaí km	39,6

Temos então, na cidade de Avaré, um total de 2008 homens presos (informados pelo Governo do Estado de São Paulo), considerando que a população carcerária é flutuante, o que representa cerca de 2,4% da população total. Destes, 1953 já condenados e com a pena atribuída.

Já pensando na micro região, temos 5250 presos, a maior parte em regime fechado, com clara intenção de expansão.

Pensando no contexto carcerário brasileiro, temos cerca de 1% da população carcerária na região. O Brasil conta com cerca de 574 mil pessoas presas, segundo última aferição, realizada em 2013.

Desse total, temos 94% de presos homens e cerca de 6% de presas mulheres, sendo que metade do total está em condição provisória. Ou seja, temos mais de 250 mil pessoas presas hoje que sequer foram a julgamento. Temos ainda, em relação ao total, 32% de presos brancos, e 67% de pretos e pardos e 1% de amarelos e indígenas. A faixa etária predominante é a de 18 a 34 anos, que corresponde a quase 70% do número apresentado.

Nosso contato aconteceu com homens presos na maior penitenciária da região, onde tivemos a oportunidade de ter contato com 20 pessoas, divididas em 2 grupos de 10, em 6 encontros de 1h cada por grupo, totalizando 12 encontros.

Os grupos são compostos por detentos considerados de "bom comportamento", que participam do programa de trabalho, considerado privilégio por colocá-los em ala separada, por ocupar-lhes o tempo e pela remissão de pena

– 3 dias de trabalho corresponde a 1 dia a menos de pena. Neles temos público exclusivamente masculino, com idade entre 18 e 48 anos, com predominância de 85% na faixa de 30 a 40 anos. Dois integrantes possuem ensino superior incompleto (em história e teologia), são réus primários, e em maioria, cumprem pena por homicídio ou tráfico de entorpecentes.

Há dois membros com relação parental, são pai e filho, que cometeram crimes diferentes, em ocasiões diferentes, mas conseguiram transferência com a intenção de se protegerem.

Minha entrada na instituição prisional aconteceu através de parceria entre a FUNAP - Fundação "Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel" -, vinculada à Secretaria de Estado da Administração Penitenciária, o IFSP – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo -, onde atuo como pedagoga, e o programa de formação profissional PRONATEC, ofertado pelo IFSP.

Os encontros aconteceram seguindo o seguinte cronograma:

Data	Grupo 1	Grupo 2
18/08/2015	X	X
25/08/2015	X	X
01/10/2015	X	X
20/10/2015	X	X
22/10/2015	X	X
27/10/2015	X	X

A seção 2, intitulada “O cárcere” busca contextualizar o pano de fundo, o cenário da pesquisa. Numa perspectiva histórica, mas também conceitual, procuramos elucidar os mecanismos de vigilância e punição até a complexificação do sistema carcerário, sempre tendo em vista a perspectiva dos sujeitos de pesquisa em diálogo com os referenciais teóricos escolhidos.

A partir da construção do cenário, a compreensão dos personagens, dos sujeitos de pesquisa, acontece na seção 3, intitulada “O homem” onde através das vozes dos presos e das experiências vividas na cadeia, tentamos entender e refletir a respeito dos mecanismos de subjetivação e construção de saberes e afetos a partir especialmente do conceito de liberdade em M. Foucault.

Cenário, personagens, ação. A ação coletiva criativa e subversiva que encontramos no ambiente escolar prisional. Como acontece a escola e os movimentos educacionais no sistema carcerário do Estado de São Paulo e como os sujeitos que ali estão fazem acontecer de fato a partir dos pontos de fuga que encontraram nesse lugar. A seção 4, chamada “A escola” nos aproxima das experiências vividas no ambiente da sala de aula e como ele se apresenta no contexto de opressão e aniquilação de identidades.

Uso do tempo

Horário	Atividade	Comentario
5:50 até 9:30	trabalhar faxineira	lavar os banheiros varer e passar pano nas salas dos funcionarios
13:00	jogo bola	até dar a hora de ir para a escola
15:00	Dominó	até dar a hora de ir para a tranca

final de Semana

7:30	visita	falo sobre o que aconteceu durante a semana dela e falo também sobre a minha semana também
13:00	visita	Ela precisa ir em hora pois meu pai fica esperando ela lá fora. e eu agradeço ela, meu pai e a Deus por todas visita que eu tenho nos finais de Semana.

Elielson

O CÁRCERE

SE NO MEIO DO QUE VOCÊ TÁ FAZENDO VOCÊ PÁRA

Arnaldo Antunes / Nando Reis

se no meio do que você tá fazendo você pára
se você tem problema de saúde de repente você sara
se você ia dar um passo a sua perna fica pendurada
parece que tá todo mundo ouvindo e ninguém tá falando nada
e agora não precisa correr
agora não precisa mais se apressar
o cara que se joga da janela fica parado no ar
na hora da trombada o carro freia um pouco antes de amassar
quem estava para dar um soco vai ficar com a mão fechada
parece que tá todo mundo vendo e não tá acontecendo nada
e a grana que você economizou não vai poder gastar
e a saúde que você cuidou não vai poder estragar
aquela roupa que você comprou não vai poder usar
você não vai dormir nem acordar agora agora
e agora não precisa correr
agora não precisa mais se apressar
faz horas que já passa das 3 e ainda não são 4 horas
há dias que foi dia 31 e não acaba esse mês
os anos se passaram mas seu filho continua nenén
o seu avô parece ter 70 mas já tem mais de 100
e passa a vida inteira
passa a vida inteira
a vida inteira passa
a vida inteira
se no meio do que você tá fazendo você pára
o que você nunca tinha reparado agora está na cara
o céu fica rachado ao meio quando o raio raia
a chuva não alcança o mar enquanto a onda não alcança a praia
e a grana que você economizou não vai poder gastar
e a saúde que você cuidou não vai poder estragar
aquela roupa que você comprou não vai poder usar
não vai dormir nem acordar agora e agora
e agora não precisa correr
agora não precisa mais se apressar
faz horas que já passa das 10 e ainda são 9 horas

faz anos que você está na fila e não chegou sua vez
o dia já acabou há muitos dias mas a noite não vem
seu coração não bate há muito tempo mas você está bem
e passa a vida inteira
passa a vida inteira
a vida inteira passa
a vida inteira
e agora não precisa correr
agora não precisa mais se apressar

Páro, olho para cima, muro alto, cinza, certamente intransponível. O muro suscita curiosidade, mas também medo. Estamos do lado de dentro, frio, com cheiro de azedo misturado ao de umidade, os espaços são altos, imponentes, quase assustadores, as paredes sujas, com cara de que não veem qualquer tipo de cuidado há muito tempo. As vozes, sempre duras, ressoam no ambiente, um leve ruído de fundo, e o barulho de metal batendo em metal faz eco. Portas e grades se abrem e quando passamos logo são fechadas às nossas costas, várias e várias vezes. "- Tá assustada professora?", "- Nunca veio aqui antes, né?", essas, entre outras, foram as frases repetidas no percurso curto, mas longo. O sol fraco da manhã, o céu já azul contrastando com o final do muro que traz polícias caminhando e nos olhando todo o tempo. E continuamos o ritual, passando de uma sala a outra, de um corredor a outro, sempre com grades que nos separam de cachorros que acompanham nossos passos. Passos ligeiros, mas seguros. Tudo antigo e ocreado.

Atenção a cada imagem, tentando retê-las, imprimi-las. Estava do lado de dentro.

Quando falamos de sistema penitenciário, logo nossa imaginação nos traz a imagem de cadeias de muros altos e portões fortes, algemas, delegacias, polícia, justiça, crime. Estamos acostumados a associar coisas, buscar referências e certamente nos colocar distantes do que nos causa repúdio ou más sensações. Parece-nos que o encarceramento está do lado de dentro dos altos muros. E o que é então essa sensação de estar do lado de fora, olhando, com uma mistura de medo e curiosidade para o muro alto? Como entender o muro, que separa o

delinquente dos demais como um aparato, um instrumento? É possível romper com a ideia de espaço para entender o conceito de encarceramento?

Foucault nos diz que sim, subvertendo a forma convencional de entendimento do conceito de encarceramento e nos dizendo que é através das práticas diárias de poder disciplinar, às vezes materializadas em pequenos gestos e ações, que o aparelho penal ganha espaço e forma. São exercícios de poder disciplinar que podem ser ínfimos, mas sempre normalizadores, que difundem incessantemente técnicas disciplinares e põe em funcionamento toda uma rede de vigilância, controle e punição.

O CARCERE COMO PRÁTICA: do suplício ao adestramento

A imagem da prisão, da cadeia, ativa a potência do conceito de aprisionamento, dá início a um jogo que visibiliza e invisibiliza, nos trazendo um percurso que extrapola a experiência e evidencia a representação, colocando o sujeito que está do lado de fora do muro num maquinário disciplinar a serviço das práticas de vigilância e sujeição.

Esse maquinário é composto por um conjunto de práticas diárias que penetram todo corpo social, provocando a difusão do instrumental técnico da instituição penal, que Foucault chama de carcerário. O carcerário nasce quando a prática de punir é substituída por outras, entre elas a de vigiar.

A ideia de castigo através do adestramento dá inicio à transformação do processo punitivo, e esse novo formato tem suas raízes numa instituição chamada Mettray. Para Foucault (1987, p. 286): “Entre a última das instituições de ‘adestramento’ onde a pessoa é recolhida para evitar a prisão, e a prisão onde ela

é enviada depois de uma infração caracterizada, a diferença é mal e mal perceptível (e deve ser)"

Em Mettray se constrói estreita relação com outras formas de controle como a medicina, a religião e a educação. Os limites estritos do direito penal são extrapolados, através de uma ramificação do modelo penitenciário em toda sociedade, instaurando em todo o corpo social o sistema carcerário, num avanço de profunda abrangência dos mecanismos disciplinares por todos os espaços e relações sociais. Neste sentido é que Foucault utiliza também a expressão "arquipélago carcerário" (FOUCAULT, 1987, p. 261), com a qual descreve a migração da tecnologia penitenciária para as relações sociais.

A prisão transforma o processo punitivo em técnica penitenciária; já quando falamos em arquipélago carcerário, temos a transposição dessa técnica da instituição penal para o corpo social inteiro, com vários efeitos importantes. Esse dispositivo estabelece uma gradação lenta, quase imperceptível, que permite passar da desordem à infração e, em sentido inverso, da transgressão da lei ao desvio em relação a uma regra, a uma norma.

O arquipélago carcerário possui formas múltiplas, suas instituições de controle asseguram mecanismos de vigilância e de coerção insistentes, naturalizando o poder legal de punir e legitimando o poder técnico de disciplinar. A rede carcerária, em suas formas concentradas ou disseminadas, com seus sistemas de inserção, distribuição, vigilância, observação, foi o grande apoio, na sociedade moderna, do poder normalizador. Na sociedade panóptica, o delinquente não está fora da lei, mas dentro dela.

Através da observação, vigilância e avaliação contínua de cada comportamento dos internos, fabricavam-se corpos dóceis em Mettray. O público era diverso, misturando jovens delinquentes condenados, menores interpelados pela justiça, mas absolvidos, e também alunos internos para correção paterna, o trabalho forçado, bem como a instrução primária e religiosa. O lugar se constituía

numa superposição de diferentes modelos de controle atuando com a intenção de adestramento e moldagem de comportamentos, espaço onde acontecia “a forma disciplinar no estado mais intenso, o modelo em que se concentram todas as tecnologias coercitivas do comportamento” (Foucault, 1987, p.257).

Não é mais preciso cometer uma infração, fugir da norma estabelecida, para ser alvo de punição; a criminalidade não é mais um elemento externo e ameaçador de um sistema coeso e ordenado, pois existe agora uma máquina carcerária com intenções claras de regular a vida e preparar o indivíduo para produção, através da “inserção cada vez mais rigorosa, debaixo de vigilâncias cada vez mais insistentes, por uma acumulação de coerções disciplinares” (FOUCAULT, 1987, p. 285).

Foucault aponta então, o nascimento do sistema carcerário, apesar de reconhecer fatos importantes que antecedem Mettray, nesse sistema, descritos em “Vigiar e Punir”.

Estamos agora muito longe dos suplícios, das rodas, dos patíbulos, das forcas, dos pelourinhos. A cidade carcerária obedece a princípios totalmente diferentes. Na posição central que ocupa, a prisão está ligada a toda uma série de dispositivos “carcerários”, aparentemente bem diversos – pois se destinam a aliviar, a curar, a socorrer – mas que tendem a exercer um poder de normalização.

Numa breve retomada, temos as seções agrícolas das casas centrais, as colônias para crianças pobres e abandonadas, os refúgios de caridade destinados às moças culpadas, as colônias penitenciárias. Cada vez mais distante da penalidade propriamente dita, o formato da prisão se dissolve lentamente antes de desaparecer por completo. Na justiça penal, a prisão transformou o processo punitivo em técnica penitenciária.

Buscamos entender esse processo olhando um pouco para as técnicas punitivas que antecederam o encarceramento, voltando a 1757, quando havia o suplício:

> Damiens fora condenado, em 2 de março de 1757, a pedir perdão publicamente, diante da porta principal da Igreja de Paris, levado e acompanhado numa carroça, nu, de camisola, carregando uma tocha de cera acesa... em seguida, atenazado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas; sua mão direita segurava a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e, às partes em que será atenazado, aplicar-se-ão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e, a seguir, seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavalos e seus membros e corpo consumidos ao fogo, reduzidos a cinzas. (FOUCAULT, 1987, p. 9)

Foucault segue descrevendo detalhadamente as atrocidades cometidas contra os assassinos daquela época.

Apenas no fim do século XVIII e início do XIX é que a punição como espetáculo perde força, a confissão pública dos crimes é abolida na França, e o pelourinho é extinto, mas ainda existem registros de províncias americanas que obrigavam os condenados a fazerem trabalhos forçados, com coleiras de ferro, em vestes multicores e grilhetas nos pés.

O suplício da exposição do condenado foi abolido na França em 1848, a punição, paulatinamente deixou de ser um espetáculo público, trazendo a impressão de que tais rituais mantinham com o crime grande afinidade, uma vez que o ultrapassavam em crueldade e selvageria, fazendo os carrascos parecerem criminosos, os juízes assassinos e os criminosos, vítimas, invertendo os papéis. Beccaria, citado por Foucault (1987), afirma que "o assassinato, que nos é apresentado como um crime horrível, vemo-lo sendo cometido friamente, sem remorsos."

A tortura e o suplício são substituídos pela morte rápida - através da forca ou guilhotina, um acontecimento visível, mas instantâneo. A guilhotina acaba com a vida, a prisão com a liberdade, quase sem tocar no corpo.

No início do século XIX, o espetáculo da punição física dá lugar ao que o Direito penal conhece como abrandamento de pena, a detenção. Surge a prisão, peça importante que marca a história da justiça penal.

> A prisão: um quartel um pouco estrito, uma escola sem indulgência, uma oficina sombria, mas, levando ao fundo nada de qualitativamente diferente. Esse duplo fundamento - jurídico-econômico por um lado, técnico-disciplinar por outro – fez a prisão aparecer como a forma mais imediata e mais civilizada de todas as penas. E foi esse duplo funcionamento que lhe deu imediata solidez. Uma coisa, com efeito, é clara: prisão não foi primeiro uma provação de liberdade a que se teria dado em seguida uma função técnica de correção, ela foi desde o início uma "detenção legal" encarregada de um suplemento corretivo, ou ainda uma empresa de modificação dos indivíduos que a privação de liberdade permite fazer funcionar no sistema legal. Em suma, o encarceramento penal, desde o início do século XIX, recobriu ao mesmo tempo a privação de liberdade e a transformação técnica dos indivíduos (FOUCAULT, 1987, p. 196-197)

Se considerarmos a evolução da pena, desde o suplício dos condenados do século XVIII até o encarceramento atual, podemos perceber o progresso de que fala Foucault. A prisão se fundamenta na ideia de constituir-se em um aparelho sólido de transformar, conformar, docilizar e normatizar indivíduos.

No Brasil, com a primeira Constituição Federal em 1824, temos o artigo 179 que proclamava a inviolabilidade dos direitos civis e políticos dos cidadãos, tendo por base a liberdade, a segurança individual e a propriedade. Declarou abolidos os açoites, a tortura, a marca de ferro quente e as demais penas cruéis. A prisão passou a ser não só instrumento de castigo e expiação, mas fonte de emenda e de reforma moral para o condenado.

Em 1830, foi sancionado, pelo Imperador D. Pedro I, o Código Criminal do Império, que previa onze classes de penas: morte, galés, prisão com trabalho, prisão simples, banimento, degredo, desterro, multa, suspensão do emprego, perda do emprego e açoites, esta última abolida em 1886. Proclamada a República, em 1889, foi elaborado um novo Código Penal que trouxe grandes transformações para o sistema penal.

O Código de 1890 previa as seguintes modalidades: prisão celular, reclusão em fortalezas, prisão com trabalho obrigatório e prisão disciplinar para menores. Nesse momento, houve grande influência do positivismo na reformulação do ordenamento legal, insuficiente para conter o avanço da criminalidade. A Antropologia, a Sociologia e a Psiquiatria entusiasmaram os penalistas brasileiros. Em 1927, foi divulgado o projeto do Código Penal, de autoria do Desembargador Virgílio de Sá Pereira, que dividia as penas em principais e acessórias. Após muitos debates, o Código Penal foi finalmente publicado no final de 1940. Instituiu a pena de reclusão (no máximo em trinta anos) e a detenção (no máximo em três anos) como as espécies de penas privativas da liberdade. Após a Segunda Guerra, apesar dos avanços da legislação em matéria de proteção do indivíduo contra o poder punitivo do Estado, as penas privativas da liberdade foram consideradas o eixo central do funcionamento do sistema e conservadas até hoje. (MAMELUQUE, 2006)

As estruturas formais do direito ainda veem na prisão a esperança de combate ao crime. Porém, cada vez mais, vemos a degradação do sistema penitenciário brasileiro, com alta superlotação, recorrente violação da intimidade do sujeito preso, onde "o recluso deixa de sentir-se um homem. O signo do homem é seu nome, e o recluso já não tem nome. A essência do homem é a individualidade, e o recluso já não tem individualidade."(DOTTI, 1998, p.104)

As estruturas penitenciárias foram se transformando e em conformidade com esse movimento, vemos novas técnicas e disciplinas, que fazem pesar sobre

a menor ilegalidade, sobre a mínima irregularidade, desvio ou anomalia, a ameaça da delinquência, formando assim um *continuum carcerário*. (FOUCAULT, 1987).

Retomando, temos então o carcerário difuso em todos os espaços sociais, com efeitos que estabelecem a formação de uma rede cujas ligações agrupam todos os dispositivos disciplinares, configurando assim tal sistema.

A intenção aqui é compreender de que forma essa estrutura punitiva e disciplinar acontece sob a perspectiva dos sujeitos presos e em nossas conversas.

> (A.L.V., 38 anos) – "Ficamos num eterno estado de alerta, não dá pra relaxar. Você para de ser, para de existir, não existe mais o ser para si mesmo. Você agora é do Estado, está em espera. Ninguém lembra de você, ninguém gosta de você aqui não. O cara parece que tá te dando um tapinha nas costas mas na verdade tá é te furando."
>
> (Eu) – "Então a vida aqui é diferente da vida fora daqui?"
>
> (A.L.V., 38 anos) – " Aqui não é a vida, é outra coisa."
>
> (Eu) –" Como assim outra coisa?"
>
> (J. D. G., 32 anos) – "Aqui é uma pausa, um estado de suspensão da vida." (Encontro 2, 25/08/2015)

No encontro seguinte, ouvimos juntos a música que abre o capítulo, de Arnaldo Antunes, que aprofundou nossas reflexões coletivas sobre o assunto, entendendo onde estamos e como estar aqui nos compõe, ativando mecanismos e desativando outros. A existência dentro da prisão está profundamente marcada pelos mecanismos de poder que permeiam as relações entre os presos. O controle e vigilância deixam de estar presentes apenas na relação preso/sociedade, preso/Estado, preso/carcereiro, preso/processo, e passa a compor também a relação preso/preso.

> (J. D. G., 32 anos) "– Aqui tem amigo até um certo limite. Quando o preso chega, ele é recebido. Se não tem sabonete, pasta de dente, não fica sem. Mas a primeira regra do preso é a transparência. Você chega numa cela de 25 presos, onde cabe 8. Todo mundo para. Tudo para para te olhar. Você vai e conta sua história. Tudo, como foi. Se não falar uma ponta, amanhã ou depois todo mundo tá sabendo. Eu não sei como, tem uma comunicação entre as cadeias, e entre as cadeias e a sociedade, eles ficam sabendo. Não tem jeito. Aí, você vai ver se é possível a convivência com aqueles presos, com aquele grupo."
>
> (A. L. V., 38 anos) – "Hoje é mais fácil. Só não aceitam quem matou criança."
>
> (J. D. G., 32 anos) – "Hoje em dia quem mata mulher também."
>
> (A. L. V., 38 anos) – "Tem muito (homem) matando criança, ficou comum depois dos Nardoni."
>
> (J. D. G., 32 anos) – "Tem que ter empatia, e se não tem, tem que ter respeito. Eu não gosto de alguém? Tudo bem, respeito o espaço da pessoa, cumprimento, tá tudo bem. Isso é convivência harmoniosa na cadeia. Mas tem limite, aqui é muito individualista."
>
> (A. L. V., 38 anos) – "Se acontece alguma coisa com um amigo aqui, que que eu vou fazer? Nada. Se fizer, vou com ele. Lá fora é diferente, entro na frente da bala, e depois, vamos tomar uma cerveja." (Encontro 3, 01/10/2015)

A investigação que começou nesse encontro, a partir da música, tem relação direta com o próximo capítulo, que trata da questão central "Quem somos?", já que os mecanismos de subjetivação e formação de uma nova identidade, estão diretamente relacionados às engrenagens de controle, vigilância e punição que estão difusos no cotidiano na penitenciária, pela obediência impregnada em cada espaço físico, cada relação.

A arquitetura, do prédio e das relações, é minunciosamente pensada com a intenção de controle e para garantir vigilância múltipla em que as técnicas de ver objetivam, na verdade, efeitos de poder sobre aqueles que são vistos e em que "os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam" (FOUCAULT, 1987, p. 144).

> O velho esquema simples do encarceramento e do fechamento – do muro espesso, da porta sólida que impedem de entrar ou de sair – começa a ser substituído pelo cálculo das aberturas, dos cheios e dos vazios, das passagens e das transparências. (FOUCAULT, 1987 p. 144).

O aparelho penitenciário é autossustentável, o poder circula em várias direções e amalgama todas as relações. Não é preciso ter chefes, gerentes ou diretores:a disciplina cria um sistema de recompensas e penalidades que individualiza e classifica condutas, hierarquiza os indivíduos. Assim, todos se parecem; está em atividade um aparato normatizador forte que aniquila as individualidades através das práticas disciplinares.

> Essa nova descritibilidade é ainda mais marcada, porquanto é estrito o enquadramento disciplinar [...] Esta transcrição por escrito das existências reais não é mais um processo de heroificação; funciona como processo de objetivação e de sujeição. A vida cuidadosamente estudada dos doentes mentais ou dos delinqüentes se origina, como a crônica dos reis ou a epopéia dos grandes bandidos populares, de uma certa função política da escrita, mas numa técnica de poder totalmente diversa. (FOUCAULT, 1987, p. 159).

A construção arquitetônica do espaço não é aleatória; é cuidadosamente pensada e composta de forma que Foucault descreve como “panóptico” , figura de Jeremy Bentham. Com um modelo próprio de construção, favorece a observação de todos, todo o tempo. A intenção é induzir o detento a acreditar que tudo é controlado e assim garantir o funcionamento automático do poder, a tal ponto que não se precise mais de vigia constante, pois se produziu a certeza de vigília constante.

> Cada um em seu lugar, está bem trancado em sua cela onde é visto de frente pelo vigia; mas os muros laterais impedem que entrem em contato com seus companheiros. É visto, mas não vê; objeto de uma informação, nunca sujeito numa comunicação. [...] Essa é a garantia da ordem. (FOUCAULT, 1987, p.166)

E assim acontece. Todo movimento é vigiado. Todo suspiro, movimento, palavra, intenção, desejo, manifestação, cuidadosamente analisado. Faz-se de tal maneira que categorizam os indivíduos que ali estão, atribuindo-lhes funções autorregulatórias. Isso acontece de tal forma que cada preso, em nossos encontros, se apresenta incorporando a função de vigilância e regulação que lhe foi dada. A esse grupo são dados pequenos privilégios, o que garante e põe em funcionamento engrenagens de poder que compõe também as relações entre eles.

A tal ponto e de tal forma que os únicos que participaram de nossos encontros foram aqueles que recebiam os supostos privilégios. Padeiro, cozinheiro, faxineiro, educador. Suas histórias de vida desenhavam suas funções, atrelando seus percursos a essa nova identidade. Nessa organização, esses presos não deixam de ter sua marca de delinquente, mas unem a ela uma função regulatória capaz de manter a vigilância.

(J. D. G., 32 anos) – “Trabalho com o que gosto e com o que sei, nasci praticamente dentro de um restaurante. Ou seja, obvio que o fato de estar recluso, me causa ansiedade e muito arrependimento.”

Um carcereiro sempre presente nos observa, mas cada sujeito observa os demais, compondo a atmosfera descrita por Foucault.

> Dispositivo importante, pois automatiza e desindividualiza o poder. Este tem seu princípio não tanto numa pessoa quanto numa certa distribuição concertada dos corpos, das superfícies, das luzes, dos olhares; numa aparelhagem cujos mecanismos internos produzem a relação na qual se encontram presos os indivíduos. As cerimonias, os rituais, as marcas pelas quais manifesta no soberano o mais-poder são inúteis. Há uma maquinaria que assegura a dissimetria, o desequilíbrio, a diferença. Pouco importa, consequentemente quem exerce o poder. Um indivíduo qualquer, quase tomado ao acaso, pode fazer funcionar a máquina. (FOUCAULT, 1987, p. 167)

Aqui vimos o mais perverso de todos os movimentos. Tais funções são atribuídas pautadas no "bom comportamento", e eles se orgulham de poder ocupar lugares de vigilância e tem clareza da relação de poder desigual em relação aos demais. Obtém benefícios por isso, são melhores tratados, comem primeiro, vivem em celas mais limpas e com maior privacidade. Há uma simulação de garantia de direitos para aqueles que se ocupam de controlar os processos organizatórios e de vigilância.

O CARCERE ENQUANTO (não) LUGAR – HETEROTOPIA

> lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis (FOUCAULT, 2006, p. 416)

O conceito de heterotopia, formulado por Foucault, nos remete à questão do espaço, fundando-o em oposição à noção de utopia (lugares não reais, sem espaço fixo) e sublinhando sua diferença da noção de tempo. O espaço social e

suas representações fundamentam tal conceito, que se constrói na tentativa de compreender as múltiplas relações conflitantes, a partir de um emaranhado de atores e significados. A prisão se apresenta como uma heterotopia.

Elencada por Foucault como uma heterotopia de desvio, ou seja um espaço outro, que está fora do espaço mesmo, do lugar aceito, a prisão constitui-se portanto, em um espaço onde são colocados indivíduos cujo comportamentos são desviantes em relação à ordem e à norma, caracterizado pela inversão, suspensão ou neutralização da ordem oficial.

> [...]lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis (FOUCAULT, 2011, p, 415).

Cada heterotopia tem um funcionamento preciso e determinado no interior da sociedade, e a mesma heterotopia pode, segundo a sincronia da cultura na qual se encontra, ter um funcionamento ou outro.

A heterotopia tem o poder de justapor em um só lugar real, vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis. A prisão está colocada no espaço público, compõe o instrumental de adestramento da sociedade disciplinar, porém em seu interior guarda uma dinâmica própria, relacionando-se com seu exterior em momentos marcados, tais como a visita, as audiências, as necessidades médicas mais graves, entre outros momentos específicos. O que seria cotidiano em seu lado de fora se configura como exceção, ritualizada de modo a não deixar esquecer, os de dentro e os de fora, sua função. Os sujeitos que habitam a prisão habitam simultaneamente dois sítios distintos, na

mesma medida em que estão excluídos do campo social, o preenchem e contribuem para a sua estruturação.

As heterotopias estão ligadas ao tempo (heterocronias). Elas se põem em funcionamento quando os homens estão em uma espécie de ruptura com seu tempo tradicional. O tempo do cárcere é marcado por necessidades que não são as necessidades dos homens que lá estão. Ao descreverem seus cotidianos, vemos a marca da homogeneização de práticas que seguem a uma suposta necessidade, criada por um outro, dirigente, monitor, ou supervisor (na micro esfera), que está fora de seu funcionamento interno de fato. Quem regula os desejos, necessidades e acontecimentos não faz parte destes. A ritualização do tempo rompe com o tempo exterior, onde cada cotidiano é ajustado a partir da necessidade individual, decidido pelo protagonista da ação e não por outrem.

> (M. J. 33 anos)"Aqui todos acordam no mesmo horário. 5h50. Essa é a hora de fazer a higiene pessoal. Depois disso, às 6h, todos tomamos café da manhã e, em seguida, seguimos para trabalhar. Às 12h almoçamos, depois temos até às 15h para jogar bola, ver TV. Às 16h voltamos ao trabalho para fazer algo que precisa, servir a janta, limpar as coisas. 17h vamos pra tranca." (Encontro 5)

As heterotopias supõem sempre um sistema de abertura e fechamento que, simultaneamente, as isola e as torna penetráveis.

Foucault aponta que a necessidade de tratar da questão do espaço na sociedade foi um fenômeno decorrente da Idade Contemporânea que, após a Revolução Científica, na Modernidade, tendo o exemplo de Galileu, passa a pensar o espaço social no prisma de sua interioridade, do que acontece ao redor dele e com os indivíduos que o compõe, como segue:

> Ora, apesar de todas as técnicas nele investidas, apesar de toda a rede de saber que permite determiná-lo ou formalizá-lo, o espaço contemporâneo talvez não esteja ainda inteiramente dessacralizado – diferentemente, sem dúvida, do tempo em que ele foi dessacralizado no século XIX. Houve, certamente, uma certa dessacralização teórica do espaço (aquela que a obra de Galileu provocou), mas talvez ainda não tenhamos ainda chegado a uma dessacralização prática do espaço [...] (FOUCAULT,, 2015, p. 430).

Pensemos na heterotopia a partir da relação entre o espaço e o sujeito, assim como na virtualidade desta mesma relação como virtualidade e projeção, através da imagem de um espelho. O espelho, em sua projeção virtual e ilusória, apresenta uma manifestação utópica do reflexo humano, na ocasião de um agrupamento hermético e limitado. Mas, paradoxalmente, apesar de concentrar esse ilusionismo, o espelho possibilita o resgate da imagem humana evocada em suas paredes e, consequentemente, promove a experiência de unir duas realidades completamente alternativas em seu jogo, pois: “o espelho, afinal, é uma utopia, um lugar sem lugar” (FOUCAULT, 2015, p. 432).

Conforme já dito, há uma distinção clara entre utopia e heterotopia, estando a utopia no lugar irreal e a heterotopia na junção do espaço (real) e de sua projeção, incorporados num espaço de simbologia.

Especialmente quando trata da heterotopia de desvio, temos um espaço de recolhimento e reclusão, bem como se mantém esse espaço inserido na sociedade. Assim, pode-se manter um sujeito transgressor da norma social residindo dentro desta mesma sociedade que o enclausura.

“É importante para ela (sociedade) que seus inimigos sejam dominados, que não se multipliquem. Portanto, é importante apoderar-se deles, impedi-los de prejudicar” (FOUCAULT, 2015, p. 32). Desta forma, a heterotopia proporciona essa ponderação sobre a ideia de que estes espaços sociais (escola, manicômio, prisão) não estão distantes uns dos outros e, de alguma maneira, eles se

contemplam pelo fato de retratarem diversos convívios e histórias seculares da perpétua relação entre o indivíduo e a sociedade.

Exclui-se determinado sujeito, entretanto, mantém-se o mesmo por perto, vigiado e dominado como aponta Foucault: “É também por exclusão que termina de constituir-se e de fechar-se em si a individualidade como suporte de uma qualificação jurídica e religiosa que define o puro e o impuro” (2014, p. 162). A prisão está colocada como um lugar real, mas fora dos lugares aceitos.

DO APRISIONAMENTO À “PRISIONIZAÇÃO”

> [...] deve-se reconhecer que a prisão fechada implica em um sistema repressivo, totalitário, em que o preso deve obedecer cegamente, se quiser obter um certo grau de reconhecimento por parte da Administração...Ora, essa obediência cega é apenas aparente, ou seja, o preso aprende desde logo a mistificar, assumindo uma posição comparável a esquizofrenia: finge acatar, assimilar e respeitar tudo o que lhe foi permitido pela Administração. Na verdade porém vive outra vida, inteiramente diversa, acatando, assimilando, aprendendo e respeitando realmente tudo aquilo que é passado pelos seus companheiros de prisão. (PIMENTEL, 1983, p. 154).

É criada uma atmosfera onde esses sujeitos sentem que a instituição reconhece seus saberes, remetendo-os às suas vidas do lado de fora, criando assim uma estrutura de total controle sobre eles, mecanismo de sujeição, aniquilação e conformação manifesto em sua potencialidade máxima. A esse processo, de vivência intensa da experiência do encarceramento, apropriação da

cultura prisional da maneira mais completa, num processo de substituição e perda de antigas referências e substituição por novas, chamamos “prisionização”. (BARATTA, 2002)

Esse processo é constituído por duas polaridades: uma que nega e outra que afirma. A que nega, de “desculturação”, trata de desconstruir as referências anteriores, pela desadaptação da vida em liberdade. A segunda, de “aculturação”, trata de construir uma nova identidade, com novos parâmetros, dentro da cultura prisional, numa dinâmica de socialização, naturalização e familiarização.

Dessa forma, os sujeitos são capazes de internalizar elementos da realidade da cadeia que, caso não fossem tomados como naturais, causariam, de maneira contínua, grande estranhamento. Os elementos que marcam essa dinâmica de maneira acentuada são a desorganização da personalidade, caracterizada pelo empobrecimento psíquico, sentimento de inferioridade e impotência e, ainda, “perda” de identidade e construção de uma nova.

Ao ser sentenciado e ingressar no sistema prisional, o sujeito preso já tem seu nome substituído por um número, lhe são tiradas roupas, dados uniformes, seus cabelos são raspados. A uniformização de comportamentos, corpos e identidades está colocada na porta de entrada. As regras são ditadas e o rompimento impõe a tensão entre o mundo interno institucional e o mundo externo. A instituição determina quando e como o sujeito deve fazer; sua vontade não importa. Sua voz está calada.

> (M.J.R., 24 anos) – “Acordamos, todos os dias no mesmo horário, fazemos as mesmas atividades, no mesmo horário, dormimos no mesmo horário. Acordo às 5h50. Trabalho. Minha função na cozinha é fazer o arroz, só faço o arroz, todos os dias. Trabalho até meio-dia. Do meio-dia às duas jogo bola. Depois trabalho, sirvo a janta. Mas a gente não pode ver os presos lá debaixo, nem eles ver a gente. Entrega e sobe. Depois tem a tranca às 17h. E acabou. Todo dia é assim, essa é minha vida e vai ser por muitos anos. Quando cheguei, suava, tinha ansiedade, dava até murro na

> parede. Agora nem penso, demora mas acostuma. Quero agora esquecer o passado, sair daqui e viver uma vida normal." (Encontro 1 – 18/08/2015)

Para preservar uma passagem tranquila pela vida na cadeia, o sujeito preso reconhece a importância de adaptar-se às normas e passa a interiorizar modelos e comportamentos, processo característico, segundo Baratta (2002), da "aculturação", apropriação dos valores e da cultura prisional.

> (J.M.C., 30 anos) – "Qual é o maior desejo de todo preso? É a liberdade! É lógico. Sair daqui é a intenção de todo mundo. Sair daqui vivo e sair daqui o quanto antes. Tenho família me esperando, mulher e filha, minha mãe tá viva, quero poder ver ela lá fora, abraçar, beijar, quero sair daqui, todo mundo quer."
>
> (R.E.M., 34 anos) – "Claro! O objetivo de todo mundo aqui é sair vivo. É sair daqui, é a liberdade."
>
> (J.D.G., 32 anos) – "O maior desejo de todos nós aqui é a liberdade! É sair daqui."
>
> (A.L.V., 38 anos) – "Quero sair daqui logo, faço o que for preciso."
>
> (J.D.G., 32 anos) – "Eu também, faço o que precisar, faço até o que nunca pensei que seria capaz de fazer." (Encontro 1 – 18/08/2015)

Todos querem ser presos bem vistos. Bons presos aos olhos da Administração. E isso certamente passa pela internalização das regras formais da instituição. A intenção é parecer ao sistema pronto para voltar à sociedade, pronto para acatar as regras e valores, pronto para obedecer.

Essa prontidão para ressocialização é demonstrada pelo sujeito preso através de várias atitudes, como: estar estudando e/ou trabalhando, não cometer faltas graves, ter uma boa relação com a diretoria e a equipe técnica, e acima de

tudo, demonstrar disciplina, mantendo a cabeça abaixada e a fala afinada com o discurso institucional, confirmando sucesso na aplicação dos mecanismos disciplinares e da absorção pelo preso dos padrões de conduta esperados pela instituição.

Porém, por outro lado, há o convívio social com os outros presos. A dinâmica da cadeia cobra do sujeito duplamente. Tal postura, obediente e passiva, o desabilita para o convívio social, pois conflita com os valores e hierarquia instituídos pelos próprios presos. Lidamos com um grupo restrito de presos que vive separado dos demais, pois gozam de prestígio na instituição, e não podem sequer chegar perto ou manter contato visual com o grupo que ocupa o pavilhão vizinho, que é identificado como integrantes e líderes das facções criminosas.

Apesar dos integrantes dessas facções serem considerados de forte "tendência anti-social" e não ajustados às normas oficiais, são ao mesmo tempo os indivíduos menos vulneráveis, mais respeitados e de identidade mais desvinculada dos moldes da instituição, que de algum modo, forjam a identidade institucional em busca de outra forma de subjetivação.

Há então a formação de dois grupos distintos de sujeitos presos. Um, de "bons criminosos" formado por integrantes não ajustados, que não desfrutam de nenhum tipo de privilégio institucional, e mais do que isso, muitas vezes não têm sequer suas necessidades básicas atendidas. Outro, de "bons presos", formado por sujeitos perfeitamente ajustados ao sistema, que ocupam e reconhecem seus lugares privilegiados.

> (J.D.G.,32 anos) – "Nós, aqui de cima[1], sabemos bem que não vivemos nas mesmas condições de lá. Aqui posso ter meus livros, durmo sozinho. Ando pra cima e pra baixo. Tenho certa liberdade dentro do inferno. Eles vivem na tranca o dia todo, cela super

[1] Os pavilhões são separados, e os detentos chamam internamente, de "lá embaixo" e "aqui em cima" quando se referem a eles.

> lotada. Quando cheguei fui parar lá também."
>
> (Eu) – "Mas como isso funciona? Como acontece essa separação?"
>
> (J.D.G., 32 anos) – "Você chega e vai pra triagem, com todo mundo. Se não for de facção, de partido, não tiver ficha longa, e tiver bom comportamento, vontade de trabalhar, estudar, pede pra subir pra cá. Ai eles analisam e você vem. Mas aqui, aqui você tem que andar na linha, vacilou, desce. E desceu, não sobe nunca mais, já era. Só que quem tá aqui não pode ter contato com quem tá lá nunca, de jeito nenhum. Só desce pra levar a comida, entrega e sobe, nem vê ninguém. A gente aqui não é bandido, não é criminoso. A gente cometeu um crime. Não é criminoso. É diferente, entende? A gente quer sair. Eles não. Eles vivem disso aqui. Entendeu?"
>
> (A.L.V., 38 anos) – "Lá embaixo não tem nada, é pior, é sujo, menos tempo no sol, se um fica doente só levam no médico se tiver morrendo já. O negócio é feio demais. Se aqui é ruim, lá é o inferno. Mas eles sim são criminosos, escolheram viver do crime." (Encontro 1 – 18/08/2015)

Os próprios sujeitos assumem o papel de juízes da normalidade; são presos-juízes que fazem acontecer a universalidade do normativo através da submissão de seus corpos, gestos, condutas, comportamentos, aptidões, desempenhos.

Forma-se uma rede carcerária que adentra a instituição penitenciária, em que o poder de punir está difuso em todas as relações num esquema de observação, vigilância, organização, concentração, disseminação – traçando uma forma muito singular de operacionalização. Aspectos prescritivos e constitutivos estabelecem um padrão de julgamento e só é aceito o que é considerado normal, como se a norma acontecesse como uma espécie de lei natural.

BONS PRESOS X BONS CRIMINOSOS

A tensão entre o mundo exterior e o mundo institucional é imposta ao sujeito no momento de sua prisão. Seu aprisionamento marca o rompimento com sua vida anterior e sua identidade é modificada assim que entra no sistema carcerário. A cultura carcerária substitui e se apropria do sujeito, colocando-o no processo de prisionização, e mais uma tensão está colocada.

A instituição pede do sujeito uma postura passiva, obediente, formatada, produtora do “bom preso”, ou seja, do preso que é bem visto pela Administração, que mantém bom relacionamento com os agentes penitenciários, que colabora com as dinâmicas da carceragem, que se interessa pelas atividades laborativas, educacionais e recreativas propostas pela instituição. Assim, esse preso consegue ser beneficiado, obtém privilégios, é incluído em programas de remissão de pena, se beneficia com possibilidades ofertadas formalmente, mas que não se estendem a todos.

Por outro lado, há uma hierarquia consolidada no convívio social dos presos, com valores, códigos e normas próprios, que muitas vezes conflitam com os institucionais. Existem poderes relacionais, não fixos, que acontecem entre os presos, que produzem uma lógica informal, e o poder disciplinar também está fortemente presente.

Enquanto o os mecanismos disciplinares estatais, institucionais, formais são teoricamente justos e igualitários, temos uma espécie de poder interno, hierarquia interna, estabelecida entre os presos, que muitas vezes chega a competir com a Administração formal, que transpassa todas as relações, tomando formas diversas e formando uma rede de mecanismos disciplinares, da qual todos participam e de alguma forma, sujeitam-se e são sujeitados.

Portanto, não podemos analisar os mecanismos disciplinares apenas olhando para ordem estatal, impressa e acatada pelos “bons presos”, nem olhando

apenas pela hierarquia interna dos presos que não aceitam a ordem estatal e criam uma nova ordem, ou o os “bons criminosos”. Precisamos olhar para os pontos de encontro, fusão ou atrito dessas esferas.

A disciplina se constitui como um exercício estratégico, uma tecnologia positiva do exercício de poder, com um conjunto próprio de técnicas de controle que se ocupam de cada minúcia, de cada detalhe da vida do sujeito, controlando seu tempo, registrando suas atividades, examinando suas condutas. Por ser através do detalhe que acontece o exercício do poder, Foucault (2002) chama a isso de *anatomia politica do detalhe*. A partir de detalhes sutis, ela se insere, capilarmente, na vida do sujeito, determinando seu modo de vida.

> Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas. (FOUCAULT, 2002, p.118)

A docilidade pode ser entendida aqui no sentido de submissão, de produção de uma individualidade obediente, que seja útil ao funcionamento do sistema social. A disciplina é um poder produtivo, que faz do corpo uma aptidão. Enquanto aumenta as forças do corpo em temos econômicos, sujeita aos seus domínios a potência decorrente dessa força, diminuindo-a em termos políticos (FOUCAULT, 2002, p.118).

Temos códigos de condutas formais e informais, mas não são essas leis e sim as práticas e os saberes, tanto da Administração, quanto da massa carcerária que embasam as relações no âmbito prisional. A lógica de castigos e recompensas, os acertos e privilégios, a classificação e separação dos sujeitos presos, é construída a partir de uma lógica concreta que acontece nas relações sociais, nas práticas discursivas e nos mecanismos de controle.

Ambas as esferas exercem poder, Administração e massa carcerária, nem sempre de maneira conflituosa, apesar de terem interesses diferentes. As ordens não representam a necessidade de enfrentamento e coexistem no sistema carcerário, abertamente, com finalidades próprias, porém ambas têm alguns objetivos parecidos, tais como manter sua posição na organização prisional, extrair utilidade e garantir a obediência do preso, garantir ordem.

A obediência e utilidade do preso é o objetivo final da Administração, bem como é o objetivo das lideranças das massas carcerárias, facções ou organizações criminosas. A ordem formal se apoia nas lideranças informais para conter a massa carcerária sob seu domínio, em troca de algumas vantagens.

As relações de poder são múltiplas e acontecem em direções e em intensidades variadas. O aperfeiçoamento dos mecanismos disciplinares no campo prisional ocorre através da ação dos detentos sobre eles mesmos. Os papéis de controlado e de controlador, que no caso do controle formal segue um modelo rígido e é exercido por sujeitos em condição opostas (preso x agente estatal), passam a ser exercidos pelo mesmo grupo de indivíduos: os próprios presos.

O poder passa a ser efetivamente capilar e onipresente, uma vez que o olhar se estende a todos os ambientes da vida prisional, acontece em todas as relações, está em funcionamento todo o tempo e em todos os espaços.

TOMAR BANHO DE CHUVA, ME ATRASAR AS VEZES, DAR BOM DIA A DESCONHECIDO NA RUA, TROCAR NOVAS COMIDAS, PASSAR UM FINAL DE SEMANA INTEIRO ASSISTINDO FILMES E ME ENTUPINDO DE CHOCOLATE COM SORVETE, DEIXAR O CABELO CRESCER, QUEM SABE UM BIGODE? TRABALHAR MENOS, ME ENTREGAR SOMENTE A QUEM MERECA, POIS HOJE ME AMO E ME VALORIZO MUITO MAIS QUE ANTES, TER LONGAS CONVERSAS, SOBRE VARIOS ASSUNTOS COM MINHAS FILHAS, ENSINA-LAS QUE A VIDA E DURA, MAS QUE COM FE, AMOR, E MUITO CORAÇÃO, ELA PODE SER LINDA; ME PREOCUPAR MENOS, CUIDAR MAIS DA SAUDE, ENCONTRAR ALGUÉM DE QUEM CUIDAR, E QUE QUERA ME CUIDAR. INTELIGENTE, BEM HUMORADA, NA VERDADE MUITO BEM HUMORADA, INDEPENDENTE, VAI SER MEIO COMPLICADO EXPLICAR MEU PASSADO, MAS EU CONSIGO. SER MAIS LEAL, PRINCIPALMENTE COMIGO MESMO, SÉ A PESSOA BEM HUMORADA E INTELIGENTE PUDER PARTICIPAR DO MEU FIM DE SEMANA REGADO A CHOCOLATE E SORVETE SERIA OTIMO. RSRS.

O HOMEM

EU SOU EU
Luiz Tatit

Você reclama que eu estou tão diferente
Você não sabe o que diz, é evidente
Como é que pode de repente
Alguém ficar tão diferente
E diferente de quê?
Como é que dá pra saber?
Só eu que sei eu que vivo
O tempo todo comigo
O tempo todo não digo
Mas o bastante
Pra me reconhecer

Estou aqui pra provar que eu sou eu
Vim desfazer essa dúvida cruel
Pois só de te mostrar que não sou outro
Eu já me sinto outro, já valeu
Você diz que eu já não sou mais aquele
Passa por mim e pergunta quem é ele?
Como é que pode alguém deixar
De ser aquele que já foi
Se quem já foi ainda é
Enquanto vive ainda é
Pode dizer o que quiser
Mas se está aí porque é
Não é preciso ter fé
Pois se tem corpo, alma,
Cheiro, voz, qual é!

Estou aqui pra provar que eu sou eu
Vim desfazer essa dúvida cruel
Pois só de te mostrar que não sou outro
Eu já me sinto outro, já valeu
Mas mesmo eu que sou eu tive receio
Se não sou eu nem sou outro estou no meio
Como é que fica a minha imagem
Individual e social
Apresentando-me assim
Sou diferente de mim
Mas sou eu mesmo no fim
Isso não cola, é ruim
Quem é que crê nisso aí
É preferível dizer
Então esqueça-me!
Estou aqui pra provar que eu sou eu
Vim desfazer essa dúvida cruel
Pois só de te mostrar que não sou outro
Eu já me sinto outro, já valeu

Quem melhor pode nos ajudar a compreender, ou ao menos nos aproximar de como acontece a construção social do sujeito preso, é o próprio sujeito. A partir dos encontros realizados, procuraremos em suas falas e escritos, pistas que sejam capazes de nos apontar caminhos possíveis para entender os mecanismos, meandros e nuances dessa construção. Utilizaremos para isso os conceitos de subjetividade e identidade, a partir de M. Foucault, e E. Goffman na investigação dos processos de estruturação do indivíduo e de seus afetos, composições e transformações.

J.D.G., 32 anos, preso há 3, sentenciado a 26 por homicídio qualificado, chef de cozinha e a um semestre de se formar no curso de História, nos dá pistas sobre essa investigação:

"*A prisão apura o ser, a gente fica mais profundo*." (J. D. G., 32 anos)

Quando falamos em subjetividade, pressupomos a relação do indivíduo com o mundo social, que ao lado da objetividade, de sua atuação no mundo, comporia a dimensão social do sujeito. Já o conceito de identidade abrange tanto a dimensão individual quanto social, representando a síntese de contrários como individual e social; semelhanças e diferenças; proximidades e distanciamentos. Utilizaremos ambos os conceitos por entendermos que nos ajudam, cada um à sua maneira, a compreender o homem enquanto ser social, que transforma e é transformado pelo ambiente, sem no entanto deixar de pensar nas relações dadas no entendimento da subjetividade.

Ressaltamos que tal temática – da subjetividade e da identidade -, tem, cada vez mais, dimensões sociais e dinâmicas, sendo formada, confirmada, transformada e reatualizada a cada interação social, deixando de ser um conceito estático e imutável, para ser entendida como a síntese dos sentimentos e concepções que o indivíduo tem em relação a si mesmo a partir de suas representações sociais.

O homem, entendido como ser histórico e social, tem sua identidade construída a partir de sua realidade. O ambiente não só influencia essa construção, mas a constituí num processo que acontece a cada dia, na comunicação com o outro, em cada interação. A identidade se forma como produto, e ao mesmo tempo, como processo, uma vez que se reconhece e se é reconhecido, de forma a conformar as expectativas sociais e possuir em si a síntese de todas as nossas representações. São as circunstâncias das interações entre o eu e o outro, entre o ator e seu público, que fazem com que a identidade aconteça numa construção de múltiplos eus, que representam papéis variados perante públicos diversos.

Temos então múltiplos *eus* acontecendo de acordo com o público, porém, essa rede de representações é apenas uma das faces da identidade, pois a identidade também é produto caracterizado pela coerência e unicidade. Uma construção singular que diferencia o indivíduo dos demais, uma totalidade formada pelo conjunto dos *eus*, um padrão único.

Portanto, mesmo que haja semelhanças nos papéis sociais que são representados, os personagens e a identidade sempre serão diferentes, pois cada conjunto e combinação de papéis em determinado indivíduo resultarão numa construção única.

Pelas semelhanças e também pelas diferenças se constrói a identidade. O próprio significado da palavra identidade traz esse sentido duplo, já que pode falar tanto sobre a igualdade entre duas coisas, quanto sobre o conjunto de características exclusivas do sujeito, que o diferencia dos demais e pelas quais se é reconhecido.

A identidade incorpora as ações e, a partir daí, acontece de fato. É a partir das ações, das práticas, que o sujeito se relaciona com o mundo. O substantivo dá lugar ao verbo, imprimindo constância e permanência, e assim compondo a identidade. Ao perguntarmos: - *"o que você faz da vida?"* – em geral temos a

resposta “*eu sou...”*, e não *“eu faço tal coisa”*. As ações estão ligadas a um tempo e espaço determinados, porém, ao serem substantivadas fixam-se, depreendem-se de qualquer referência histórica: o tempo do verbo se torna invariável no substantivo.

Erving Goffman, no livro “Representações do eu na vida cotidiana” (1985), propõe a metáfora da vida enquanto teatro, onde a interação entre as pessoas e as formas pelas quais elas dirigem e direcionam as informações a serem passadas ao seu público, deixa de ser o elemento passivo do teatro para participar da cena como ator, influenciando e sendo influenciado pelos demais, de maneira dinâmica, uma vez que as representações não diminuem a complexidade das interações; pelo contrário, as potencializa.

Cada postura assumida por um indivíduo, contém em si direitos e deveres ligados a uma situação social, despertando uma série de expectativas, em si e nos outros - expectativas estas que conformarão obrigações e convenções sociais e que colocarão à prova sua aptidão para o exercício do papel. (Goffman, 1985)

> (C.I.P., 28 anos) – “Você era um lá fora mas é outro aqui dentro. Não tem jeito, muda, muda muito, suas atitudes mudam, o que você faria lá não faz aqui e vice versa. Lá fora tem amigo, aqui não tem amigo, não tem nada, é só você e você, cada um por si, sozinho. Você vê que o homem é sozinho. No começo tem todo mundo, depois não tem mais, você vai vivendo primeiro um pouco do que tinha lá e um pouco daqui, depois só vive isso aqui, sua vida é só aqui, você chega esquece que existe um lá fora(sic)”
>
> (A.L.V., 38 anos) – “Tem cara aqui que era cozinheiro, que era pastor, que era professor. E aqui é o que? Aqui é todo mundo número, todo mundo igual, todo mundo coisa, todo mundo bandido, tratado que nem lixo, tudo amontoado.”
>
> (J.D.G.,32 anos) – “Difícil depois é conseguir se recuperar, voltar a ser, depois que você sai daqui, sai com carimbo de bandido pra sempre.” (Encontro 3, 01/10/2015)

As escolhas dos papéis que se pode representar estão ligadas ao repertório possível, determinado pela estrutura social, com variáveis de muitas ordens, tais como gênero, idade, classe social, contexto cultural, entre outros.

Quando falamos do criminoso, do delinquente, em geral trazemos à tona a imagem de um determinado tipo social, com as características dadas: geralmente homem, jovem, de origem humilde, crescido em uma família desestruturada, etc. Se, em algum momento, temos uma quebra dessa lógica, fica-se com a impressão de que há algo de errado, pondo em xeque a harmonia na combinação dos papéis representados por uma mesma pessoa e, consequentemente, perturbando a expectativa social que identifica determinadas atitudes como pertencentes, exclusivamente, a determinado grupo de pessoas.

Quando o ator, ou pessoa, muda de grupo social ou de plateia, pode assumir aspectos e comportamentos diferentes a partir da representação dos mais variados papéis. É esse repertório o responsável por compor o seu *eu*, que será único à medida que as possibilidades de combinação de papéis são infinitas, as circunstâncias e cenários são imprevisíveis, e as personagens variam de ator para ator.

Mesmo quando temos papéis sociais repetidos, a personagem é construída a partir da relação do papel a ser representado enquanto padrão social e o ator que o representa. Assim, ainda que duas pessoas cumpram papéis idênticos, suas representações nunca serão iguais, bem como suas identidades não podem ser reduzidas a uma só. E ainda que os papéis constituam padrões sociais, a interação não fica limitada a essas estruturas; ao contrário, ela as desafia, já que a todo o momento as personagens estão sendo testadas e modeladas:

> Todos nós estamos continuamente empenhados num processo que dura toda a nossa vida - de construção, manutenção e remodelação do eu. Todas as atividades de autocriação - a experiência de novos eus a manutenção ou remodelação do eu

> estabelecido, o abandono de um eu antigo, talvez obsoleto - consistem em grande parte em comportamentos que ajudam a confirmar nossas pretensões a nosso respeito e evitar o comportamento que tende a prejudicar essas pretensões. (COHEN, 1968, p. 208)

Durante a cena, a interação face-a-face acontece, momento em que os papeis são atualizados, reinventados, sob a influência recíproca de um sujeito sobre o outro, quer seja enquanto presença física imediata, quer seja pensando numa atualização contemporânea onde poderíamos (ou deveríamos) considerar as interações virtuais.

O público, o cenário, a expectativa do outro, tudo é levado em consideração na composição da identidade situacional, que determina qual o personagem está sendo representado. Questionamentos como - “Quem sou eu nessa situação?”, “Onde estou nesse momento?”, “Quem é meu público?”, “Quais são as expectativas criadas aqui?” - podem ajudar nesse entendimento reflexivo de si, processo de tomada de consciência ou apropriação do personagem.

> Esta forma de poder aplica-se à vida cotidiana imediata que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele. É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos. (FOUCAULT,1995, p.235)

Nessa passagem Foucault anuncia o processo vindo dos mecanismos disciplinares de assujeitamento do indivíduo. Todos os indivíduos inseridos na sociedade disciplinar estão sujeitos a esses mecanismos de poder que categorizam, fixam a identidade e limitam as possibilidades de ser. Sendo a prisão uma instituição disciplinar por excelência, os indivíduos a ela submetidos vivem mais agudamente o processo de assujeitamento.

Nesse sentido, temos o homem que cometeu um crime, encarcerado, reformulando sua identidade, dentro do encarceramento. A detenção tem a função de fazer o criminoso assumir a identidade de delinquente. A prisão fabrica delinquentes através do modo de vida que impõe ao homem preso, formando uma nova sociedade, hierarquizada e autorregulada.

Os conceitos de disciplina enquanto "anatomia política do detalhe" descrita por Foucault, e controle da instituição total analisada por Goffman, se encontram na medida em que ambos descrevem a disciplina agindo das formas mais sutis, permeando as esferas da vida silenciosamente, quase imperceptivelmente, na contenção dos gestos e ordenação do corpo, regulação e uniformização dos horários, inclusive fisiológicos, ligados ao ritmo especifico de cada corpo, o tempo de dormir, comer, mover-se.[2]

Porém, ainda que haja encontros e aproximações nos percursos teóricos dos dois autores, a preocupação de Goffman tem como ponto central a dinâmica interna da instituição total, detalhando como os mecanismos disciplinares se apoderam do indivíduo e as práticas são instituídas no dia-a-dia da instituição. Por sua vez, Foucault se dedica a compreender a funcionalidade da disciplina em um âmbito mais amplo, sua inserção no sistema econômico e social. Nas palavras de Foucault:

> Disseram que eu procurava fazer a mesma coisa que Goffman em sua obra sobre asilos, a mesma coisa, mas não tão bem. Não sou um pesquisador em ciências sociais. Não procuro fazer a mesma coisa que Goffman. Ele se interessa pelo funcionamento de um certo tipo de instituição total: o asilo, a escola, a prisão. De minha parte, procuro mostrar e analisar a relação que existe entre um conjunto de técnicas de poder e de formas: formas políticas como o Estado e formas sociais. O problema ao qual Goffman se

[2] Temos a construção de tabela (em anexo) como exercício proposto e percebemos nitidamente a repetição e padronização da rotina.

> prende é o da instituição mesma. O meu é o da racionalização da gestão do indivíduo. (FOUCAULT, 2006, p. 319)

Temos, neste ponto, a análise composta então, de um lado, pelo conceito de poder disciplinar em Foucault, que produz o sujeito; e de outro, Goffman, que nos apresenta o conceito de *mortificação do eu,* processo de anulação do indivíduo, decorrente da disciplina a qual foi submetido na instituição total.

No processo a que chama de *mortificação do eu*, temos o sujeito preso – ou em qualquer outra instituição total -, com sua possibilidade de representação de mais de um papel sendo limitada pela internação; não há liberdade de escolha ou movimentação possível entre os papeis representados, diferente do indivíduo que constrói sua identidade a partir da administração e representação dos mais diversos papéis na vida civil.

Goffman (1974) classifica como instituição total aquela que apresenta um relevante fechamento no tocante às possibilidades de comunicação com o mundo externo, onde o indivíduo desenvolve todas as suas atividades sobre uma mesma autoridade e controle e não há separações perceptíveis entre os diferentes campos da vida. O autor aponta, inicialmente, os conventos, manicômios e prisões, mas temos hoje outras instituições que podem ser inclusas nessa categoria, como as fábricas e escolas.

Não coincidentemente, o projeto arquitetônico de Jeremy Bentham, o Panóptico, além de poder ser aplicado na construção de estabelecimentos prisionais, poderia servir a qualquer instituição que quisesse manter sobre controle e disciplina um grande número de pessoas, fosse ela um hospital, uma escola ou uma fábrica. Tratou-se da elaboração de uma nova forma de poder, que receberia o nome, a partir da análise foucaultiana, de poder disciplinar.

Em geral, vemos as instituições tendendo ao fechamento e, nesse processo, exigem de seus membros a representação de determinado papel

coerente com sua lógica, construído a partir de suas expectativas e regras institucionais. Porém, a vida do individuo, em geral, não se limita àquela instituição, e ele possui outros espaços para manifestação identitária.

Já as instituições totais, exigem exclusividade nessa representação, impedindo que o mesmo se determine a partir de suas diversas posições e exista como uma multiplicidade.

> Na vida civil, a sequência de horários dos papeis do indivíduo [...], assegura que um papel que desempenhe não impeça a sua realização e suas ligações com outro. Nas instituições totais ao contrário, a participação automaticamente perturba a sequência de papéis. (GOFFMAN, 1974, p. 24)

.

Cotidianamente, um papel não interfere no outro: se é ao mesmo tempo, mãe, filha, aluna, profissional, religiosa. Já nas instituições totais, a representação do papel de internado compromete e determina todos os demais.

Então, as mudanças nas crenças do indivíduo sobre si mesmo e dos outros em relação a ele dentro da instituição total levam ao que ele denomina *processo de mortificação do eu.* A institucionalização compromete o referencial identitário do indivíduo, ao lhe privar das disposições sociais estabelecidas nas suas relações anteriores. (GOFFMAN, 1974)

Ao entrar na prisão, o indivíduo é induzido a reconfigurar suas relações anteriores, passando a viver em uma sociedade limitada. Segundo Gofmann, os fatos na vida de uma pessoa compõem a sua identidade social, mas a maneira com que ela manipula esses fatos - explicitando, ocultando ou os negando - conforma a sua identidade pessoal.

> As normas relativas à identidade social referem-se aos tipos de repertórios de papéis ou perfis que consideramos que qualquer indivíduo pode sustentar - 'personalidade social'... Normas relativas à identidade pessoal, entretanto pertencem não às esferas de combinações permissíveis de fatos sociais mas ao tipo de controle de informação que o indivíduo pode exercer com propriedade. (GOFFMAN, 1988, p.74)

Os hábitos, comportamentos, costumes, regras, ideias opiniões, concepções sobre a vida, a família, o trabalho, a prisão, a polícia, o amor, formam a cultura prisional, compartilhada pelos indivíduos que habitam a prisão. Representa uma força em conformação, decorrente da relação entre estrutura social, que compreende a organização formal e informal da penitenciária e o processo social de interação entre os detentos, e destes com aqueles que lá trabalham.

> (D.L., 45 anos) – "Eu era pastor lá fora e continuo sendo pastor aqui dentro. Me adaptei, é diferente, mas continuo na minha missão de salvar a alma das pessoas. Quando sair daqui vou voltar a tocar a minha igreja. Aqui salvo as almas e continuo no meu propósito com Deus. Ele me perdoará, sabe que fiz o que fiz porque precisei fazer, ele me entende e me perdoa. Preciso seguir minha missão e continuo com ela aqui, do jeito que dá. Preciso retomar a confiança dos meus parentes, das pessoas que perdi."
>
> (S.C.O., 37 anos) – "Eu já nem lembro mais quem era. Ninguém me visita e já tô aqui há tanto tempo que na hora que sair nem sei pra que lado vou andar. Não sei o que vou fazer nem o que vou ser. Emprego não arrumo, família me abandonou, não volto mais. Que eu tenho? Nada. Quem eu sou? Ninguém. Tô aqui há tanto tempo que já deixei de ser aquele que eu era pra não ser ninguém, me transformei em outra coisa que nem eu sei ainda o que é, o que virou e quando sair não sei o que vai ser...mas nem penso...vai demorar muito ainda, muitos anos, até lá penso nisso, por enquanto vivo isso aqui mesmo, sou útil, ajudo, conheço todo mundo, tenho amigos, faço a comida de todo mundo, o pão, limpo tudo direitinho, jogamos futebol, vejo minha TV quando dá, faço minhas orações e tá bom assim."

O grau de integração na prisão depende tanto das atividades

desenvolvidas, como educação e recreação, quanto da forma como o preso se relaciona com a ordem prisional, seu gerenciamento de vida e relações, e da medida em que cada sujeito aceita e rejeita cada uma das regras e comportamentos e se relaciona com elas.

O seriado norte-americano veiculado na TV a cabo, intitulado “The Orange is the new black” e baseado no livro de Piper Kerman sobre sua experiência na prisão, retrata em suas cinco temporadas o cotidiano prisional, abordando a despersonalização e adaptação da personagem principal – Piper -, à cultura carcerária.

A série se desenvolve em torno da história da protagonista que participou do transporte de uma mala de dinheiro proveniente do tráfico de drogas dez anos antes, a pedido de uma ex-namorada. Durante esse período, Piper vive uma vida tranquila, de classe média-alta, com acesso à cultura, educação, consumo, tem um relacionamento estável com seu noivo, porém seu passado é retomado e ela troca sua vida de confortos pela vida na prisão.

Antes de entregar-se passa por longa preparação, lê vários livros a respeito, assiste filmes, conversa com amigos e familiares e faz até uma festa de despedida. O seriado retrata de maneira leve e bem-humorada, porém bastante realista, todo ritual de entrada e passagem, contrapondo uma vida confortável, com uma personagem estruturalmente próxima aos que supostamente estariam lhe assistindo, criando assim uma possível identificação do público com ela.

Rompemos assim com o distanciamento que em geral temos com o perfil do criminoso estabelecido, delimitado, esperado. A personagem é branca, loira, bonita, admiradora das artes, tem um noivo bonitão, amigas companheiras e uma vida supostamente sem problemas, criando empatia com o telespectador.

Logo na entrada Piper percebe que a realidade que encontrará será muito diferente da que projetava. Começa sendo tratada com grosseria e indiferença,

mesmo quando usa toda sua educação e cordialidade. Inicia seu ritual de despersonalização. Tiram suas roupas e ela é submetida a uma revista extremamente constrangedora. Seu nome é substituído por seu sobrenome em um crachá e ela é impedida de usar seu primeiro nome, tornado-se Chapman. Passa por várias entrevistas com vários profissionais, irônicos, debochados, galanteadores, grosseiros, com vários perfis.

É recebida por um grupo de mulheres que tenta amedrontá-la e apenas uma ou outra mulher a acolhe. Um dos diálogos segue da seguinte forma:

> "Detenta antiga: Toma, pega um lenço, a primeira noite é difícil. E uma escova de dente, eles não vão te dar.
>
> Detenta nova: Obrigada, obrigada mesmo, por tudo.
>
> Detenta antiga: Essa é a Nick, saiu da solitária há uma semana, falou pro carcereiro ir se foder, burra! Pra que criar problema?
>
> Detenta nova: Então ela ficou na solitária?
>
> Detenta antiga: É, você não quer ir pra lá, confia em mim. Tome, papel higiênico.
>
> Detenta nova: Vou arrumar minha cama.
>
> Detenta antiga: Não faça a cama, a gente faz pra você. (em tom incisivo). Sabemos como passar na inspeção. Você dorme em cima da cama, com o cobertor sobre você.
>
> Detenta nova: Mas e se eu quiser me cobrir com o lençol?
>
> Detenta antiga: Olha, faz como quiser, mas você vai ser a única na prisão que faz isso. É o que quer? (em tom ameaçador) Então faz isso...
>
> Guarda então grita: Contagem, contagem, contagem.
>
> Todas as detentas ficam imóveis, aguardando." (Episódio 1 – Temporada 1)

A cena deixa claro o procedimento normatizador, tanto das regras oficiais quanto das regras não oficiais, estabelecidas internamente pelas próprias presas, bem como a tensão constante que permeia todos os movimentos e relações no contexto carcerário.

No segundo episódio, quando a protagonista faz sua primeira refeição acaba fazendo um comentário infeliz sobre a organização interna, sem saber que esta é feita pelas próprias presas e é então internamente punida, ficando sem comer. Num momento, na segunda ou terceira refeição que assiste sem poder comer comenta, já nervosa: “A questão é que não esperava ser punida enquanto estou sendo punida.” As outras, mais antigas e acostumadas com a experiência do aprisionamento, riem e debocham dela, já apropriadas das regras internas.

São então submetidas à contagem diárias e com o passar da primeira semana, ela aprende sobre as regras oficias e não oficiais. O que pode a levar ao isolamento, a falta de vontade dos agentes penitenciários, as relações entre as detentas e os agentes, as detentas e as outras detentas, os agentes e a direção do presidio.

A barganha e as trocas possíveis para que sua sobrevivência seja possível começam a se incorporar ao seu cotidiano. Uma nova lógica aos poucos vai ocupando seus valores e dinâmicas anteriores, substituindo assim sua cultura pela cultura carcerária. O que, onde e para quem dizer, e também quando calar. Com quem se aliar, quais gestos ou hábitos são permitidos, tudo é novo.

Nos poucos momentos em que ela tem alguma relação com o mundo externo, ao telefone com o noivo ou em visitas familiares, o estranhamento é cada vez maior, e a distância entre os mundos e realidades se acentua. Um estranhamento começa a tomar conta das relações, criando uma atmosfera de desajuste e descontentamento. As visitas e contatos começam a diminuir, cumprindo o prognóstico já apontado pelas outras presas.

“Detenta antiga: Aproveita enquanto eles ainda vem te ver, ainda trazem comida. Comigo também era assim, mas o tempo passa e todo mundo te esquece aqui.” (Episódio 2 – 1ª temporada)

As mesmas frases foram ouvidas dos detentos durante a pesquisa. As memórias retratadas no livro que deram origem ao seriado nos mostra que independente da localização, do gênero, do formato, a tendência é que a experiência do carcerário se repita e seja muito semelhante, guardando apenas algumas diferenças regionais. Há uma atmosfera carcerária que molda, que é mais forte do que essas diferenças, que é mais densa do que o repertório pessoal de cada sujeito que ali está.

Percebemos que em geral, com o passar do tempo, os sujeitos tendem a se adaptar à vida na prisão, se integrar às dinâmicas e rituais propostos e participar ativamente nos processos regulatórios. Carregam em si o protagonismo nas relações de opressão e violência e muitas vezes, ao se reconhecerem enquanto diferenciados no sistema carcerário, cumprem na verdade a função máxima da docilização, tornando-se parte do maquinário normatizador, transformando-se em força útil em atividade máxima.

Assim, o sujeito está “negado como indivíduo e reduzido a ser exemplo ínfimo de um conjunto muito mais amplo e que, por ser homogêneo, pode ser mais facilmente manipulado, submisso, assujeitado, governado.” (REVEL, 2006, p. 56).

O CUIDADO DE SI E O SUJEITO PRESO

Todo contato com o encarceramento é muito marcado pela repetição do discurso da necessidade da liberdade, como algo externo, como espera, como aguarde. A experiência do cárcere é profundamente sentida como cerceamento do

ser livre. De fato, falar em sujeito livre nesse contexto pode mesmo parecer uma grande contradição, já que temos sujeitos sendo sujeitados. Entretanto, para Foucault, mesmo sendo sujeitados os indivíduos possuem um campo de possibilidade para várias condutas e diversos comportamentos. Desse modo, o sujeito é livre, pois "se há relações de poder em todo o campo social, é porque há liberdade em todo lugar." (FOUCAULT apud MAGALHÃES, 2008, p.13)

Se partimos da ideia de que há liberdade em todo lugar, independente da sua forma manifesta, entendemos poder como uma relação de forças que só pode ser exercido sobre algo que é livre, pois quando não há possibilidade de resistência ou de reação, não há necessidade de exercício de poder. Se o poder não for exercido sobre sujeitos livres e em seus exercícios de liberdade, tudo seria apenas manifestação de violência e domínio completo.

Poder e liberdade existem em tensão, não em exclusão. Vemos a liberdade sendo manifesta como uma liberdade negativa ou uma não-liberdade, uma vez que ela é reduzida à resistência de reagir às manifestações de poder que lhes são impostas e não a liberdade de agir como se bem entende. São configurações de respostas dadas diante de situações de tensão e cada pessoa reage de uma maneira.

Pode-se afirmar que o problema que gira em torno da constituição do sujeito percorre todo o trabalho de Foucault. Ora remetido às práticas de saber, ora às relações de poder e, por último, através das práticas de si, é o sujeito (ou a subjetividade) como processo histórico um dos principais alvos das análises do autor, senão o principal, como ele mesmo o afirma num dos momentos em que lança um olhar retrospectivo sobre o próprio trabalho (FOUCAULT, 1995, p. 208).

Tentamos acompanhar, portanto, o movimento feito por Foucault para o entendimento dos mecanismos de subjetivação destes sujeitos, inicialmente o compreendendo a partir das técnicas de sujeição e individuação, e depois, a partir do deslocamento para práticas de autoformação desse sujeito. Exercícios de

liberdade a partir das relações intersubjetivas voltadas para um exercício sobre si pelo qual se busca o seu modo de ser. Isso quer dizer que a partir de um exercício sobre si mesmo, do governo de si, do controle de apetites e de domesticação de afetos, o sujeito escolhe seu modo de ser e a maneira como pretende se portar.

A partir do entendimento da noção de corpo em Foucault, podemos nos aproximar da multiplicidade de composições de forças que atravessam os sujeitos e constituem-nos em planos de produção de subjetividades:

> O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissociação do EU (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização (FOUCAULT, 2003, p. 22).

Temos então, antes do sujeito, processos de subjetivação e de assujeitamento, sendo o primeiro constituído pelas linhas de força que os indivíduos fazem dobrar sobre si mesmos e o segundo pelas composições de forças conjugadas nos dispositivos de poder-saber.

Se analisamos a maneira como o sujeito se relaciona, se comporta com o outro, em suas dimensões sociais e identitárias, nos dedicamos a entender como funciona a maneira ativa do indivíduo constituir a parte mais secreta de sua subjetividade, compreendendo por subjetividade “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo.” (FOUCAULT, 2004,p. 236)

O sujeito é, portanto, constituído a partir de práticas que lhe são exteriores e que lhe subordinam e ao mesmo tempo por práticas de si que são relações interiores e autônomas. As maneiras de constituição do sujeito e da subjetividade são fundadas em instâncias exteriores, mas também no interior do próprio sujeito.

> Enquanto estamos ativos, fazendo alguma coisa, se encontrando, a gente conversa. Conversa sobre várias coisas, sobre a vida, os planos, aqui de dentro e lá de fora. Mas é depois da tranca que fica difícil mesmo. Quem não lê e não tem o que fazer, fica lá, só pensando. Tenho muita insônia, muita mesmo. O sono não vem, penso na minha vida lá fora e no que vivo aqui. É como se tivesse gente brigando dentro da minha cabeça. Um de fora e um de dentro. Minha mente vai longe, sou eu e eu e eu e só. (transcrição de A.D.L., 38 anos)

Sujeito não como pessoa ou identidade, mas o conceito de subjetivação no sentido de processo, e si, no sentido de relação – a si. A subjetivação acontece na relação da força consigo e não da força com outras forças como no conceito de poder. Deleuze fala sobre essa relação da força consigo, sendo ela a 'dobra' da força e a maneira de 'dobrar' essa linha de força, trata-se da constituição de modos de existência, ou da invenção de possibilidades de vida que também dizem respeito à morte, a nossas relações com a morte: não a existência como sujeito, mas como obra de arte. Trata-se de inventar modos de existência, segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder, bem como se furtar ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-los e o poder tenta apropriar-se deles. (DELEUZE, 1992, p. 116).

Temos, assim, de forma geral, o movimento do sujeito no interior da obra de Foucault: primeiramente, o sujeito objetivado, depois o sujeito como produto das relações de poder e, por fim, encontramos o sujeito livre e capaz de constituir a si mesmo.

Esse terceiro movimento foucaultiano, que Deleuze chama de terceira dimensão, que cria o sujeito livre, esse campo possível de liberdade na dimensão da subjetivação, das "técnicas de si", nos interessa especialmente, na medida em que as dimensões do poder e do saber não deixam espaços de fuga aos sujeitos assujeitados. Por mais que sejamos capaz de pensar em pontos de resistência nas análises sobre o poder e o saber, não conseguimos alcançar de que forma os

sujeitos ultrapassariam as relações de força. Apenas nessa terceira dimensão temos o questionamento de como ultrapassar as próprias relações de força num campo onde haja pontos de resistência em contraposição aos focos de poder, sem deixar de pensar de onde vem essas resistências. (DELEUZE, 1992)

Se entendemos o poder como a relação da força com outras forças, o processo de subjetivação trata da relação da força consigo. Ela não é da ordem nem do poder nem do saber, é indeterminada. O sujeito do cuidado de si é aquele que faz voltar sobre si, num movimento livre de determinações externas e internas, suas ações e pensamentos.

Para Foucault, o único objeto que se pode querer livre, absoluta e com tal vontade que nenhuma circunstância externa, ocasião ou tempo poderá modificar é o eu. Essa busca por si não tem condicionantes externos, sendo assim, portanto, todos os indivíduos capazes de cuidar de si, de ter a prática de si próprios, de ter esse movimento em direção ao eu que configura domínio e posse de si, chegando através dessa relação ao "status pleno e inteiro de sujeito" (2004, p. 146).

O sujeito do cuidado de si, pleno e inteiro, é o sujeito que tem vontade livre e indeterminada. O que se deseja se deseja sem que esse desejo tenha sido programado e tenha essa ou aquela finalidade, representação ou determinação.

Nesse plano Foucault pensa a liberdade como condição de possibilidade da ética e do político, como condição de possibilidade do cuidado de si, reestruturando as relações entre poder e liberdade. As relações de poder consistem em ações que incidem sobre ações, ações de um indivíduo ou de um grupo com uma finalidade, produzindo então realidades, comportamentos, saberes.

Dessa forma, a relação entre liberdade e poder só pode ser muito estreita e íntima pois poder não existe sem liberdade. Se há poder, há possibilidade de resistência aberta aos sujeitos assujeitados e é nessa possibilidade que está a

relação do sujeito do cuidado de si consigo, livre, indeterminada, aberta. A política e a ética são possíveis justamente a partir da relação entre o poder e o campo aberto de possibilidades dadas aos sujeitos.

Sublinhamos que processos de subjetivação – relação consigo – diferenciam-se dos processos de individuação, que acontecem a partir da construção de subjetividades modeladas pelas relações de poder e de saber. Os exercícios de si acontecem como resistência às determinações estruturadas em subjetividades subjugadas. A liberdade, condição de exercício de poder, estende-se ao campo das práticas de si, pois só é possível fugir das determinações externas se uma liberdade última permite sua inflexão e uma possibilidade de resistência aos sujeitos.

Foucault confere ao cuidado de si a função de questionar as identidades pré-moldadas e os códigos morais, pertinentes ao saber e ao poder. O ato de subjetivação está, para Foucault, inscrito no campo da ética, portanto em oposição à moral. De acordo com Deleuze, o "que conta, para Foucault, é que a subjetivação se distingue de toda moral, de todo código moral: ela é ética e estética, por oposição à moral que participa do saber e do poder" (1992, p. 142).

O processo de subjetivação do sujeito do cuidado de si acontece, necessariamente, através da liberdade, e escapa às relações de poder e aos determinismos do saber. Não haveria espaço para a subjetivação e, consequentemente, para "os jogos de verdade na relação de si para si e a constituição de si mesmo como sujeito" (FOUCAULT, 1984, p.11), se as determinações externas não deixassem pontos de fuga aos sujeitos nas relações destes com os dispositivos de saber e poder.

O CORPO

> Mas meu corpo, na verdade, não se deixa reduzir tão facilmente. Ele tem, afinal, seus próprios recursos fantásticos; ele tem, também, lugares sem lugar e lugares mais profundos, ainda mais resistentes do que a alma, que o túmulo, que o encanto dos mágicos. (FOUCAULT, 2013 , p.7)

Como pensar no sujeito preso a partir, e/ou através, de sua expressão mais sólida de existência, o corpo? A partir das reflexões feitas por esses sujeitos, seria possível encontrar um corpo que esteja em algum outro lugar, ou não-lugar?

> “Meu desejo é primeiramente sair desse lugar, em seguida rever meus familiares e recomeçar minha vida de onde parou quando fui preso. Voltar a trabalhar como sempre fiz, pretendo também continuar os estudos e desejo também construir um novo relacionamento ou até casar novamente, pois eu não sou do crime e muito menos vivo do crime, e sim cometi um crime, que pode acontecer com qualquer pessoa que estiver sobre forte emoção como eu estava. Isso tudo é lógico se Deus quiser.” (transcrição de texto produzido por V.V.R., 52 anos)

Sair de um lugar e ir a outro, trabalhar, casar, estudar, são todas ações que acontecem na vida humana a partir do corpo e porque se tem um corpo. Porém, esse percurso é construído mentalmente diversas vezes por esse homem, antes que haja a possibilidade de consolidação de tais atos, e sempre, e sublinhadamente, de acordo com a vontade de um ser superior, uma divindade.

Ao comentar sobre a escrita deste texto, V.V.R. nos diz que é capaz, através de um certo estado meditativo alcançado pela oração, de visitar essa sua vida projetada pós encarceramento.

> “Meu primeiro desejo, acho que como de todos que se encontram na mesma situação que eu, é buscar a liberdade, e graças a Deus a minha está próxima. Tenho fé de que tudo dará certo e no ano que vem posso já dá andamento ao último ano de faculdade que eu tenho, desejo muito isso, chego a sonhar que estou me formando e dando andamento ao meu trabalho, graças a Deus.” (transcrição de texto produzido por T.R., 23 anos)

T.R. também nos indica que, apesar do seu corpo encarcerado, consegue ir até sua formatura e seu trabalho, a partir de seu contato com Deus.

Foucault, ao falar sobre a utopia do corpo, nos ajuda a entender a relação destes homens com seus corpos, desejos e sonhos. O autor parte, inicialmente, da ideia de que o corpo é o contrário de uma utopia. Ou seja, que o corpo é topia, lugar; enquanto a utopia seria um não-lugar.

> Posso até ir ao fim do mundo, posso, de manhã, sob as cobertas, encolher-me, fazer-me tão pequeno quanto possível, posso deixar-me derreter na praia, sob o sol, e ele estará sempre comigo onde eu estiver. Está aqui, irremediavelmente, jamais em outro lugar. Meu corpo é o contrário de uma utopia, é o que jamais se encontra sob outro céu, lugar absoluto, pequeno fragmento de espaço com o qual, no sentido estrito, faço corpo (FOUCAULT, 2013, p. 7).

Qualquer coisa que se faça, estabelece relação direta e inseparável com o corpo - é com ele, por ele, através dele, que se pode fazer algo. Se corpo é lugar, é topia, em que medida a noção de utopia – não lugar - pode nos ajudar a entendê-lo?

> A que se deve o prestígio da utopia, a beleza, o deslumbramento da utopia? A utopia é um lugar fora de todos os lugares, mas um lugar onde terei um corpo sem corpo, um corpo que seria belo, límpido, transparente, luminoso, veloz, colossal na sua potência, infinito na duração, solto, invisível, protegido, sempre transfigurado; pode bem ser que a utopia primeira, a mais

> inextirpável no coração dos homens, consista precisamente na utopia de um corpo incorporal (FOUCAULT, 2013, p. 8).

Temos assim, corpo e utopia, lugar e não-lugar, aquilo que ata e aquilo que propiciaria a fantasia de um corpo incorpóreo, um corpo invisível, imaterial. Um corpo mais livre, flexível, ágil, que pode ser visto próximo do mundo das histórias fantásticas.

“Hoje me encontro suspenso, quase numa outra dimensão, e como não tenho opção...vou fechar os olhos e curtir essa viagem.” (transcrição de texto produzido por J., 32 anos)

O sujeito preso nos diz que a cadeia é um estado de suspensão da vida, onde há uma pausa, momento em que se apura o ser. Passa então a transitar mais intensamente na dimensão utópica de seu corpo, uma vez que sua topia, seu lugar, encontra-se limitado, encerrado, de certa forma. Visita, nesse tal estado de suspensão, lugares mágicos, potenciais residências de seus desejos e sonhos.

Enquanto seus corpos estão limitados, maltratados, sujos, suas almas estão libertas, ágeis, puras.

> A alma trabalha em meu corpo de forma excepcional. Ela o habita, é claro, mas ela sabe escapar dele: escapa para ver as coisas através das janelas dos meus olhos, escapa para sonhar, quando durmo, para sobreviver, quando morro. Ela é linda, minha alma, é pura, é branca; e se meu corpo lamacento – ou pelo menos não muito limpo – vier a sujá-la, haverá uma virtude, haverá um poder, haverá milhares de gestos sagrados que irão restaurar a sua pureza original. Ela vai durar por um longo tempo, e mais que por um longo tempo, até quando meu velho corpo apodrecer. Viva a minha alma! Ela é meu corpo luminoso, purificado, virtuoso, ágil, móvel, morno, fresco; é meu corpo liso, castrado, arredondado como uma bolha de sabão. (FOUCAULT, 2013, p. 9)

A alma é conhecida das religiões e da filosofia, ainda que sob significados diferentes. A alma, pura, é lugar de conhecimento; e está diante dela o corpo, impuro, lugar de erro. A alma deve apagar o corpo, se sobrepor a ele, ou ao menos colocá-lo de lado, ou se permanece no plano do sensível e do devir, ou seja, no plano das opiniões e sem acesso à verdade que somente a alma pode alcançar.

Assim a utopia, de acordo com Foucault, enquanto lugar mágico, ou além túmulo, ou ainda a alma, é aqui a expressão de uma recusa obstinada do corpo. Entre essas a mais forte forma utópica de se apagar o corpo seria a última, o encerramento, a projeção do cadáver.

Ressaltamos que, apesar de Foucault apontar inicialmente certo distanciamento entre corpo e utopia, aponta em certo ponto que o corpo parece ser antes utópico que não utópico. Ou mais que isso, o corpo traz em si ambas as dimensões, utopia e não utopia. Como segue:

> Corpo incompreensível, corpo penetrável e opaco, corpo aberto e fechado: corpo utópico. Corpo absolutamente visível, em um sentido: sei muito bem o que é ser olhado por alguém da cabeça aos pés, sei o que é ser espiado por trás, vigiado por cima do ombro, surpreso quando percebo isso, sei o que é estar nu; no entanto, este mesmo corpo que é tão visível, é afastado, captado por uma espécie de invisibilidade da qual jamais posso desvencilhá-lo. Este meu crânio, atrás do meu crânio, que posso tocar com meus dedos, mas nunca ver; […]. O corpo, fantasma que só aparece na miragem dos espelhos e, ainda assim, de maneira fragmentária. Preciso, verdadeiramente, dos gênios e das fadas, da morte e da alma, para ser ao mesmo tempo indissociavelmente visível e invisível? [...] Não, verdadeiramente, não há necessidade da mágica nem do feérico, não há necessidade de uma alma nem de uma morte para que eu seja ao mesmo tempo opaco e transparente, visível e invisível, vida e coisa. Para que eu seja utopia, basta que seja um corpo (FOUCAULT, 2013, p. 10-11).

As utopias não são o oposto do corpo. O próprio corpo contém as possíveis utopias por sua disposição anatômica, com costas e nuca que não vejo de imediato. Ele pode ser visível e invisível; opaco e transparente. Assim, ele seria fonte primeira de todas as demais formas de utopia - ainda que depois elas pareçam se voltar contra ele para apagá-lo como vimos acima, nos casos do lugar mágico, país dos mortos, e da alma.

> A terra de fadas, duendes, gênios, mágicos... essa é a terra onde os corpos se movem tão rapidamente quanto a luz, onde as feridas se curam no maravilhoso tempo de um lampejo, essa é a terra onde se pode cair de uma montanha e continuar vivo, onde ficamos visíveis ou invisíveis quando queremos. Se há uma terra mágica, é possível que eu seja o príncipe encantado e que todos os caras bonitos se tornem feios. (FOUCAULT, 2013, p. 14)

Seria essa espécie de relação com a magia que o homem preso estabelece com sua noção de corpo, de alma, e porque não, de divino, com o que reiteradas vezes chamam de Deus? Seria este corpo, utópico, esfera onde se pode projetar um lugar outro, um possível meio de resistência à experiência do encarceramento?

> Meu corpo está, de fato, sempre em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo. Pois, é em torno dele que as coisas estão dispostas, é em relação a ele - e em relação a ele como em relação a um soberano - que há um acima, um abaixo, uma direita, uma esquerda, um diante, um atrás, um próximo, um longínquo. O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino. percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. (FOUCAULT, 2013, p.14)

Como diante dessa potência utópica que é o corpo, ainda sabemos que temos um corpo, e que cá estamos?

O espelho e o cadáver servem como meios de sempre nos trazer de volta, ou de nos por sempre aqui no corpo-lugar. É por eles que descobrimos nossos corpos, ambos nos lembram que temos um corpo.

> As crianças, afinal, levam muito tempo para saber que têm um corpo. Durante meses, durante mais de um ano, elas têm apenas um corpo disperso, membros, cavidades, orifícios, e tudo isso só se organiza, tudo isso literalmente toma corpo somente na imagem do espelho. De modo mais estranho ainda, os gregos de Homero não tinham uma palavra para designar a unidade do corpo. Por paradoxal que seja, diante de Tróia, abaixo dos muros defendidos por Heitor e seus companheiros, não havia corpos, mas braços erguidos, peitos intrépidos, pernas ágeis, capacetes cintilantes em acima de cabeças: não havia corpo. A palavra grega para dizer corpo só aparece em Homero para designar cadáver. É o cadáver, portanto, o cadáver e o espelho que nos ensinam (enfim, ensinaram aos gregos e agora ensinam às crianças) que temos um corpo, que este corpo tem uma forma, que esta forma tem um contorno, que no contorno há uma espessura, um peso; em suma, que o corpo ocupa um lugar (FOUCAULT, 2013, p. 15).

O cadáver, o corpo morto, a morte. O elemento que traz de volta ao homem o corpo-lugar é elemento familiar na cadeia. O medo e a tensão que permeiam os ambientes é também da morte. A morte é o acontecimento que levou muitos deles até lá, portanto estes homens a viram, a sentiram, a experimentaram. A morte, inevitavelmente, é elemento presente na investigação e é justamente por essa relação tão próxima com o cadáver, com o fim, que os significados do corpo sofreram profunda alteração.

J., 32 anos, cumpre 8 anos de pena por homicídio. Assassinou seu chefe após recorrentes humilhações, com um tiro na testa, cara-a-cara. F., 42 anos, assassinou sua namorada de 17 anos, com seu filho recém-nascido no colo, por ciúmes. D., 47 anos, assassinou o estuprador de sua filha de 12 anos. C., 35 anos, assassinou um colega após uma discussão acalorada sobre política. S., 37 anos, matou um policial. São esses os homens que sonham, fazem planos, curam seus corpos das marcas que têm a partir do corpo utópico. São esses alguns dos homens que deram voz a essa pesquisa.

Esses homens lidam com suas realidades, reconhecem sua proximidade com a morte. Esses mesmos homens projetam, constroem sonhos, imaginam uma nova vida, numa nova realidade. Foucault explica esse paradoxo, nos dizendo que o corpo utópico é criado e está em constante movimento com o corpo-lugar. Esse movimento está ativado, entre o corpo utópico que os apaga, do país dos mortos, e o corpo utópico que os ilumina, da fantasia, do contato com o sagrado.

Retomaremos, a partir da noção de corpo utópico, as noções de corpo supliciado e corpo adestrado, como percurso para entendermos o corpo do sujeito preso e suas relações e reflexões possíveis, sociais e individuais, consigo e com o outro, nas esferas individual e coletiva, a partir e através das várias dimensões que compõe tal noção.

Foucault, em meados da década de 70, fala sobre o corpo em intensa relação com o poder.

> Se fizéssemos uma história do controle social do corpo, poderíamos mostrar que, até o século XVIII inclusive, o corpo dos indivíduos é essencialmente a superfície de inscrição de suplícios e de penas; o corpo era feito para ser supliciado e castigado. Já nas instâncias de controle que surgem a partir do século XIX, o corpo adquire uma significação totalmente diferente; ele não é mais o que deve ser supliciado, mas o que deve ser formado, reformado, corrigido, o que deve adquirir aptidões, receber um

> certo número de qualidades, qualificar-se como corpo capaz de trabalhar (FOUCAULT, 2005, p. 119).

Retomemos ao corpo do suplício, de “Vigiar e punir”. O corpo do condenado era a superfície material sobre a qual o poder real se exercia. Castigar certos crimes até essa época era apossar-se do corpo do sujeito e sobre ele provocar sofrimentos calculados, muitas vezes até o fim, a morte.

> Nas monarquias europeias, o crime era não somente descaso pela lei, transgressão. Era, a um só tempo, uma espécie de ultraje feito ao rei. Todo crime era, por assim dizer, um pequeno regicídio. Atacava-se não apenas a vontade do rei, mas também, de algum modo, sua força física. Na mesma medida, a pena era a reação do poder real contra o criminoso (FOUCAULT, 2012a, p. 105-106).

Retomemos também o momento em que o suplício deu lugar a uma tecnologia mais sútil e imaterial, o poder disciplinar, com seu campo de ação atuando na ordem da modelagem, da ortopedia, do adestramento. Aos poucos, sai de cena o corpo supliciado e cada vez mais fica em evidência o corpo adestrado, seja nas instâncias da justiça penal, seja em toda a sociedade.

> É preciso, em primeiro lugar, afastar uma tese muito difundida, segundo a qual o poder nas sociedades burguesas e capitalistas teria negado a realidade do corpo em proveito da alma, da consciência, da idealidade. Na verdade, nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder... Qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa? Eu penso que do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, meticuloso. Daí esses terríveis regimes disciplinares que se concentram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas

> oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias... (FOUCAULT, 2004a, p. 147-148).

O lugar primeiro de exercício e prática de poder é, portanto, o corpo. Adestra-se, torna-se dócil o corpo do adulto, da criança e só a partir daí opera-se num nível menos material.

> Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalcamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico (FOUCAULT, 2004a, p. 148-149).

Temos, portanto, estabelecida uma relação entre poder, saber e o corpo. Esta tecnologia política do corpo é ativada ou posta em funcionamento pelos procedimentos disciplinares, que se exercem sobre ele de forma detalhada, mais sobre os processos do que sobre os resultados. Em seguida uma quase (re)apropriação do sujeito sobre seu corpo, quando o projeta, se descola e se desloca, a partir da noção de corpo utópico.

O CÁRCERE COMO INSPIRAÇÃO

O tempo, o vazio, o ócio. Enquanto a tensão permeia os espaços, as relações, o convívio, um vazio profundo é sentido na solidão das celas. Seria este

vazio espaço possível para o corpo utópico, esfera onde se pode projetar um lugar outro, um possível meio de resistência à experiência do encarceramento? O que pode este corpo utópico, que lugares visita, de que projeções e produções é capaz?

"*Às 18h tem a tranca, depois desse horário cada um vai pro seu quadrado, fica tudo quieto, triste, bate a saudade. Não tem ocupação, quem não lê então, tá perdido*." (J.M.C., 30 anos)

Dostoievski e Gramsci são alguns dos exemplos de autores que escreveram marcantes obras literárias enquanto estavam no cárcere. A experiência de estar fora do convívio social, numa intensa experienciação de si, dá voz a vozes ocultas, silenciadas.

"A prisão apura o ser." afirmou J. em um encontro. E explicou essa afirmação através dessa imagem, do homem solitário, num encontro intimo com suas profundezas, num mergulho em partes de seu eu que sequer poderia supor que existissem. O cotidiano, o fluxo intenso de informações de um lado e a falta de experiências reais do outro, muitas vezes nos confunde, nos deixando na superfície, nos impedindo desse aprofundamento.

> Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituirnos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de "sabedoria", mas no sentido de "estar informado"), o que consegue é que nada lhe aconteça. A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o saber de experiência é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal

> como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado. É a língua mesma que nos dá essa possibilidade.(LARROSA, 2002, p.22)

Graciliano Ramos, escritor brasileiro, em Memórias do Cárcere, aponta ter certo desejo desse estado de suspensão descrito pelos detentos da pesquisa. Como se naquele momento o encarceramento representasse para ele um estado interno de liberdade, trazendo uma tensão entre o externo e o interno.

> Naquele momento a idéia da prisão dava-me quase prazer: via ali um princípio de liberdade. Eximira-me do parecer, do ofício, da estampilha, dos horríveis cumprimentos ao deputado e ao senador; iria escapar a outras maçadas, gotas espessas, amargas, corrosivas. Na verdade suponho que me revelei covarde e egoísta. (RAMOS, 1996, p.16)

Quando Graciliano vai para prisão, em função de seus posicionamentos políticos, em Maceió, vê ali a possibilidade de ter no cárcere refúgio para corrigir um de seus livros, desejando então que sua condenação dure ao menos o suficiente para que essa atividade seja finalizada.

A todo o momento Graciliano aponta como motivo para resistir e suportar sua permanência no cárcere, o desejo de transformar o horror vivido na prisão em um livro testemunho. Sua resistência às práticas de violência e poder será a escrita e o autor tem essa determinação presente todo o tempo, a escrita de um livro tomado de verdade, com voz.

"Havia qualquer suspeita contra nós? Não havia. Tínhamos entrado em desordem? Não tínhamos. Éramos inimigos de barulhos? E então. Porque estávamos ali? Hem? E porque essa história de colônia correcional?" (RAMOS, 1996, p. 22)

Essa “voz” de Graciliano, consciente, intencional, que vivencia o cárcere para então denunciá-lo, que grita como resistência, como testemunho, podemos analisar através da preocupação de Foucault em compreender o uso do discurso e da verdade. O autor propõe um deslocamento livre entre os conceitos de enunciado, de discurso, e de sujeito, relacionando-os, para refletir a “prática discursiva”:

> O autor – ou o que eu tentei descrever como a função autor – é, sem dúvida, apenas uma das especificações possíveis da função sujeito. Especificação possível ou necessária? Tendo em vista as modificações históricas ocorridas, não parece indispensável, longe disso, que a função autor permaneça constante em sua forma, em sua complexidade, e mesmo em sua existência. Pode-se imaginar uma cultura em que os discursos circulassem e fossem aceitos sem que a função autor jamais aparecesse. (FOUCAULT, 2004, p. 287).

Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, uma das maiores obras da literatura mundial, também foi produzida enquanto o autor estava atrás das grades. Foi durante a prisão, no final do século 16 por conta de dívidas exorbitantes, que o espanhol Miguel de Cervantes y Saavedra começou a escrever a trama. Outro autor bastante conhecido que escreveu numa experiência de encarceramento foi Oscar Wilde, condenado à prisão por “comportamento indecente”, em função de sua opção sexual, no final do século 19. De Profundis, uma carta endereçada ao seu companheiro que não pode ser enviada, foi publicada em 1897.

O cárcere inspirou opostos, do profano ao sagrado, da barbárie à paz.

Temos tanto Justine, considerada uma das obras primas de Marquês de Sade, entre as várias escritas em suas passagens pelas prisões de Bastilha, em Paris; quanto Epístolas da Prisão, do Apóstolo Paulo, uma obra bíblica que também foi escrita num aprisionamento: o apóstolo Paulo de Tarso. Quatro das 14

epístolas associadas a Paulo, pertencentes ao Novo Testamento, foram escritas durante o seu período na prisão: Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemon.

As experiências de encarceramento são tão intensas que Fiodor Dostoievski, escritor russo, também fez questão de imprimir em “Recordação da Casa dos Mortos” as sensações e experiências vividas durante os quatro anos que passou exilado na Sibéria. “Memórias do Subsolo”, do mesmo autor, tem a mesma temática e retrata as memórias do período de confinamento. O escritor foi preso por participar de um grupo de intelectuais revolucionários, que conspiravam contra o poder da época.

Mantendo seu estilo descritivo, minucioso, nos transporta através de suas palavras ao presídio que chama de “A casa dos mortos”:

> O nosso presídio ficava nos limites da fortaleza, junto ao baluarte. Quando, através das fendas da paliçada, procurávamos avistar o mundo, entrevíamos apenas uma nesga estreita de céu e um alto barranco de terra, invadido pelo mato alto, noite e dia percorrido pelas sentinelas. E nós pensávamos logo que não adiantava passarem-se os dias: veríamos sempre, olhando por aquelas fendas, a mesma muralha, o mesmo soldado, a mesma nesga de céu – não o céu da fortaleza, mas um outro, um céu mais longínquo, um céu livre. Imaginai um vasto pátio de duzentos passos de comprimento e cento e cinquenta de largura, com a forma dum hexágono irregular. Uma paliçada feita de altos moirões, profundamente encravados no solo, fortemente ligados uns aos outros, e talhados em ponta – rodeava por todos os lados o nosso presídio. Num dos lados da paliçada um portão, sempre fechado, sempre guardado por uma sentinela, não se abre senão à vista de uma ordem a fim de dar passagem aos presidiários que vão para o trabalho. Além desse portão, havia o mundo luminoso da liberdade. E, de dentro, aquele mundo nos parecia como um conto de fadas, como uma miragem. O nosso mundo nada tinha de análogo com esse outro: eram leis, costumes, hábitos característicos, uma casa morta-viva, uma vida à parte de homens à parte. E é esse recanto que desejo descrever. Quando se penetra no recinto, distinguem-se lá diversas construções. Dos dois lados do grande pátio se erguem amplas construções de madeira de um só andar. São as casernas. Lá vivem os forçados, separados em categorias. No fundo do pátio se eleva uma

> edificação do mesmo gênero, a cozinha, dividida em duas peças, e, mais atrás, um barracão que, sob o mesmo teto, abriga a adega, a despensa e o celeiro. O centro do pátio forma uma espécie de praça ampla, nua e plana. Os detentos lá se reúnem para a chamada, pela manhã, ao meio-dia e à tarde, e, às vezes, até extemporaneamente quando os soldados da guarda são desconfiados ou gostam de fazer contas. Entre as construções e a paliçada ainda há um espaço considerável. Nesse trecho é que, nas horas de descanso, alguns detentos sombrios, pouco sociáveis, vão passear, e, longe de todos os olhos, mergulham nos seus pensamentos. Quando eu os encontrava no decorrer desses passeios, gostava de lhes perscrutar os rostos sombrios e estigmatizados, a lhes imaginar as preocupações. Um deles passava o seu tempo livre a contar as estacas da cerca. Eram quinhentas, contudo ele as conhecia de cor. Cada uma das estacas lhe significava um dia. Descontava uma diariamente e, assim, contando as que restavam, podia com um olhar calcular o tempo que ainda passaria nos trabalhos. Quando terminava um dos lados do hexágono, não escondia a sua alegria, restava-lhe ainda mais de um ano de espera, mas o presídio é uma boa escola de paciência. (DOSTOIEVSKI, 2006, p.9)

Seria a escrita uma forma de transferir a experiência para um outro formato, conseguindo transformar essa experiência de encarceramento em arte? Seria a literatura uma maneira reflexiva de se perceber nessa experiência de subjetivação? Como as produções literárias, cinematográficas, artísticas representam as experiências de encarceramento vividas por seus autores? O que representam? A quem representam?

E aos outros, que não transformam suas emoções e experiências em arte, o que é possível? Seria a educação um possível espaço transformador, criador para esse processo? O encontro, a troca, a narrativa? São questões que nos propomos a pensar.

Michelangelo Merisi, conhecido como Caravaggio, pintor italiano que viveu entre 1571 e 1610, passou boa parte de sua vida entre processos penais, exílios e sentenças. Admirado por sua capacidade de imprimir em suas telas um realismo sedutor, conquistou uma série de admiradores e seguidores. Interessava-se

intimamente pelo profano e pelo sagrado, e suas obras refletem esse aspecto ambíguo de sua existência.

Alguns críticos o descrevem como “sinistro”, “gênio violento e subversivo”, capaz de “entrar em detalhes vicerais, horripilantes...testemunha de maneira viva a afinidade entre sua arte e o espetáculo turbulento, sangrento, popular”. (DIXON, 2011)

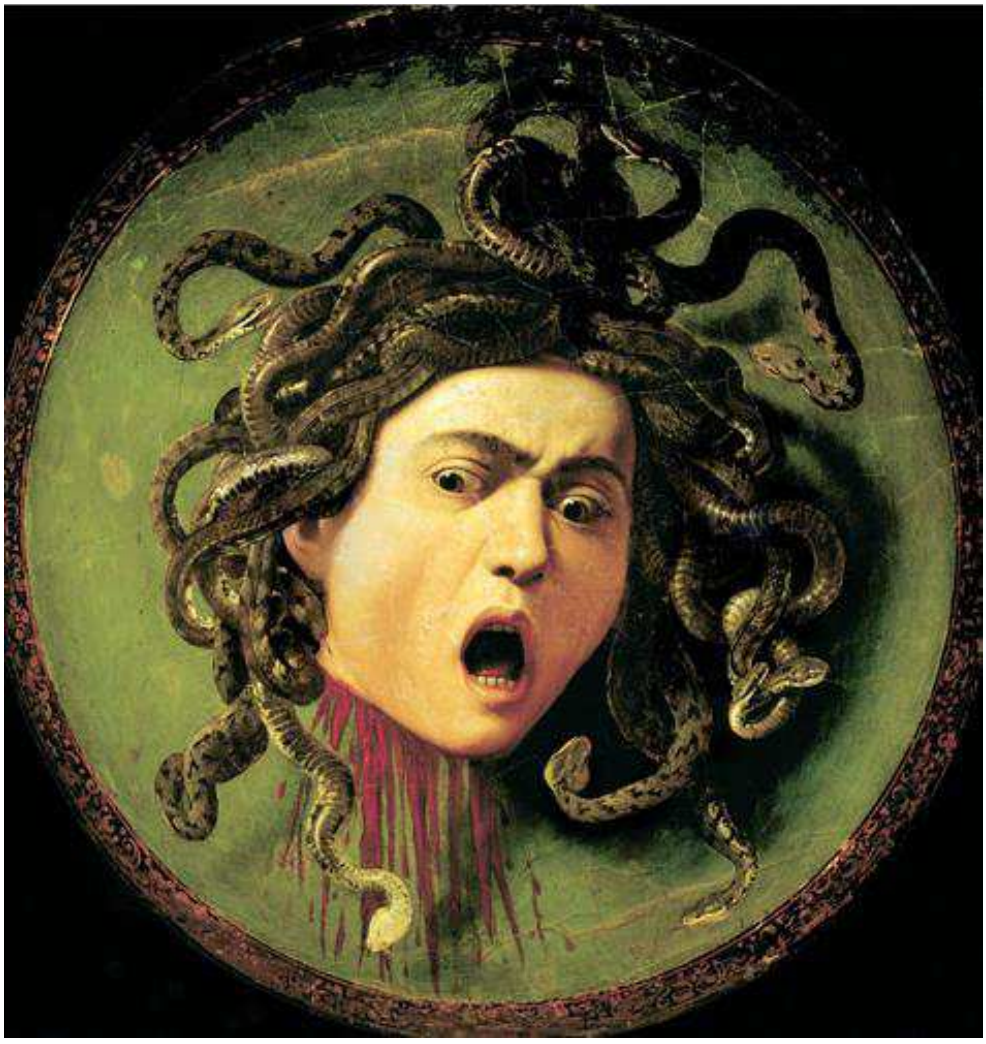

Imagem 1 – Medusa Mortula – 1596

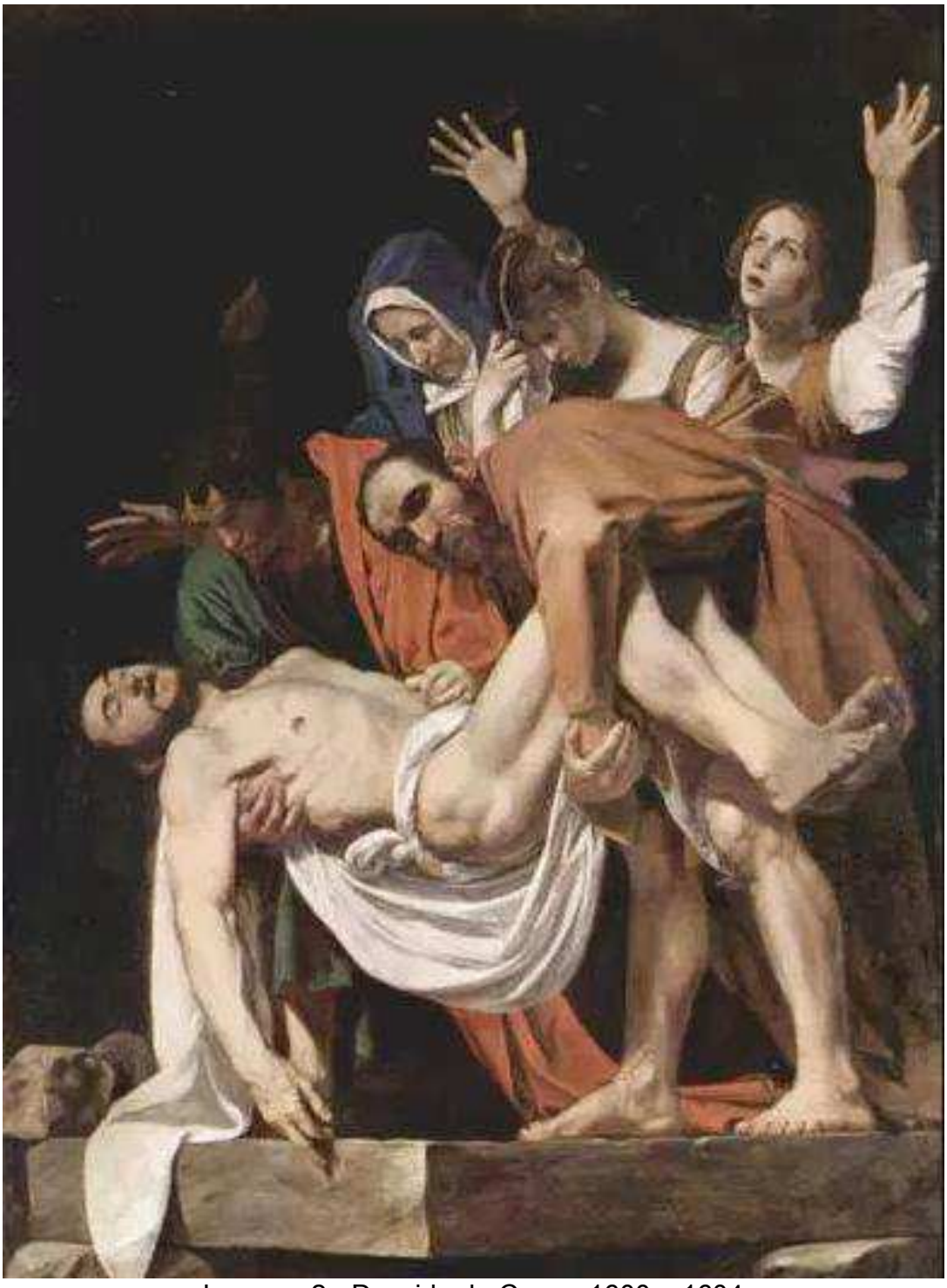

Imagem 2 - Descida da Cruz – 1600 – 1604

Imagem 3 - O Martirio de São Lourenço – S/d

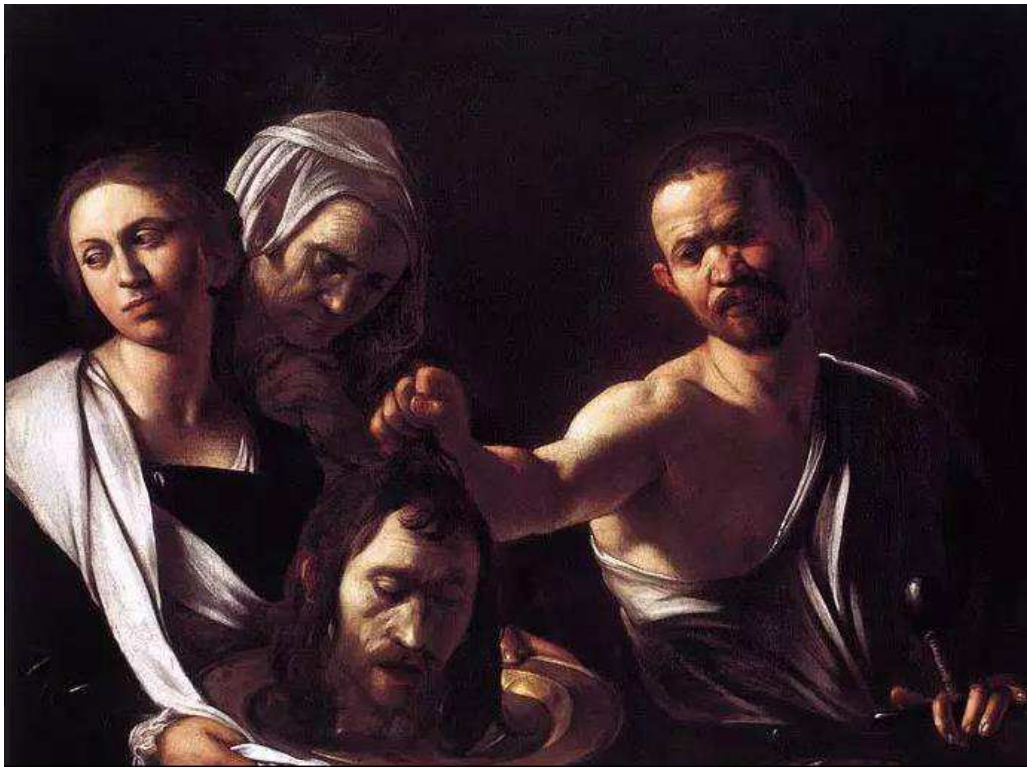

Imagem 4 - Salomé recebe a cabeça de São João Batista

O pintor retratava em suas obras aspectos que chocavam e atraiam as pessoas da época. Pintou igrejas, fez muitas obras por encomenda e desagradou a muitos também. Viveu parte da vida preso, parte se escondendo e morreu cedo, aos 38 anos.

O cárcere choca e de alguma forma atrai as pessoas. Não por acaso vemos tantas produções com essa temática. O que foge dos padrões e normas estabelecidas suscita curiosidade, opiniões diversas e julgamentos. Existem cerca de oito seriados televisivos com a temática, onde o cotidiano carcerário é acompanhado, alguns mais fantasiosos e ficcionais, outros bastante realistas.

“Orange is the new black” é um deles. Inspirado no livro de Piper Kerman sobre sua experiência na prisão, já conta com cinco temporadas com cerca de quinze episódios em cada.

Inúmeros livros, filmes e documentários poderiam ser citados e comporiam uma enorme lista sobre o tema. A questão é: o que a experiência de encarceramento traz ao homem? A que movimenta? O que a inspira?

O ativista Martin Luther King Jr., ganhador do Nobel da paz, escreveu nela (prisão) sua obra mais importante, o livro manifesto chamado “Carta de uma prisão em Birmingham”, sobre as manifestações dos negros nas lutas por igualdade.

Se “a prisão apura o ser” como nos afirmou J.D.G., podemos então pensar a que o encarceramento intensifica, transforma ou cria; como se relaciona com o sujeito? O que degrada e o que se constituí experiência?

O uso do tempo

Eu [redacted], faço o uso do meu tempo da seguinte forma!

de manhã: faço as higienes das quais todo ser faz ao acordar,
Trabalho: Logo após o café em cela vou para o serviço, isso é as 06:30 da manhã, mecho com os condimentos do feijão, pois aqui como trabalho na cozinha fico encarregado do feijão eu e um companheiro, fazemos a escolha do feijão, logo após as 09:45 eu monto as dietas para poder servi-las, ao total são 12 dietas, essas dietas são para presos que tem ipertensão e soro positivo, tudo isso acaba quando venho para a escola e agora no curso, no restante do dia é mais trabalho, as 18:00 somos trancados, e eu fico Desenhando em cela, e a cada 15 em 15 dias minha mãe me visita

A ESCOLA

Considerações:
Gosto de desenhar, e gosto do que faço, se não gosto é de estar preso, mais fazer o que né eu cometi um delito, agora tenho que pagar, no demais um boa tarde

COMIDA

Titãs

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?...

A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte...

A gente não quer só comida
A gente quer bebida
Diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida
Como a vida quer...

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?...

A gente não quer só comer
A gente quer comer
E quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer
Prá aliviar a dor...

A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer dinheiro
E felicidade
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer inteiro
E não pela metade...

Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?...

A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte...

A gente não quer só comida
A gente quer bebida
Diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida
Como a vida quer...

A gente não quer só comer
A gente quer comer
E quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer
Prá aliviar a dor...

A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer dinheiro
E felicidade
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer inteiro
E não pela metade...

Diversão e arte
Para qualquer parte
Diversão, balé
Como a vida quer
Desejo, necessidade, vontade
Necessidade, desejo, eh!
Necessidade, vontade, eh!
Necessidade...

Do que precisa o homem? O que deseja o homem? A que escolhe o homem?

As prisões se configuram como promotoras de violência e despersonalização dos indivíduos, numa teia de relações de repressão, ameaça, falta de privacidade, desumanidade e, em meio a esse cotidiano marcado por regras de conduta, expectativas de resposta e um difícil gerenciamento de si, o sujeito preso encontra alguns programas de educação e recreação como possibilidades que permeiam o contexto prisional.

Temos como questão central de pesquisa o que aqui se apresenta: “A educação, ou através da educação, abre novos espaços para uma percepção diferenciada do sujeito preso sobre si e sobre o mundo?”, “Podemos pensar em caminho(s) de luz na escuridão das celas?”, “A escola, sabidamente conformadora e normatizadora, pode no contexto prisional se configurar num espaço outro, de criação e reflexão?”

Ottoboni nos oferece uma pista:

> [...]somente quando o preso sente a presença de alguém que lhe oferece uma amizade sincera, destas que não exigem compensações ou retorno, é que se inicia o processo de desalojamento das coisas más armazenadas em seu interior e a verdade começa a assumir o seu lugar, restaurando, paulatinamente, a autoconfiança, revitalizando os seus próprios valores. Isso se chama libertação interior. (OTTOBONI, 1984, p. 93)

E ainda Paulo Freire:

> [...] a melhor afirmação para definir o alcance da prática educativa em face dos limites que se submete é a seguinte: não podendo tudo, a prática educatica pode alguma coisa. Ao se pensar na educação do homem preso, não se pode deixar de considerar que o homem é inacabado, incompleto, que se constitui ao longo de sua existência e que tem vocação para ser mais, o poder de fazer e refazer, criar e recriar. (FREIRE, 1995, p 96)

O que o espaço escolar dentro do espaço carcerário significa enquanto experiência para os detentos e de que forma essas experiências dialogam com suas construções subjetivas e seus períodos de encarceramentos, são questões que só podem ser respondidas pelos detentos. As reflexões que propomos aqui acontecem a partir das vozes que buscamos em campo, num diálogo sincero e afetivo entre a escuta e a teoria.

Passaremos brevemente por alguns dados oficiais que nos ajudam a entender em que contexto está localizada nossa questão.

Temos hoje no Brasil uma população carcerária (segundo o último censo de 2013) de 574.027 pessoas. Porém, temos apenas 317.733 vagas, o que significa um déficit de 256.294 vagas. Ou seja, cerca de 45% da população carcerária brasileira vive em condição de superlotação?. Viver num presídio superlotado quer dizer viver em condições sub-humanas, muitas vezes sem alimentação adequada, dormindo em sistema de rodízio, entre outras privações.

Porém, temos preconizado em nossa Constituição o princípio da dignidade da pessoa humana, que se constitui num pilar para a reinserção social dos indivíduos presos.

A constituição federal de 1988, em seu artigo 1°, inciso III, diz:

> Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:
>
> I - a soberania;
>
> II - a cidadania
>
> III - a dignidade da pessoa humana;
>
> IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;
>
> V - o pluralismo político.

Tal artigo assegura tal principio – a dignidade -, como um direito fundamental. Considerando tal princípio, não há dificuldade em se observar, apenas através dos dados de superlotação apresentados, situação onde tal direito não é respeitado. Assim, podemos encontrar circunstâncias em que a dignidade da pessoa humana é violada quando falamos de pessoas presas, sendo-lhes aplicadas penas em situação degradante, com uso de torturas e maus-tratos. (BITENCOURT, 2007).

> A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 5º, inciso XLIX dispõe que "é assegurado aos presos o respeito à integridade física e moral" e também proíbe em seu mesmo artigo, inciso XLVII a aplicação de penas cruéis e degradantes. É de salientar também que o artigo 1º da Lei de Execução Penal dispõe a necessidade de proporcionar condições favoráveis para a harmônica integração social entre os presos, evidenciando-se, assim, a total proibição de tratamentos desumanos que violem a dignidade da pessoa.(BITENCOURT, 2007, p. 17)

As pessoas submetidas aos centros prisionais mantém todos seus direitos conservados, exceto aqueles como consequência específica da privação da liberdade. Ainda de acordo com a Constituição Federal, fica assegurada a Humanização da Pena onde em seu artigo 5º, inciso XLVII: "[...]não haverá penas: a) de morte, salvo em caso de guerra declarada, nos termos do art. 84, XIX; b) de caráter perpétuo; c) de trabalhos forçados; d) de banimento; e) cruéis." E no inciso XLVIII: "é assegurado aos presos o respeito à integridade física e moral.

No Código Penal art. 38:

Art. 38 - O preso conserva todos os direitos não atingidos pela perda da liberdade, impondo-se a todas as autoridades o respeito à sua integridade física e moral. (Redação dada pela Lei nº 7.209, de 11.7.1984).

E a Lei de Execução Penal dispõe no artigo 40:

"Impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios".

Uma das faces desta suposta garantia de direitos, que já acontece num contexto onde direitos básicos não conseguem ser supridos, é o direito à educação.

A estrutura formal que nos dá o cenário, o pano de fundo desta análise, de como acontecem os programas educacionais que se estruturam na Administração Penitenciária do Estado de São Paulo, tem início no órgão responsável pela execução da educação escolar no interior dos espaços prisionais, que hoje é a Fundação Professor Doutor Manoel Pedro Pimentel - FUNAP.

A FUNAP é uma fundação originada em 1975, com a intenção de investir na profissionalização do interno.

> A meu juízo, a preocupação primeira da FUNAP é o atendimento a essas unidades de produção e por isso ela mantém um Departamento de Relações do Trabalho, que termina por selecionar os internos que vão trabalhar nesses postos, assim como prepará-los para sua inserção no mercado de trabalho quando de seu regresso à situação de liberdade. (SANTOS, 2002,p.28)

Importante ressaltar que a procura dos detentos por trabalho é muito grande, apontada por eles como importante sinalizador de recuperação e ressocialização. A remissão de pena através do trabalho também não pode ser desconsiderada.

Além de se responsabilizar pela formação profissional, é também a FUNAP a responsável pelos programas educacionais escolares que acontecem nos estabelecimentos penais, conforme veremos com maior profundidade. A Lei de Execução Penal prevê que o Estado é obrigado a fornecer educação

fundamental nos estabelecimentos penitenciários, devendo integrar-se ao sistema escolar da unidade federativa. (LEP, Art.18)

Portanto, se por algum motivo o preso não tiver cumprido o ensino fundamental e assim o desejar, tem esse direito, independente de sua idade, condição econômica ou status jurídico. Porém, há fatores dificultadores, tais como falta de material adequado - uma vez que o material utilizado muitas vezes é o mesmo utilizado com crianças -, flutuação da população carcerária, desmotivação dos profissionais, baixos salários, entre outros.

Sendo assim, apesar de direito garantido pela Lei de Execuções Penais, a própria FUNAP reconhece que nem sempre consegue garantir o bom andamento de atividades escolares no interior das Unidades Prisionais do Estado de São Paulo. Aliado a isso temos um fechamento cada vez maior deste tipo de instituição, junto a um movimento popular de deslegitimação de direitos do sujeito preso, processo que coloca esse fato na invisibilidade.

Apesar do direito garantido, temos hoje 51% dos presos com Ensino Fundamental incompleto, porém apenas uma média de 10% participam de alguma atividade educacional. Temos no Brasil:

Fonte: Departamento Penitenciário Nacional (2014)

Temos em nossas legislações:

> Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (C.F.88)
>
> Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 5º O acesso ao ensino fundamental é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída, e, ainda, o Ministério Público, acionar o Poder Público para exigi-lo. (LDB, 96)
>
> Art. 10. A assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade. Parágrafo único. A assistência estende-se ao egresso. Art. 11. A assistência será: I - material; II - à saúde; III - jurídica; IV - educacional; V - social; (LEP)

Os artigos 17 – 21 da Lei de execuções penais também tratam da assistência educacional no sistema prisional.

> Da Assistência Educacional.
> Art. 17. A assistência educacional compreenderá a instrução escolar e a formação profissional do preso e do internado.
> Art. 18. O ensino de 1º grau será obrigatório, integrando-se no sistema escolar da Unidade Federativa.
> Art. 19. O ensino profissional será ministrado em nível de iniciação ou de aperfeiçoamento técnico.
> Parágrafo único. A mulher condenada terá ensino profissional adequado à sua condição.
> Art. 20. As atividades educacionais podem ser objeto de convênio com entidades públicas ou particulares, que instalem escolas ou ofereçam cursos especializados.
> Art. 21. Em atendimento às condições locais, dotar-se-á cada estabelecimento de uma biblioteca, para uso de todas as categorias de reclusos, provida de livros instrutivos, recreativos e didáticos.

E ainda:

> Art. 83. O estabelecimento penal, conforme a sua natureza, deverá contar em suas dependências com áreas e serviços destinados a dar assistência, educação, trabalho, recreação e prática esportiva. § 4o Serão instaladas salas de aulas destinadas a cursos do ensino básico e profissionalizante. (Incluído pela Lei nº 12.245, de 2010)
>
> Art. 126. O condenado que cumpre a pena em regime fechado ou semiaberto poderá remir, por trabalho ou por estudo, parte do tempo de execução da pena. (Redação dada pela Lei nº 12.433, de 2011)

Como podemos perceber, educação e trabalho são vistos como processos muito próximos, quase indissociáveis, tanto pelo preso quanto pelos agentes operadores da execução penal, quando falam sobre o papel da educação. Mas como o processo escolar acontece de fato?

> As escolas constituem uma territorialidade espacial e cultural onde se exprime o jogo dos atores educativos internos e externos; por isso, a sua análise só tem verdadeiro sentido se conseguir mobilizar todas as dimensões pessoais, simbólicas e políticas da vida escolar, não reduzindo o pensamento e a ação a perspectivas técnicas, de gestão ou de eficácia *stricto sensu* (NOVOA, 1995, p.16)

O limite para flexibilização ou não das atividades no interior dos presídios não é claro, pois vemos experiências muito diversificadas nas unidades prisionais. As atividades de segurança e disciplina sempre se sobrepõem a quaisquer outras e vemos que as prisões não conseguem se libertar de sua característica original de administrar massas carcerárias e ser um aparelho exemplarmente punitivo. Entretanto, vemos movimentos de humanização que tiveram início justamente a partir do aparato escolar.

Com a crise econômica da FUNAP, presos começaram a ser monitores de aulas, lecionando assim para seus colegas, e criando pontos de ruptura e resistência do equilíbrio da lógica do controle e da punição. O resultado disso é um espaço com práticas singulares, compondo um sistema educacional que

descaracteriza por alguns instantes o caráter da instituição total e forma um outro mosaico, de relações fragmentadas e disformes mas compondo um todo que só é visto a alguns passos de distância. De perto nos parece um cenário caótico, desorganizado, mas quando olhamos cuidadosamente, vemos ali suspiros de alívio de um cenário de tensão e regulação constante. Espaço deles, feito por eles, onde se pode expressar, criar, refletir, conversar livremente, olhar nos olhos. A sala de aula é para o preso espaço de ruptura, onde pode se ver feixes de luz e libertação.

Ele anseia por aquele instante de partilha, por encontrar os amigos com tempo, por poder se sentir dignificado. É dado so sujeito, ainda que por instantes, a dignidade que deveria lhe ser garantida. Sente-se de fato pertencente a um movimento que o leva a algum lugar. De volta à sua vida anterior, ao encontro de uma nova vida, várias são as respostas. A escola ocupa seu tempo ocioso, movimenta seus conhecimentos.

> (E.K.L., 22 anos) – “Vir pra cá é desligar do resto, encontrar os amigos, lembrar lá de fora.”
>
> (R.E.M., 34 anos) – “É mas pra quem não tem coisa boa pra lembrar, é também um jeito de fazer alguma coisa nova.”
>
> (A.L.V., 38 anos) – “Quando fui escolhido pra dar aula, pra ser monitor, foi muito bom. Como se tivesse minha dignidade de volta, se pudesse fazer alguma coisa produtiva, alguma coisa por alguém. Não tô aqui porque sou bandido não, só defendi minha honra, minha dignidade, fiz o que fiz porque tinha que fazer e pronto. Tenho o colégio, terminei o colegial, quase ninguém aqui tem, posso ensinar, gosto, estudo pra dar as aulas que dou, me preparo. Dou português e matemática que é o que sei mas falo também de política que é o que gosto e o motivo de estar aqui. Da ditadura, do que o homem precisa no mundo, da manipulação que a gente sofre.” (Encontro 5 – 22/10/2015)

Os encontros que tivemos foram construindo laços e confiança. Um debate político-partidário acalorado tem início mas os próprios integrantes, já no 5º encontro, percebem que as questões conceituais estão se perdendo e

retomam o foco da conversa. Interessante perceber que em cinco encontros esse grupo já se auto percebe e estabelece a comunicação num nível conceitual, crítico, autocorretivo, criativo, com cumplicidade, rigor e entrega.

Retomamos para questão da escolarização e das possibilidades do que se vive no cotidiano da cadeia. A necessidade de autoafirmação é cada vez menor, os integrantes do grupo, que antes sentiam a necessidade de repetir várias vezes que eram bons presos, que não eram criminosos, que eram confiáveis, parecem já estar envolvidos suficientemente para não tratar mais dessa questão. Seus corpos já não estão tão tensos, os movimentos acontecem naturalmente e rimos juntos, conversamos, compartilhamos experiências, expectativas, desejos.

Rompemos uma barreira. Certamente criamos aqui, juntos, um ponto de ruptura, um ponto de fuga. Ruptura com a lógica, com o sistema, com a dinâmica que objetiva e coisifica. E estamos lá, do lado de dentro do muro. A roda de filosofia, a conversa, o diálogo, a construção de conceitos, a filosofia, o autocuidado e o cuidado do outro, o espaço está dado. Há um lugar.

A discussão sobre o que se vive está intrinsecamente ligada às reflexões sobre as seções anteriores, que buscam olhar para o sujeito nas esferas social e individual e para o contexto onde esta subjetividade está acontecendo. Se temos o espaço escolar comumente visto como espaço cada vez mais docilizador e produtor de corpos úteis, temos na escola dentro do presídio uma configuração muito própria. Vemos na sala de aula o único espaço capaz de romper com a lógica de docilização de corpos, ou ao menos subvertê-la.

A sala de aula parece ser um possível ponto de luz na escuridão do cárcere, onde há partilha de ideias e pensamentos, onde desejos são manifestos, onde sonhos são traçados. As dinâmicas formal e informal, os exercícios e rituais regulatórios, os jogos e confrontos, são todos movimentos que ficam por um instante porta afora. Dentro, deixam de serem seus números de identificação ou os artigos que representam os crimes que praticaram, para serem alunos, para serem colegas de turma e parceiros de aprendizagem.

Envolvem-se francamente com as atividades escolares, para além da remissão de pena ou outros benefícios que possam lhes interessar tal participação. Sentem naquele espaço, um espaço de resistência, de possibilidades, de criação.

> (E.K.L.,22 anos) – "Enquanto estamos trabalhando é bom, ocupamos a mente da gente. Faço a escolha do feijão, escolho as dietas dos que tem hipertensão, são 12. E tem os soropositivo também, comem diferente aqui. É bom, eu gosto de trabalhar. Mas depois, à tarde, vou pra escola, lá me sinto livre, escola é escola, em qualquer lugar. Parece até que nem tô aqui. Tem os livros, fico olhando, lendo, desenhando, conversando com os companheiros. É o melhor momento do dia, com certeza. Fim do dia é tranca, acabou." (Encontro 5 – 22/10/2015)

QUESTÕES HISTÓRICAS, LEGAIS, ESTRUTURAIS: impactos na educação carcerária paulista

Para entender a configuração atual das salas de aula carcerárias, realizaremos breve retomada de como a educação no sistema carcerário paulista se constituiu historicamente.

Segundo levantamento feito por Moreira (2007), até o começo dos anos 80, na vigência da Constituição Federal de 1969 e da LDB de 1961, não se tem conhecimento de nenhuma previsão legal para a Educação de adultos presos. A educação escolar nos presídios paulistas era realizada mediante comissionamento de professores da rede pública estadual.

Inicialmente, cada presídio era vinculado a uma escola pública estadual, constituindo-se a educação de presos em uma extensão das atividades educacionais do estabelecimento escolar. Isso significava que, em todos os seus aspectos, a escola destinada ao atendimento de adultos presos era a

mesma escola oferecida às crianças, adolescentes e jovens da rede regular de ensino.

Os dirigentes educacionais destas unidades não conheciam a realidade do sistema, tampouco realizavam algum trabalho neste sentido, apenas determinavam que as atividades educacionais dentro da prisão estivessem em consonância com as atividaes da unidade escolar, ou seja, sob sua autoridade.

Portugues (2001, p. 40) afirma que a qualidade do trabalho educativo, nessas circunstâncias, estava seriamente prejudicada:

> A educação de adultos presos está, portanto, envolta num panorama que circunscreve aspectos acometedores para a sua qualidade. Destacam, nesse sentido: a) a ausência de uma coordenação pedagógica própria, que atentasse para a especificidade daquele ensino, daquela instituição; b) a não constituição dos educadores num corpo docente, que permaneciam isolados cada qual em suas salas de aula; c) a não identificação destes profissionais com o exercício docente no interior de prisão, recaindo sua motivação na gratificação salarial d) a não caracterização deste ensino na modalidade de suplência, regulamentado desde 1971 pela Lei 5692/71; f) a impropriedade da extensão do ensino regular, destinado às crianças, aos adultos presos.

A Secretaria de Estado de Educação deixou de atuar nos presídios em 1979, quando as atribuições de contratar educadores e oferecer Educação para os presos foram delegadas à então Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso, criada em 1976, posteriormente transformanda na Funap.

A Funap, na qualidade de Fundação de direito público, tem como principais características, segundo o inciso XIX do artigo 37 da Constituição Federal: i) é instituída e mantida pelo Poder Público; ii) é criada através de Lei específica; iii) seus bens e rendas são considerados patrimônio Público; iv) o pessoal está sujeito ao regime jurídico único do Poder Público.

Essa Fundação – sucessora do Instituto de Amparo ao Trabalhador Preso - fora instituída por meio da Lei nº 1.238, de 23 de dezembro de 1976,

com a finalidade precípua de profissionalização dos presos, criação de postos de trabalho remunerado dentro dos presídios e comercialização da produção artesanal dos presos, conforme consignado em seu Estatuto, abaixo transcrito:

> **Artigo 3º -** A Fundação terá por objetivo contribuir para a recuperação social do preso e para a melhoria de suas condições de vida, através da elevação do nível de sanidade física e moral, do adestramento profissional e do oferecimento de oportunidade de trabalho remunerado, propondo-se, para tanto, a:
> I – Concorrer para a melhoria do rendimento do trabalho executado pelos presos;
> II – oferecer ao preso novos tipos de trabalho, compatíveis com sua situação de prisão;
> III – Proporcionar a formação profissional do preso, em atividades de desempenho viável, após sua liberação;
> IV - Concorrer para a laborterapia, mediante a seleção vocacional e o aperfeiçoamento profissional do preso;
> V – Colaborar com a Coordenadoria dos estabelecimentos Penitenciários – COESPE – e com outras entidades, na solução de problemas de assistência, médica, moral e material ao preso, à sua família, bem como à família da vítima do delito;
> VI –Concorrer para o aperfeiçoamento das técnicas de trabalho, com vistas à melhoria qualitativa e quantitativa da produção dos presídios, com a elaboração de planos especiais para atividades industriais, agrícolas e artesanais, promovendo a comercialização do respectivo produto, com sentido empresarial;
> VII – Promover estudos e pesquisas relacionadas com seus objetivos e sugerir, se for o caso, aos poderes públicos competentes, medidas necessárias ou convenientes para atingir suas finalidades;
> VIII – Apoiar entidades públicas ou privadas que promovam ou incentivem a formação ou aperfeiçoamento de pessoal penitenciário;
> IX – Desempenhar outros encargos que visem à consecução de seus fins;

As primeiras ações da Funap intencionaram a consolidação de políticas necessárias para propiciar a profissionalização da população carcerária. Essa

profissionalização tinha como objetivos: recuperar socialmente os presos e contribuir para a preservação da disciplina dentro das unidades prisionais.

Segundo os regulamentos internos dos presídios, os presos teriam a obrigação de diariamente dedicarem quatro horas ao trabalho, as quais poderiam ser cumpridas em serviços da casa (alimentação, limpeza, conservação e manutenção do prédio etc.) ou na confecção de produtos artesanais e mobílias.

Essas ações iniciais enfrentaram logo de início um grande problema: com pouca ou nenhuma divulgação, a produção quase não era vendida, ficando a sua quase totalidade estocada nos locais onde era produzida.

Portugues (2001, p.60), ao descrever esse início de trabalho relata que

> O trabalho era extremamente desmotivante, conforme relatório da psicóloga da Penitenciária Feminina na época, pois não revertia em remuneração, apenas o irrisório pecúlio dos presos pagos pelo Estado e, mesmo assim, sem relação nenhuma com as atividades realizadas. A produção era inútil, uma vez que os produtos ficavam estocados nas prateleiras dos estabelecimentos.

Assim, foram elaboradas ações para divulgação dos produtos, sendo destaque uma exposição ocorrida em maio de 1975, para exposição e venda de produtos confeccionados pelos detentos e detentas. O evento teve ampla divulgação na imprensa e culminou com a venda de todos os produtos ali expostos.

Esse acontecimento desencadeou uma série de contatos e parcerias feitas junto a hospitais, empresas privadas e Secretarias de Estado para que fossem obtidas encomendas para serem produzidas nos estabelecimentos penais, até que em meados 1976 foi formalmente criado o Instituto de Amparo ao Trabalhador Preso, posteriormente transformado na Funap.

A Funap, que hoje compõe a estrutura da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária, foi renomeada para homenagear o Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel– secretário de Justiça à época – e representa um momento político-institucional de redemocratização do Estado quando era muito presente o discurso de que as instituições penais deveriam enfatizar a função ressocializadora da pena.

Mesmo com esse histórico, a Funap nasce sob o estigma da laborterapia, com a função de ocupar o tempo livre do preso, que não ficaria empenhado em planos de fugas, rebeliões e outros comportamentos que ameaçassem a segurança e a disciplina da prisão.

Sobre a utilidade do trabalho para o controle penitenciário:

> Não é como atividade de produção que ele é intrinsecamente útil, mas pelos efeitos que toma na mecânica humana. É um princípio de ordem e de regularidade; pelas exigências que lhes são próprias, veiculadas de maneira insensível as formas de um poder rigoroso; sujeita os corpos a movimentos regulares, exclui a agitação e a distração, impõe uma hierarquia e uma vigilância que serão ainda mais bem aceitas, e penetrarão profundamente no comportamento dos condenados, por fazerem parte de sua lógica: com o trabalho a regra é introduzida numa prisão, ela treina sem esforço, sem emprego de nenhum meio repressivo e violento. (FOUCAULT, 1986, p. 206)

Após sua implantação oficial e também pelo seu próprio Estatuto, a FUNAP constitui-se como órgão vinculado à Administração Penitenciária, constituindo-se em um elemento externo ao sistema penal.

> Para desenvolver suas atividades no interior das penitenciárias, com a colaboração dos agrupamentos que administram a unidade prisional, é praticamente certo que a Fundação lançou mão do expediente que compõe a relação de troca, proporcionando a realização de atividades estranhas aos seus objetivos iniciais, no intuito de obter a colaboração no que se propunha a fazer. (PORTUGUES, 2001, p.69)

Atendendo a necessidades apresentadas pelos dirigentes prisionais, a Funap acabou assumindo tarefas diferentes de seus objetivos iniciais, como a prestação de assistência judiciária aos presos, atribuição que originalmente competia à Procuradoria Geral do Estado (PGE); compra e fornecimento de materiais esportivos às prisões; organização de festividades e atividades culturais, que seriam de responsabilidade dos presídios.

Com muitas atividades sendo atribuídas à Funap, o Ensino de 1º Grau, que era naquele momento atribuição da Secretaria de Estado da Educação, acabou sendo oferecido à Funap, beneficiada pela aprovação da Lei de Execução Penal (Lei nº 7210/84, de 11 de julho de 1984) que, ao mesmo tempo em que estipula, no seu artigo 18 que "O ensino de primeiro grau será obrigatório, integrando-se no sistema escolar da unidade federativa", relativiza esta obrigação no seu artigo 20, prescrevendo que "As atividades educacionais podem ser objeto de convênio com entidades públicas ou particulares, que instalem escolas ou ofereçam cursos especializados."

Ainda assim, a Funap continuou realizando sua atividade-fim originária, que era a implantação de Unidades de Produção Industrial e semi-industrial em presídios, financiando-as com os recursos que eram obtidos em suas fábricas instaladas dentro de presídios.

A partir de 1995, o então governador Mário Covas determinou que todas as autarquias e fundações públicas se auto-sustentassem, pois não mais poderiam contar com recursos do Estado, e que diminuíssem um terço de seus gastos. Diante desta determinação, a Funap teve que optar entre as atividades produtivas capazes de gerar receita e lucro e as atividades como Educação, Assistência Judiciária e apoio ao egresso, que só representam despesas.

Mesmo tendo que fazer esta opção, a Funap continuou enfrentando forte crise financeira. Muitas Unidades de Produção fecharam ou foram destruídas em rebeliões e as poucas que ainda funcionam enfrentam muitos entraves para ter maior fluxo em suas vendas, pois ainda têm de fazer licitação para a

aquisição de matérias-primas, o que torna os seus preços e prazos pouco competitivos, mesmo para os órgãos públicos e governamentais.

O histórico da Funap demonstra – do início aos dias de hoje - que, como representante do Poder Público, ela não tem condições de fazer os investimentos financeiros e humanos necessários para dotar o sistema penitenciário do Estado de São Paulo de uma política de Educação de adultos presos com a qualidade que se pretende para a educação pública e com o desafio que significa a atividade dentro da prisão.

Conforme já apontado, se a educação de adultos presos em São Paulo, como no restante do país, é concebida como parte integrante da EJA, o que de fato faz sentido, afinal temos jovens e adultos em escolarização, precisamos analisar alguns aspectos formais e estruturais desta organização, bem como seus impactos, para entender suas contradições.

O financiamento de tal modalidade (EJA) é feito pelo Fundeb. O sistema prisional, suas unidades e os presos que as ocupam no Estado de São Paulo estão sob a jurisdição administrativa do Estado e não dos municípios onde estão sediadas as unidades prisionais, mas são os municípios que possuem a prerrogativa na oferta de EJA. O que ocorre é que nem o Estado nem os municípios podem computar o total de presos em seus censos escolares e com isso, na prática, a educação de adultos presos não se beneficia do repasse das verbas do Fundeb.

Outro ponto a se considerar é o paradoxo entre educação formal e educação não-formal. Embora, metodologicamente, a maioria dos programas de EJA desenvolvidos no Brasil esteja sob forte influência das matrizes da Educação Popular, no caso das prisões, é muito forte dentre os alunos a expectativa de que possam concluir as mesmas etapas da rede regular de ensino e por ela serem certificados, cumprindo os procedimentos da educação formal.

Isso representa uma grande diferença em relação à educação não-formal, principalmente no tocante à responsabilidade do poder público, que

deveria se ocupar não só da custódia, mas também reunir esforços para cumprir a obrigação legal de proporcionar acesso à educação para esse público.

Em relação aos conceitos de educação formal e não-formal, Maria da Gloria Gohn nos ajuda a compreender algumas de suas diferenças:

> Quando tratamos da educação não-formal, a comparação com a educação formal é quase que automática. O termo não-formal também é usado por alguns investigadores como sinônimo de informal. Consideramos que é necessário distinguir e demarcar as diferenças entre estes conceitos. A princípio podemos demarcar seus campos de desenvolvimento: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados: e a educação não-formal é aquela que se aprende *no mundo da vida*, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. Vamos tentar demarcar melhor essas diferenças por meio uma série de questões, que são aparentemente extremamente simples, mas nem por isso simplificadoras da realidade, a saber:
>
> Quem é o educador em cada campo de educação que estamos tratando? Em cada campo, quem educa ou é o agente do processo de construção do saber? Na educação formal sabemos que são os professores. Na não-formal, o grande educador é o *outro*, aquele com quem interagimos ou nos integramos. Na educação informal, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa etc. Onde se educa? Qual é o espaço físico territorial onde transcorrem os atos e os processos educativos? Na educação formal estes espaços são os do território das escolas, são instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais. Na educação não-formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação). Já a educação informal tem seus espaços educativos demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade,sexo, religião, etnia etc. A casa onde se mora, a rua, o bairro, o condomínio, o clube que se freqüenta, a igreja ou o local de culto a que se vincula sua crença religiosa, o local onde se nasceu etc. (GOHN, 2006).

A educação que acontece nas penitenciárias é então não-formal dentro de uma estrutura formal? Ou formal dentro de uma estrutura não-formal? Há espaço para o informal neste contexto? Parece-nos que todas as possibilidades tem espaço, como ainda veremos. Ocupa-nos ainda entender quem exerce o papel de professor nestes espaços. A maior parte das experiências que tomamos conhecimento, acontece com um preso com maior escolaridade ocupando este lugar. Em alguns cursos profissionalizantes, vemos professores externos ministrando cursos, ou em raras exceções, ministrando aulas no Ensino Fundamental.

O problema é que a Funap, de acordo com seus estatutos, não é uma instituição que tem a Educação como sua atividade-fim, logo, não pode criar cargos e funções de professor. Isso representa um dificultador do ponto de vista da composição do quadro de professores da Funap e de sua competência legal para certificação de estudos, pois não possuem nem a formação inicial nem a habilitação necessária para tal, comprometendo também o entendimento de que a Educação de Jovens e Adultos em Regimes de Privação da Liberdade possa ser entendida como parte integrante da Educação formal.

Afinal, quem são os educadores que trabalham nas escolas das prisões?

Dentro da estrutura da FUNAP – responsável pela Educação nos presídios – este profissional da Educação é denominado *Monitor de Formação Básica de Adultos*. A fundação justifica essa nomenclatura com a alegação de que apenas órgãos como a Secretaria Estadual de Educação, a Secretaria de Ciência e Tecnologia e a Secretaria de Ensino Superior podem criar cargos e funções para professores em seus quadros.

A partir de 1989, a Funap compôs a *Gerência de Educação, Cultura e Lazer* (Geduc), que contava com uma equipe técnica de coordenação composta por três categorias distintas, que davam suporte ao trabalho dos educadores, que eram: o Coordenador Pedagógico Regional, responsável por visitas periódicas a cada presídio de uma região, para tratar de questões didático-pedagógicas com os monitores e propor ações de formação em cada presídio; o Supervisor Regional que em relação à escola era o responsável por

supervisionar itens como estrutura física, controle do material escolar e pela relação institucional como um todo entre a Funap e o presídio; e o Coordenador de Materiais, que era o responsável a partir da sede na capital paulista, pela seleção e produção de material pedagógico de apoio aos monitores. (MOREIRA, 2007)

Tratava-se de uma equipe multidisciplinar, composta por profissionais com formação em nível superior no mínimo. O quadro da Funap era complementado por 148 monitores: 114 autônomos, que eram alunos de cursos de licenciatura que prestavam serviços sem vínculo empregatício que, a partir de 1992, passaram e ter um contrato de estagiário; 20 monitores presos; oito agentes penitenciários e seis professores da rede estadual comissionados. O sistema penitenciário de então era composto por 21 penitenciárias, todas com espaço destinado para atividades escolares.

Em meados de 1994, abriu-se o primeiro concurso público destinado a constituir um quadro de professores da Funap e este exigia dos candidatos, como pré-requisito, apenas o Ensino Médio, sem qualquer referência à habilitação em magistério ou licenciatura.

As primeiras 170 vagas disponibilizadas neste concurso público, em 1994, foram complementadas posteriormente, em 1998, com mais 40 vagas, cujo edital também exigia como pré-requisito de formação apenas o Ensino Médio.

Como conseqüência, foram empossados no cargo de *Monitor de Formação Básica de Adultos* pessoas com as mais diversas formações profissionais, em sua maioria sem experiência prévia com EJA ou qualquer outra modalidade de ensino.

Logo após a conclusão dos procedimentos de admissão e uma reunião do candidato aprovado com um técnico da Funap, os *monitores de formação básica de adultos* deveriam iniciar suas atividades docentes nas unidades prisionais.

Porém, havia um crescente número de estabelecimentos penais, dos quais nem todos possuíam qualquer atividade escolar: “no ano de 1996, a carência de educadores nos estabelecimentos penais do Estado era de 63 profissionais. Observando-se que cada um ministra aulas, em média, para duas turmas de alunos, 126 estavam sem professor” (PORTUGUES, 2001, p. 119).

O Governo do Estado, nessa ocasião, não autorizava a realização de mais um concurso, induzindo a Funap a retomar com mais força a idéia de se utilizar presos como monitores de Educação. Diante da rejeição desta idéia por parte de muitos dirigentes de presídios, a Funap fez a contratação de 40 estudantes de graduação para ministrar aulas, na condição de estagiários. E em seguida, com a dispersão das discussões a respeito, retomada a decisão de colocar presos como monitores de Educação.

Este processo nos ajuda a entender como os presos começaram a ser monitores das escolas e figurar como professores dos outros presos.

Não há uma proposta de formação proporcionada pela Funap aos presos monitores e os poucos educadores externos que restaram não têm sistematicamente participado de qualquer proposta de formação nem são chamados a contribuir para a realização de um projeto educacional prisional.

Um espaço formativo interno, que faz parte da estrutura da SAP, poderia ajudar neste processo, atuando na formação do pessoal penitenciário: a Escola de Administração Penitenciária (EAP). Ligada à Secretaria de Administração Penitenciária, a EAP foi criada por meio do decreto 38.424, de 07 de março de1994 (D.O.E., 08 de março de 1994, p. 5) com o nome de Academia Penitenciária (ACADEPEN). Essa instituição tem como responsabilidade, segundo o decreto supracitado, em seu item III, “formar, capacitar e integrar o pessoal penitenciário em seus vários níveis de habilitação profissional e formação educacional”.

Porém, a EAP tem dedicado seus esforços prioritariamente às questões relacionadas à segurança e à vigilância, devido à forte influência que recebe da cultura penitenciária que sempre foi hegemônica em São Paulo, mesmo que

teoricamente tenha a preocupação de incluir em seus currículos disciplinas como Direitos Humanos.

Esse tema sofre certa rejeição por parte dos funcionários e não encontra espaço no trabalho cotidiano nas prisões. Com a prevalência diária das ações de punição e vigilância, sugere-se que ou a formação em temas relacionados a questões da chamada reabilitação não está sendo o suficiente, ou realmente não é adequada para a superação da cultura vigente. O relato de um coordenador da Funap, que atuava como professor na formação de agentes, torna esse processo claro:

> Em uma visita de supervisão pedagógica em uma penitenciária, quem me recebeu na portaria para os procedimentos de admissão foi, coincidentemente, um agente penitenciário que havia participado como aluno de uma das oficinas de Direitos Humanos que coordenei na atual EAP durante o Curso de Formação de Agentes. Após as saudações típicas de ex-aluno que encontra professor, com direito a prestação de contas quanto ao que está estudando atualmente, o rapaz me disse:
>
> Que bom ver o senhor, professor. Gostei muito daquelas aulas, foram bem dinâmicas e... Olha, professor, para falar a verdade, aquilo tudo é muito bonito na teoria mas, assim que comecei a trabalhar no presídio, o diretor de Segurança e Disciplina pediu que eu fosse até a sala dele, ocasião em que me disse para esquecer tudo o que havia aprendido na Acadepen, principalmente aquelas bobagens sobre Direitos Humanos, pois era com ele que eu iria aprender a trabalhar porque, segundo as palavras dele, isso daqui é cadeia. (MOREIRA, 2007)

Tal relato torna claro que, assim como os presos passam por rituais de entrada e adaptação à cultura carcerária, os funcionários e agentes também os vivenciam, incorporando práticas e métodos próprios de tal cultura.

Ao analisarmos a mesma questão em nível nacional, perceberemos que a maioria das ações de formação promovidas pelo DEPEN tem em vista o pessoal penitenciário que atua na custódia e na contenção dos prisioneiros e na administração das estruturas penitenciárias.

Na busca de identificar quais os fatores que mais dificultam o exercício da função de Monitor de Educação Básica dentro do presídio, encontramos

relatos que não apontavam falta de motivação do preso para estudar como o principal fator. Pelo contrário, a maior parte aponta para questões como a falta de espaço físico, limitações impostas pelo regime disciplinar, falta de capacitação específica e a falta de material pedagógico, fatores que dizem respeito à direção da unidade prisional, à administração penitenciária e ao suporte da Funap. (MOREIRA,2007)

Não existe também nenhuma proposta no âmbito federal de se estabelecer uma política de Educação em Regimes de Privação da Liberdade.

As instalações físicas que recebem as atividades escolares também nos ajudam na composição de tal cenário. Não se pode afirmar que, no sentido mais amplo, existam escolas dentro das unidades prisionais. O que existe são salas próprias do estabelecimento prisional, destinadas ao processo de escolarização de presos. Os horários e espaços destinados às atividades educativas foram pensados sob a perspectiva da vigilância, da segurança e da disciplina, não da Educação. Existem carteiras, lousas, cadernos, mas, suas pesadas portas de ferro, robustas grades em cada janela e o isolamento em algum lugar de difícil acesso dentro das penitenciárias, não nos deixa esquecer onde estamos.

Leme (2002), para designar esse espaço, utiliza o nome *cela de aula*. O autor descreve o paradoxo fortemente presente quando analisa o papel desse espaço:

> A *cela de aula* principia como um cenário utópico. Através dela, busca-se recuperar o tempo perdido, vislumbra-se um mundo, até o momento, inatingível. Com ela, criam-se possibilidades de comunicação como mundo letrado. Códigos são aprendidos, códigos são decifrados. Nela, a leitura de mundo é refinada. (LEME, 2002, p. 125)

Os desafios da educação prisional são claramente distintos dos colocados em outros contextos educacionais. Em que medida a educação que acontece dentro da prisão constrói espaços distintos da noção de encarceramento? De que forma esses presos monitores lidam com a

experiência docente e como esta os compõe? Como as salas – ou celas – de aulas podem se configurar como espaços de criação e resistência à lógica carcerária? Essas são apenas algumas das questões que nos movimentam.

EDUCAÇÃO PRISIONAL: SUBVERTENDO SENTIDOS

> Um tempo e um lugar profanos, mas também coisas profanas, referem-se a algo que é desligado do uso habitual, não mais sagrado ou ocupado por um significado específico, e, portanto, algo no mundo que é, ao mesmo tempo, acessível a todos os sujeitos e a (re)apropriação de significado. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 39)

Assim é a escola na prisão. Um tempo e um lugar profanos, no sentido dado. Desligados do uso habitual, conformador, docilizador, reformador, ganha um significado muito próximo ao que os autores Masschelein e Simons (2013) propõem. O acontecimento na escola como ato, que coloca em movimento saberes e joga com sentidos, significados, significações, onde a escola "é, então, o pátio de recreio da sociedade, é o lugar onde o conhecimento e as práticas podem relaxar-se e ser 'postos em liberdade'"(MASSCHELEIN; SIMONS, 2011, p. 326), uma vez que é liberada de sua função útil.

Tal proposição parte do termo grego skholé, que significa "tempo livre, descanso, demora, estudo, discussão, leitura, escola, edifício escolar" (MASSCHELEIN; SIMONS, 2011, p. 322). E retomamos a ideia de suspensão, que junto à de profanação, subverte a ideia de escola de aprendizagem e desenvolvimento intelectual por aquela que abriga a potência do espaço escolar emancipador, como tempo livre, democrático de fato, igualitário.

> A escola se torna um tempo/espaço do *inter-esse* – do que é compartilhado entre nós, o mundo em si. Naquele momento, os alunos não são indivíduos com necessidades específicas que escolhem onde eles querem investir seu tempo e energia; eles são expostos ao mundo e convidados a se interessarem por ele; um momento em que a verdadeira *comum-icação* é possível. Sem um mundo, não interesse nem atenção. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 52)

Suspensão de passos já dados, de um caminho percorrido, de um mundo utilitário onde as coisas já tem uma ordem material . A vida na cadeia é um “estado de suspensão”, como afirmaram os sujeitos da pesquisa, e Masschelein e Simons (2013) nos dizem que é justamente no estado de suspensão que reside a possibilidade de que algo se torne real para alguém, quando as coisas podem ser “destacadas dos usos privados e posições”.

Ao subverterem, reinventarem, profanarem a lógica esperada, de submissão e de utilidade, transformam o espaço escolar carcerário em espaço de discussão, partilha, comunhão, criação e inventividade, trazendo novos sentidos e significados aos sujeitos que ali estão.

> [...] Consequentemente, a “experiência da escola”, como indicamos, é, em primeiro lugar, não uma experiência de “ter de”, mas sim de “ser capaz de”, talvez até mesmo de pura capacidade e, mais especificamente, de uma capacidade que está procurando por sua orientação ou destinação. De modo inverso, isso significa que a escola também implica em certa liberdade que pode ser comparada ao abandono: a condição de não ter um destino fixado e, por conseguinte, aberta para um novo destino. O tempo livre da escola pode, assim, ser descrito como tempo sem destinação. (MASSCHELEIN, SIMONS, 2013, p. 92).

Nesses momentos de troca, de encontro, os sujeitos presos resignificam suas experiências, pois encontram escuta, portanto percebem suas próprias vozes, e também seus silêncios. No compartilhamento de seus tempos, percebem suas potências individuais e a força da potência coletiva.

Acontece ali um momento de dedicação a si e ao outro, onde se ativa o contato consigo a partir do contato autêntico e livre, sem pretensões ou finalidades dadas. Ao colocar o preso como monitor de ensino, essas experiências se complexificam, pois não há mais um sujeito externo, detentor do saber, portanto do poder, o especialista.

O monitor não tem aquele olhar prepotente do professor detentor de um saber inquestionável, especializado, formatado, que olha para a sala de aula e pensa “eu sei o que fazer aqui”, “eu sei o que eles não sabem”, “o que eu sei é o que eles precisam vir a saber”. Não conhece legislações, parâmetros curriculares nacionais, nem nunca estudaram tendências pedagógicas, didática ou metodologia.

Rompe-se com a lógica da escola transmissora de conhecimentos formais e necessários para o mundo do trabalho, da escola útil, hierarquizada e cria-se a escola questionadora, construtora do conhecimento e experiência; a escola liberta. Há uma relação horizontalizada, de com-partilhamento, troca, criou-se ali uma brecha, um espaço de fuga aos sujeitos assujeitados num sistema carcerário massificante e opressor.

> A escola que se nos apresenta tem intencionalidades formativas que sobram, transbordam e se espalham, porém, tais intencionalidades transfiguram o pensamento, tentam a todo modo castrá-lo, submergi-lo, domesticá-lo, fechá-lo, concluí-lo. Em contrapartida, o que uma escola-casa-da-formação profana, ou suspensa se propõe a fazer, ou a pensar é uma intencionalidade formativa que seja a própria abertura, o olhar desnudo para o conhecimento, a inconformidade. (SONEGO, 2016, p.6)

A sala de aula se constitui, sem dúvida, num ponto de resistência em meio a focos de poder que atuam em todos os campos da vida do sujeito preso. Apesar do ambiente de tensão e controle, nem tudo é apenas manifestação de poder e a escola é espaço de liberdade, espaço de cuidado de si e produção de ações individuais e coletivas geradoras de realidades e saberes.

> O espaço escolar não se refere a um local de passagem ou de transição (do passado para o presente), nem a um espaço de iniciação ou de socialização (da família para a sociedade). Pelo contrário, devemos ver a escola como uma espécie de puro meio ou centro. A escola é um meio sem um fim e um veículo sem um destino determinado. [...] Esse tipo de "meio termo" não tem orientação nem destino, mas torna todas as orientações e direções possíveis. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 37).

A noção de liberdade que tratamos aqui, que acontece no espaço escolar da cadeia, é a liberdade do acolhimento do acontecimento, da profanação das ações, da suspensão das tarefas cotidianas e utilitárias, do tempo livre que integra a todos sem discriminação ou interrogatórios. Não existem métricas ou resultados a serem alcançados, as respostas corretas não preocupam a esses alunos, o que os move são os percursos, as buscas, as conversas, as experiências.

Essas noções de escola–criação, escola–potência, escola-possibilidade, que encontramos no cárcere, não dialogam com teorias pedagógicas convencionais. Qualquer perspectiva prescritivista ou compatimentadora não encontra espaço em seu interior.

Ao apostarem na condição essencial da escola, em sua função pública, colocando-a como um "bem comum", os autores devolvem aos sujeitos as possibilidades potenciais desse espaço.

> [...] a de que a escola oferece "tempo livre" e transforma o conhecimento e as habilidades em "bens comuns", e, portanto, tem o potencial para dar a todos, independentemente de antecedentes, talento natural ou aptidão, o tempo e o espaço para sair de seu ambiente conhecido, para se superar e renovar (e, portanto, mudar de forma imprevisível) o mundo. (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 10)

Esse espaço/tempo não econômico, não político, feito a partir de regras e dinâmicas próprias, acontece a partir da dissociação com a sociedade.

Porém, este espaço, localizado dentro do contexto carcerário, representa a suspensão da suspensão. O homem preso encontra-se dissociado da sociedade, colocado fora, ou dentro de um espaço regulado. Na sala de aula, cria-se portanto, um espaço-tempo outro, diferente daquele do lado de fora, mas diferente também daquele regulador, já apropriado e conhecido.

A função desta escola, “bem público”, “bem comum”, se potencializa, uma vez que cria novas possibilidades de ordem. As relações não podem ser produzidas, previstas e reguladas, este é o espaço/tempo livre dentro do espaço/tempo não-livre.

> Domar a escola implica governar seu caráter democrático, público e renovador. Isso envolve a reapropriação ou reprivatização do tempo público, do espaço público e do “bem comum” possibilitados por ela. Talvez não devêssemos ler a história da escola como uma história de reformas e inovações, de progresso e modernização, mas como a história de repressão; uma série de estratégias e táticas para dispersá-la, reprimi-la, coagi-la, neutralizá-la ou controlá-la. (MASSCHELEIN E SIMONS, 2013, p. 18)

Se os sujeitos presos nos afirmam criar uma identidade outra, que constrói-se e dialoga com a cultura carcerária, distanciando-se de suas construções até então, esses mesmos sujeitos colocam-se à disposição da habitação do espaço/tempo da escola, encontrando em suas rachaduras espaços para libertarem-se.

Masschelein e Simons nos apontam que o tempo escolar é o tempo presente, que a escola é um eterno meio sem fim, onde não é o tempo linear, mas sim o próprio tempo presente que está posto. Neste tempo presente é preciso deixar o passado e não projetar o futuro. É preciso criar, com o tempo presente, um tempo em que esses homens se libertem de tais cargas, onde importa pouco de que cultura vieram, quais as relações que estabeleciam, tampouco as que pretendem estabelecer.

A atenção está voltada para o presente momento, para si e para o outro, para as relações possíveis, colocando os sentidos a disposição do que está apresentado para ser pensado, sentido, construído.

As relações com os elementos apresentados podem ser todas as que possam surgir. Não há um caminho previsto pois os objetos apresentados estão fora de seus usos habituais, de seus sentidos econômicos e regras sociais. O conhecimento construído pode seguir o caminho que quiser e, junto com pensamento e essência destes sujeitos, que se colocaram disponíveis, se libertam. Estão todos abertos para a (re)apropriação de significados.

A suspensão retira a carga social, política e econômica dos sujeitos e do conhecimento e, a partir de então, estão todos livres para outros significados, o espaço para criação está aberto.

Várias atividades são propostas no cotidiano destes homens, conforme descrito por eles. Atividades laborias, que os colocam a serviço da instituição, em função das dinâmicas internas. Atividades esportivas, de modo coordenado e regulado, como ocupação do tempo ocioso, inserdidas num esquema de recompensa semanal, apenas caso tudo aconteça como previsto. Existem também horários de descanso, onde podem assistir televisão, porém apenas novelas ou filmes, qualquer programa jornalístico está proibido, para que mensagens não possam ser passadas de um presídio a outro.

Apenas as atividades escolares são independentes de resultados ou tarefas, acontecem sistematicamente e tem garantido algum espaço nas rotinas diárias.

Esse momento, do tempo/espaço-livre, suspenso, do escolar, da troca, da partilha, estabelece com os sujeitos relação inversa às relações comumente encontradas em nossa sociedade. Vivemos num crescente desvalorização da escola, onde as taxas de evasão aumentam a cada dia, onde reformas governamentais retiram possibilidades e operam no sentido de tornar as experiências escolares, em especial no Ensino Médio ou Supletivo (EJA), cada vez menos significativas e desejosas.

A educação na cadeia figura como um dos dez itens mais importantes nas listas de exigências para términos de rebeliões, por exemplo. Emblemático como em diversos momentos ouvimos sobre a importância da leitura, o quanto quem lê tem mais possibilidades do que quem não lê. Ao organizarem-se, violentamente ou não, para solicitar que seus direitos sejam atendidos, vemos que esses homens reconhecem as retiradas de direitos para além de suas liberdades e pedem o reestabelecimento de outros básicos, tais como saúde, a presença de grupos representantes dos direitos humanos, melhor alimentação, condição menos degradante e vexatória em seus rituais, atividades laborais e profissionalizantes e educação.

> “A gente sabe que errou. As vezes falam que são inocente, não são. Aqui todo mundo cometeu crime sim, mas nem sempre é criminoso. O que a gente quer é melhorar as coisas, sair com algum avanço. Aqui a gente só piora. Não tem melhora. A gente aqui vive que nem bicho, não que nem gente. Você pode fazer isso chegar em algum lugar? Você pode ajudar?” (transcrição da fala de E.S., 41 anos)

Mas na vida nada é por acaso se tiver que carregar o peso da vida nos braços mesmo que isso me dê uma forte dor e cansaço, mas vou vencer tudo isso que estou vivendo porque Graças a um bom Deus tenho os Pilares que são Pedro e mamãe meu porto-seguro.

E tudo isso não seria de valor algum se estivesse fazendo isso por eles, mas estou fazendo por mim!!! Então sei que vou conseguir tudo que eu quero e tenho como objetivo que é estudar e constituir uma bela e amorosa família e ter o seguimento de meu nome com um filho que pretendo ter um dia pois sou louco para ser papai, gosto muito de criança mesmo. São tão simpl que parece ser sonho de uma criança grande.

Mas será que não é isso que todos somos???

CONCLUSÃO

Ao iniciar a pesquisa, havia uma questão que tocava, incomodava, afetava. Por que homens adultos escolhiam frequentar a escola no período de encarceramento? Como essa experiência de escolarização tardia os compunha, dialogava com seus seres, atuava nos seus mecanismos de subjetivação? Essa inquietação se tornou companheira da percepção de que reside no olhar sobre a escola regular, pública, um ar de falência, de descrédito, de cansaço.

Porém, reside nessa mesma escola a possibilidade. Um vir a ser qualquer coisa que ela quiser a partir daquele coletivo, pois a escola é um espaço coletivo onde saberes são criados, realidades modificadas, onde uma potência imensa pode acontecer no encontro, no atrito, a todo instante. Cada instante é um instante de potência.

Foi a partir dessa perspectiva que a educação prisional, tão abandonada, se fez interessante. Se a escola regular, pública, é espaço de possibilidades, na escola do presídio existe uma potência indescritível. Não sei o quanto palavras são capazes de imprimir a força daquele lugar. A tentativa dessa escrita foi a de colocar no papel um pouco da luz e da força daqueles encontros e do que foi possível pensar com eles e a partir deles. Encontro de pessoas que acontece na escola, através da escola e porque ela existe, ali e daquele jeito.

Sem prescrições, sem especialistas, sem currículos nacionais ou conteúdos a serem perseguidos, a escola da suspensão e da profanação, a skholé, parecia acontecer para que cada um dos sujeitos pudesse através de sua voz, de seu silêncio, da escuta do outro, olhar para si, encontrando assim um espaço outro, íntimo, vezes só, vezes junto.

De certa forma, este espaço escolar acontece na contramão dos movimentos que temos presenciado, cada vez crescente, de desmonte da escola pública. As reformas feitas através de medidas provisórias, a desvalorização dos currículos locais, das relações intersubjetivas, o compartimentamento de conteúdos, temos presenciado um projeto hegemônico duro e homogeneizante, cada vez atuando mais nos ambientes escolares públicos.

Os movimentos escolares que encontramos seguem resistindo, representando justamente a rachadura, que permite feixes de luz no ambiente prisional. Vimos o quanto o acesso é limitado, os recursos quase inexistentes, porém os movimentos encontrados representam um caminho possível. A falta de estrutura acaba propiciando movimentos novos, criativos, reais.

Nas salas de aula o corpo utópico é posto em cena, manifesto, sentido. Há espaço para projeção de um corpo outro, vivente de um espaço outro, diferente do espaço mesmo da cadeia e também do espaço mesmo passado, vivenciado na sociedade antes do aprisionamento. O corpo está liberto através das relações estabelecidas. O ser-consigo aparece e acontece com intensidade.

O espaço, mais parecido com uma cela adaptada, não favorece, mas acaba sendo o espaço onde tais experiências acontecem. Ainda que a violência, os sistemas de chantagem e trocas, e a morte estejam sempre presentes nas vidas destes sujeitos, é ali o espaço onde todos são iguais. Iguais em potência, em possibilidade, em abertura. Espaço de suspensão.

Seus passados, seus “pecados”, já não importam mais. Não é preciso buscar um redentor de almas, um perdoador de pecados. É na relação estabelecida com o outro, nas práticas de cuidado de si, que o homem se aproxima de si, se projeta, se resignifica. Está enfim liberto, ainda que imaterialmente.

Na prisão, em nenhum outro espaço ou relação pudemos ver trocas sem condicionantes como no espaço escolar. Presenciamos algumas práticas religiosas, ou homens buscando levar práticas de remissão de pecados e luz. Porém, para participar desses momentos, os sujeitos precisam aderir aos grupos de maneira fechada. Não podem, por exemplo, participar de um culto evangélico, sem se tornar parte deste grupo na totalidade. Já na escola, temos evangélicos, candomblistas, umbandistas, católicos, e outros, todos convivendo respeitosamente.

As associações são muito fortes. Os presos que não pertecem a nenhum grupo acabam vulneráveis, visto o clima de tensão e dispustas que é cenário todo o tempo no presídio. Eles se unem para sobreviver, tendo as facções como maiores organizações internas.

Vemos na estrutura prisional uma reprodução adaptada das mesmas instituições que atuam na sociedade, porém com muito mais força, já que a convivência acontece em tempo integral. Igrejas, clubes esportivos, organização por etnia, cor, credo. A escola poderia figurar como mais um destes espaços, mas como se organiza e está colocada, acaba sendo o espaço de rompimento e união, onde os sujeitos se descolam um instante da tensão colocada também por esses laços, e transitam, se expressam, dialogam, constroem, sem pré-determinantes.

Acreditamos que é justamente a quebra na estrutura comumente atribuída à escola e hipervalorizada, tais como técnicas metodológicas, materias didáticos conteudistas, professores estabelecendo relações verticalizadas e frias com seus alunos, que acaba por favorecer a formação e experiência nestas escolas.

Portanto, partimos neste trabalho da perspectiva de escola como no grego, ‘skolê’, conceito explicado por Masschelein e Simons como tempo livre, descanso, adiamento, discussão, lugar de ensino. O lugar em que os indivíduos são abastecidos de tudo que precisam saber para se inserir na sociedade.

A escola é uma invenção que intenciona superar as desigualdades naturais, um tempo e espaço onde cada um é retirado de sua posição social e incentivado a transformar seu olhar para o mundo. Com a burocratização e sistematização dos processos, raras vezes vemos esse sentido atribuído à escola comum, porém, vimos intensamente na escola do cárcere.

A expansão do pensamento, as trocas, a cumplicidade, o cuidado e a amorosidade estão presentes nesta escola. Não o amor egoísta e vaidoso, mas o amor que partilha a busca por entender a vida, construir conceitos, formar coletivos.

A escola é passagem, abre possibilidades para o aqui e o agora, sem ela, certamente o mundo de muitos estaria limitado a formas de ver e pensar de alguns. Nela, alguns percebem que sabem menos que pensavem, são ensinados e ensinam, todos aprendem que podem aprender e também ensinar.

Resgatar a possibilidade pedagógica de fazer do tempo livre uma realidade não significa tempo vazio ou perdido, ao contrário, esse tempo é tempo de ampliar possibilidades, desformatar olhares, criar novos caminhos e abrir brevhas para outras possibilidades.

> (J. L., 27 anos) “É no tempo em que estamos na sala, encontrando os parceiros, falando da vida, lendo os livros e aprendendo, que mais vemos chance. É aqui que pensamos que pode ser diferente, melhor. Se fosse que nem lá embaixo, sem nada, não sei coo estaria não, acho que já teria enlouquecido.”
>
> (E.K.L.,22 anos) – “Enquanto estamos trabalhando é bom, ocupamos a mente da gente. Faço a escolha do feijão, escolho as dietas dos que tem hipertensão, são 12. E tem os soropositivo também, comem diferente aqui. É bom, eu gosto de trabalhar. Mas depois, à tarde, vou pra escola, lá me sinto livre, escola é escola, em qualquer lugar. Parece até que nem tô aqui. Tem os livros, fico olhando, lendo, desenhando, conversando com os companheiros. É o melhor momento do dia, com certeza. Fim do dia é tranca, acabou.” (Encontro 5 – 22/10/2015)

Bom dia! [illegible] - de segunda a sexta-feira levanto a 6:15 da manha e vou para o setor que trabalho, que é a lavanderia até as 10:00 da manha após o termino do serviço vou para a cela ver TV e fazer alguma leitura de um bom livro. O ultimo que li foi Simbola Perdido, uma boa leitura.

Além disso sou monitor da Funap em voda para a escola de segunda a sexta das 13:30 as 15:30 horas após o termino volto a velha rotina ver tv ler um livro e ouvir uma boa musica.

Graça a Deus tenho visita todos os domingos e quem vem é Papai e mamãe pois sou solteiro, na visita converso sobre os meus negocios que tenho lá fora junto ele meu papai e passo as soluçoes dos problemas que ficaram pendentes do outro final de semana Essa é a rotina e o dia-a-dia que tenho.

Uso o meu tempo com o que é bom no lugar onde se vivem ruins.

REFERÊNCIAS

E os seus desejos?

Em primeira lugar gostaria de ir para o semi-aberto, assim que chegar no outro regime vou fazer uma faculdade de direito isso não é desejo é objetivo. Voltar a trabalhar no meu ramo: Sou empreiteiro e tenho uma empresa de paisagismo e presto serviço para a prefeitura e um empreendimento particular na beira da represa.

Pretendo ser um juiz e vou estudar muito para isso, coisa que não fiz quando mais novo e hoje não estaria aqui se tivesse ouvido meus pais.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 28 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

ARBACHE, Ana Paula Bastos. **A formação do educador de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora, 2001.

ARDOINO, Jacques. **As pedagogias institucionais.** Trad. João Batista Martins e Heliana de Barros Conde Rodrigues. São Paulo: RiMa, 2003.

BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do direito penal.** Introdução à Sociologia do Direito Penal. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, Campinas: n.19, p.20-28, 2002.

BRANT, Vinicius Caldeira. **O Trabalho Encarcerado**. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

BRASIL. **Lei 7.210, de 11 de Julho de 1984**, institui a Lei de Execução Penal

BRASIL. **Lei 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**, estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional

BRASIL. **Lei 10.172, de 9 de Janeiro de 2001,** aprova o Plano Nacional de Educação

BRASIL. **Plano Diretor do Sistema Penitenciário. Diagnóstico, ações e resultados**. Ministério da Justiça, Brasília, 2009.

BRASIL. **Programa brasil alfabetizado**. Disponível em: http://mec.gov.br/alfabetiza/default.htm. Acesso em: 21 ago. 2014.

BRASIL. **Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito do Sistema Carcerário da Câmara de Deputados.** Congresso Nacional, Brasília, julho de 2008

CALDEIRA, Cesar. A política do cárcere duro: Bangu 1. *In* **São Paulo em Perspectiva**, vol.18, n. 1., 2004.

CÂMARA, Heleusa Figueira. **Além dos muros e das grades (discursos prisionais).** São Paulo: EDUC, 2001.

CASALI, Alípio. In, FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). **A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire.** São Paulo: editora UNESP, 2001, p.17-21.

CASALI, Alípio. **Saberes e Procederes Escolares:** o singular, o parcial, o universal. São Paulo: PUC, 2000.

CASALI, Alípio. Paulo Freire: **O educador na história**. Revista Educação, Sociedade e Culturas, n.10, 1998, 95-109.

COHEN, Albert. **Transgressão e controle**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1968.

COHEN, Claúdio e AUGUSTINIS, Emílio. É possível a autonomia do sentenciado no Sistema Penitenciário? **Bioética**, 1998, nº 6, pp. 55-59.

DELEUZE, Gillles. **Conversações.** São Paulo: Editora 34, 1992.

DIAS, J. F. & ANDRADE, M. da C. **Criminologia: o homem delinqüente e a sociedade criminógena**. Coimbra: Editora Coimbra, 1997.

DIXON, Graham. “Dark night of the Soul”. **Biografia de Caravaggio**. Trad. Terezinha Martinho. set/out/nov 2011. Disponível em: http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,pintor-da-luz-e-das-trevas-da-alma-imp-,794895 Acesso em mai/2016.

DOSTOIÉVISKI, Fiódor. **Recordações da casa dos mortos** / Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski; tradução de José Geraldo Vieira. – São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. **Memórias do Subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman; São Paulo: Editora 34; 2000.

_____. **Crime e Castigo**. Tradução de Boris Schnaiderman; São Paulo: Editora 34; 2000.

DOTTI, René Ariel. **Bases e alternativas para o sistema de penas.** São Paulo: Revista dos tribunais, 1998.

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação:** na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2000.

FASHEH, Munir. **Como erradicar o analfabetismo sem erradicar os analfabetos?** Tradução de Timothy Ireland. Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Educação. Revista Brasileira de Educação nº 26, p. 157-169. São Paulo. ANPED.

FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade**: Um projeto em parceria. 3.ed. SÃO Paulo: Edições Loyola, 1995.

FERRARO, Giuseppe. Filosofia e Educação. In: **Devir-criança da filosofia**. Org. Walter O. Kohan. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FOUCAULT, M. **História da loucura.** São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **História da sexualidade II:** o uso dos prazeres. Rio de Janeiro. Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

_____. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramalhete. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. **O Que é um autor?** Lisboa: Vega/Passagens, 1992a.

_____. **Archivio Foucault** (Vol. 3: Estetica dell'esistenza - A cura di Alessandro Pandofi). Milano: Feltrinelli,1994.

_____. **O sujeito e o poder**.In: DREYFUS, RABINOW. Michel Foucault, uma trajetória filosófica..Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 1996a.

_____. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A palavra e as coisas***.* São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **Estratégia, Poder e Saber**. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____.**A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____.Foucault estuda a razão de Estado. In: MOTTA, M. B. da. (Org.). **Michel Foucault: estratégia, poder-saber**. 2. ed. Rio de janeiro: Forense Universitária, 2006a. Coleção Ditos & Escritos, v. 4, p. 319-322.

_____. **Segurança, Território, População.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Nascimento da Biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. **Do Governo dos Vivos**. São Paulo/ Rio de Janeiro:CCS-SP/ Achiamé, 2010.

_____. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n1 edições, 2013.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade.** 4.ed. São Paulo, Cortez, 2000.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 32ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 10ª ed. São Paulo. Paz e Terra. 2002.

_____. **Educação Como prática da Liberdade.** 23.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à pratica educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo, Paz e Terra, 1987.

_____. **Política e Educação.** São Paulo, Cortez, 1995.

GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire/UNESCO, 1996.

GOFFMAN, E. **Manicônios, Prisões e Conventos**, São Paulo, Perspectiva, 1974.

_____. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis. Vozes, 1985.

_____. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade. Rio de janeiro: LTC, 1988.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**. In: I Congresso Internacional de Pedagogia Social, 1., 2006, Faculdade de Educação, USP.

GUIDELLI, Rosângela Cristina. **A prática pedagógica do professor do ensino básico de jovens e adultos: desacertos, tentativas, acertos....** Dissertação (Mestrado). UFSCar. São Carlos, 1996.

HADDAD (Coord.), Sérgio. **Educação de jovens e adultos no brasil (1986-1998).** Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2002. p. 25-54. Série: Estado do Conhecimento.

_____. **Estado e educação de adultos (1964-1985**). Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KOHAN, Walter O. **Filosofia – o paradoxo de aprender e ensinar.** Belo Horizonte: Autentica, 2009.

LAROSSA, Jorge. **Pedagogia Profana**, Autêntica: Belo Horizonte, 2006

LEME, José Antonio Gonçalves. **A cela de aula:** tirando a pena com letras. Uma reflexão sobre o sentido da educação nos presídios. Dissertação de Mestrado, Programa de Educação (Currículo), da PUC de São Paulo, 2002.

LIPMAN, M. **A Filosofia vai à escola**. Tradução de Maria E. de Brzezinski Prestes e Lúcia Maria S. Kremer. São Paulo: Summus, 1990a.

_____. **O Pensar na Educação**. Tradução de Ann Mary F. Perpétuo. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995b.

LOPES, Selva P.; SOUSA, Luzia S. **EJA:** Uma Educação Possível ou Mera Utopia? Revista Alfabetização Solidária (Alfasol), v. 5, março/2005.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2003

MAFRA, Jason. A conectividade do presente com a história em freire e Foucault**.** Revista **Múltiplas Leituras**, v.1, n. 2, p. 36-46, jul. / dez. 2008.

MAGALHÃES, Theresa Calvet de. Violência e/ou poder. In: **Poder, normalização e violência**. Incursões foucaultianas para a atualidade. Org. Izabel C. Friche Passos. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAMELUQUE, Maria da Glória Calixto. A subjetividade do encarcerado, um desafio para psicologia. In: **Psicologia, ciência e profissão**, 2006, v. 26, p. 620-631.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica, 2013

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Referenciais para formação de professores.** Brasília. A Secretaria, 1999.

NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

OLIVEIRA, Inês Barbosa; PAIVA, Jane (orgs.). **Educação de jovens e adultos.** Rio de Janeiro. DP&A, 2004.

OTTOBONI, Mário. **Ninguém é irrecuperável**: APAC: a revolução do sistema penitenciário. São Paulo: Cidade Nova, 2001a.

OTTOBONI, Mário. **Vamos matar o criminoso?** : método APAC. São Paulo: Edições Paulinas, 2001b. 316p.

OTTOBONI, Mário. **A comunidade e a execução da pena**. Aparecida, SP: Santuário, 1984. 164 p. XVII, Número 270.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de jovens e adultos.** Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1973.

PIMENTEL, Manuel Pedro. **O crime e a pena na atualidade**. São Paulo, Editora Revista dos Tribunais, 1983.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** 11 Edição. São Paulo. Cortez, 2000.

PORTUGUES, Manoel Rodrigues. **Educação de Adultos Presos:** possibilidades e contradições da inserção da educação escolar nos programas

de reabilitação do Sistema Penal do Estado de São Paulo. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação da USP, 2001.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. 32ªed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

RAMOS-DE-OLIVEIRA, P. **Filosofia para formação da criança**. São Paulo: Thomson, 2004.

_____. **Um mundo de histórias.** Rio de Janeiro, Vozes, 2004.

REVEL, Judith. Nas origens do biopolítico: de Vigiar e punir ao pensamento da atualidade. In: GONDRA, José; KOHAN, Walter (Org.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 51-62.

SALLA, Fernando. **As prisões em São Paulo –1822 - 1940**. São Paulo, Ed. Annablume / Fapesp, 1999.

_____. As rebeliões nas prisões: novos significados a partir da experiência brasileira. **Sociologias***,* Porto Alegre, ano 8, n. 16, jul/dez 2006, p. 274-307.

_____. Breves notas para a história do encarceramento em São Paulo: a penitenciária do Estado. **Revista Brasileira de Ciências Criminais***,* ano 5, n.20, out/dez 1997, p. 293- 302.

_____. Casa de Detenção de São Paulo: passado e presente. **Revista Brasileira de Ciências Criminais***,* ano 8, out/dez 2000, p. 213-220.

_____. Novos e velhos desafios para as políticas de segurança pública no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Criminais***,* ano 11, abril/junho 2003, p. 349-361.

SANTOS, S. **A educação escolar no sistema prisional sob a ótica dos detentos**. 125 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

SONEGO, Edileia Pereira. **Os (não) saberes da casa da formação e a hospitalidade como abertura à *skholé.*** Artigo submetido e aceito no 8º CIFE – UERJ, 2016.

VIEIRA, Maria Clarisse. **Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos** – Volume I: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

ANEXOS

USO DO TEMPO.

* 06:00 - ACORDA-SE CEDO, TEMOS QUE ESTAR PRONTOS AS 06:30, HORÁRIO EM QUE NOS RETIRAM DA CELA PARA TRABALHAR.

TRABALHO COMO MISTUREIRO, OU SEJA SOU RESPONSÁVEL PELA MISTURA QUE VAI NA ALIMENTAÇÃO DE TODA A POPULAÇÃO CARCERÁRIA.

* 10:15 - SERVIMOS AS REFEIÇÕES, QUE SÃO DISTRIBUIDAS EM CARRINHOS. CADA UM SEGUE PARA UM PAVILHÃO
* 12:00 - HORÁRIO EM QUE VOLTAMOS A CELA PARA DESCANÇO.
* 13:00 - BANHO DE SOL, NÃO SAIO MUITO AO PÁTIO, PROCURO ME APROFUNDAR EM LIVROS, DENTRO DA MINHA CELA.
* 15:00 - SERVIMOS O JANTAR, NO MESMO RITMO DO ALMOÇO.
* 17:00 - VOLTAMOS A CELA, SOMOS TRANCADOS.

TRABALHO COM O QUE GOSTO E COM O QUE SEI, NASCI PRATICAMENTE DENTRO DE UM RESTAURANTE. OU SEJA, OBVIO QUE O FATO DE

ESTAR RECLUSO, ME CAUSA ANSIEDADE E MUITO ARREPENDIMENTO. PROCURO OCUPAR MINHA HORAS VAGAS NA CELA, LENDO AUTORES QUE ME AGRADAM, ESCREVENDO ÀS MINHAS FILHAS, E AS VEZES ASSISTO ALGO QUE ME INTERESSE NA TV.

AINDA ESTOU PROCURANDO ABSORVER, ESSA MUDANÇA RADICAL QUE TIVE NA VIDA. NO FINAL COMO SEMPRE, TUDO DA CERTO, É SIMPLESMENTE UMA QUESTÃO DE

TEMPO!

COMO A SRTA CAROL ME DISSE.

HOJE ME ENCONTRO SUSPENSO, QUASE QUE EM OUTRA DIMENSÃO, E COMO NÃO TENHO MUITA OPÇÃO...

VOU FECHAR OS OLHOS E CURTIR ESTA VIAGEM...

Bom dia! - de segunda a sexta-feira levanto as 6:15 da manhã e vou para o setor que trabalho, que é a lavanderia até as 10:00 da manhã após o término do serviço vou para a cela ver TV e fazer alguma leitura de um bom livro. O último que li foi Símbola Perdido, uma boa leitura.

Além disso sou monitor da Funap em rodo para a escola de segunda a sexta das 13:30 as 15:30 horas após o termino volta a velha rotina ver tv ler um livro e ouvir uma boa musica.

Graças a Deus tenho visita todos os domingos e quem vem é Pepeu e mamãe pois sou Solteiro, na visita converso sobre os meus negócios que tenho lá fora junto do meu pepeu e passo as soluções dos problemas que ficaram pendentes do outro final de semana Essa é a rotina e o dia-a-dia que tenho.

Uso o meu tempo com o que é bom no lugar cheio de coisas ruins.

E os seus desejos?

Em primeira lugar gostaria de ir para o semi-aberto, assim que chegar no outro regime vou fazer uma faculdade de direito isso não é desejo é objetivo. Voltar a trabalhar no meu ramo: sou empreiteiro e tenho uma empresa de paisagismo e presto serviços para a prefeitura e tem empreendimento particular na beira da represa.

Pretendo ser um ouvinte e vou estudar muito para isso, coisa que não fiz quando mais novo, e hoje não estaria aqui se tivesse ouvido meus Pais.

Mas na vida nada é por acaso se tiver que carregar o peso da vida nos braços mesmo que isso me dê uma forte dor e cansaço, mas vou vencer tudo isso que estou vivendo porque Graças a um bom Deus tenho os Pilares que são Pedro e mamãe meu porto-seguro.

E tudo isso não seria de valor algum se estivesse fazendo isso por eles, mas estou fazendo por mim!!! Então sei que vou conseguir tudo que eu quero e tenho como objetivo que é estudar e constituir uma bela e amorosa família e ter o seguimento de meu nome com um filho que pretendo ter um dia pois sou louco para ser papai, gosto muito de criança mesmo. São tão simples que parece ser sonho de uma criança grande.

Mas será que não é isso que todos somos???

VUME

RABALHO COMO CAFEZEIRO AQUI, UM DIA SIM E NÃO,
DA HORARIO. DAS 4.00 DA MANHÃ AS 17 HORAS
E MEIS A MEIS. SOU PASTOR DA ASSENBLEIA DI JESUS DOS ULTIMOS
IAS. E AQUI EMBORA TENHO ERRADO. CONTINUO A EVANGELIZAR.
MIM E AOS COMPANHEIROS. E EM MEU TEMPO DE FOLGAS.
OSTO DE LER A BIBLIA, E ESCREVER HINOS GOSPEL.
NHO VIZITA. UM DIA A CADA MEIS, POIS MINHA
AMILIA MORA MEIO ARRETIRADO DESTA CIDADE. E MINHA
SPOSA FICOU COM 3 ADOLECENTE PRA SUSTENTAR.
NAO TEM CONDIÇÃO DE ESTA AQUI TODO FIM DE SEMANAS.
NHO UMA ECELENTE FAMILHA. E UMA ESPOSA VIRTUOSA. IGUAL JA MAIS
CHAREI. NÃO TENHO MUNTO PRA COMENTAR POIS GOSTO MAIS
DI FALA DI JESUS DO QUE DE MIM

MEUS DESEJOS

QUE QUANDO EU SAIR DAQUI
RETOMA A MINHA VIDA NORMAL
DER VOLTA A DIRIGIR UMA
REJA. E TERMINAR. MEUS
URSOS DE TEOLOGIA.
LTA A CONQUISTA. TUDO
UE EU PERDI. CAS AS CARROS
O MAIS INPORTANTE A CONFIANÇA
MUNTOS PARENTES, E DOS AMIGOS
S EU ACABEI MATANDO UM
[redacted] POR FALTA DE SABEDORIA [redacted]
U TIVESSE MUDADO DE LUGA
[redacted]. TERIA
RMINADO DE OUTRA FORMA
AO TENHO CERTEZA MAIS
SSIM PENÇO EU. MAIS OQUE
ASSOU PASSOU ELE TALARICOU UMA CRIANCA DE 12 ANOS QUE É MINHA FILHA MINHA VIDA MINHA PRINCEZINHA

HORARIO DAS 4,00 DA MANHÃ AS 17 HORAS
DE MEIS A MEIS. SOU PASTOR DA ASSEMBLEIA DI JESUS DOS ULTMOS
DIAS. E AQUI EMBORA TENHO ERRADO. CONTINUO A EVANGELIZAR
A MIM E AOS COMPANHEIROS. E EM MEU TEMPO DE FOLGAS.
GOSTO DE LER A BIBLIA. E ESCREVER HINOS GOSPEL.
TENHO VIZITA. [redacted] UM DIA A CADA MEIS. POIS MINHA
FAMILIA MORA MEIO ARRETIRADO DESTA CIDADE. E MINHA
ESPOSA FICOU COM 3 ADOLECENTE PRA SUSTENTAR.
E NAO TEM CONDICÃO DE ESTA AQUI TODO FIM DE SEMANAS.
TENHO UMA ECELENTE FAMILHA. E UMA ESPOSA VIRTUOSA. IGUAL SA MAIS
ACHAREI. NÃO TENHO MUNTO PRA COMENTAR POIS GOSTO MAIS
É DI FALA DI JESUS DO QUE DE MIM

MEUS DESEJOS

É QUE QUANDO EU SAIR DIAQUI
É RETOMA A MINHA VIDA NORMAL
PODER VOLTA A DIRIGIR UMA
IGREJA. E TERMINAR. MEUS
CURSOS DE TEOLOGIA.
VOLTA A CONQUISTA. TUDO
QUE EU PERDI. CASAS CARROS
E O MAIS INPORTANTE A CONFIANÇA
DE MUNTOS PARENTES. E DOS AMIGOS
POIS EU ACABEI MATANDO UM
[redacted] POR FALTA DE SABEDORIA
EU TIVESSE MUDADO DE LUGA[redacted]. TERIA
TERMINADO DE OUTRA FORMA
VAO TENHO CERTEZA MAIS
ASSIM PENÇO EU. MAIS OQUE
PASSOU PASSOU ELE TALARICOU UMA CRIANÇA DE 12 ANOS QUE É MINHA FILHA MINHA VIDA MINHA PRINCEZINHA.

E OS SEUS DESEJOS?

NÃO TENHO COMO NEGAR, APESAR DO ISOLAMENTO, O SOFRER, E AS LIMITAÇÕES QUE O SISTEMA CARCERÁRIO ME IMPÕE, TUDO ISSO AINDA É ENCARADO POR MIM, COMO UMA GRANDE EXPERIÊNCIA. E DELA ESTOU TIRANDO GRANDES LIÇÕES.

MEUS SENTIMENTOS ESTÃO MAIS AFLORADOS, MEUS OUVIDOS MAIS AGUÇADOS, SINTO FALTA DO TOQUE, DE CHEIROS, DAQUELA BRISA EM UM FIM DE TARDE DE FRENTE AO MAR. SINTO FALTA DAS MÚSICAS, DAQUELAS QUE ME TRANSPORTAM A UM PASSADO TÃO RECENTE E FELIZ.

O FATO DE SENTIR FALTA, ME FAZ QUERER TUDO DE NOVO, SÓ QUE AGORA EM MAIOR INTENSIDADE, EM DOSES "CAVALARES".

QUERER AMAR DE NOVO, QUERER CRIAR UM CACHORRO DENTRO DE CASA, QUERER DAR RISADA E GARGALHADAS DE COISAS IDIOTAS, OU ATÉ QUEM SABE ME TORNAR UM IDIOTA, VER O POR DO SOL E VER O SOL NASCER,

TOMAR BANHO DE CHUVA, ME ATRASAR AS VEZES, DAR BOM DIA A DESCONHECIDOS NA RUA, PROVAR NOVAS COMIDAS, PASSAR UM FINAL DE SEMANA INTEIRO ASSISTINDO FILMES E ME ENTUPINDO DE CHOCOLATE COM SORVETE, DEIXAR O CABELO CRESCER, QUEM SABE UM BIGODE? TRABALHAR MENOS, ME ENTREGAR SOMENTE A QUEM MERECA, POIS HOJE ME AMO E ME VALORIZO MUITO MAIS QUE ANTES, TER LONGAS CONVERSAS, SOBRE VARIOS ASSUNTOS COM MINHAS FILHAS, ENSINA-LAS QUE A VIDA E DURA, MAS QUE COM FE, AMOR, E MUITO CORAÇÃO, ELA PODE SER LINDA; ME PREOCUPAR MENOS, CUIDAR MAIS DA SAÚDE, ENCONTRAR ALGUÉM DE QUEM CUIDAR, E QUE QUEIRA ME CUIDAR. INTELIGENTE, BEM HUMORADA, NA VERDADE MUITO BEM HUMORADA, INDEPENDENTE, VAI SER MEIO COMPLICADO EXPLICAR MEU PASSADO, MAS EU CONSIGO. SER MAIS LEAL, PRINCIPALMENTE COMIGO MESMO, SÉ A PESSOA BEM HUMORADA E INTELIGENTE PUDER PARTICIPAR DO MEU FIM DE SEMANA REGADO A CHOCOLATE E SORVETE SERIA ÓTIMO. RSRS.

NA VERDADE, DESEJO TUDO AQUILO QUE NÃO FIZ, OU QUE FIZ SEM SENTIMENTO. PRETENDO VOLTAR A COZINHAR EM ALGUM RESTAURANTE BEIRA-MAR, DE PREFERENCIA EM SC, E COMO FARIA ANTES, NO INVERNO TRABALHAR NA ARGENTINA, EM 2013 FUI ALUGAR ESQUI EM BARILOCHE, UMA BOA EXPERIENCIA,

MAS,... TUDO SE RESUME A TEMPO, ELE HOJE, SE TORNOU O SR. DE TUDO. MAS NÃO PODE MUDAR QUEM SOU, SONHADOR, FOCADO, E SAUDOSO. TIVE QUE COMETER MUITOS ERROS NA VIDA, E SEI QUE AINDA COMETEREI VÁRIOS DELES. MAS... HOJE... ESTOU APRENDENDO, E QUANDO PUDER ABRIR A CAMISA E DIZER...

SOU LIVRE...

AH, MUITA COISA SERÁ DIFERENTE

"SINTO FALTA DE VOCÊ, APESAR DE NEM SABER SE VOCE EXISTE".

Uso do tempo

Hora	Atividade	comentario
5:00h. 6:00h	Trabalho na limpe e lavagem das panelas! os tambor que serve o café e o leite. que é a marmita preta	Qualquer tipo de serviço tem que fazer. Dependente de qual seja
2:00h 2:30h	nois vainos para a quadra. que é o horio do sol.	Nesse. Período é o tempo que nos temos pra jogar uma bolinha, um Domino é isso
2:30h 5:00h	Nesse período das 2:30 e o horio que nos retornamos as atividade	
5:00h.	Retornamos a cela e não tem mais nada a fazer	Nesse Período é o que mais gosto. Que é o Descanço

E os seus desejos?

Os meus desejos hoje são muitos simples mas porem muito importantes pois com meus erros vejo muito claro agora todo tempo que perdi durante minha vida que são meus filhos pois muitas vezes os troquei por trabalho e sempre era ausente e omisso e deixei passar pequenos coisa que na realidade são o mais importante de todos o amor pois por muitos trocados trocava minha família pelo meu trabalho para me sentir realizado e cometi muitos erros pelo caminho que meu sonho é tentar reconquistar tudo que deixei de fazer antes para não só bens materiais para meus filhos e esposa mais para o amor que sempre deixei em segundo plano e hoje vejo que é o que importa realmente e me frustra e me dá animo para continuar são sonhos simples mas são verdadeiramente o mais importante pois o resto vem em sequencia pois eu só sou um profissional só me faltava ser um pai de família!
E agora tenho a chance de

fazer tudo certo e corretamente
e agradeço a Deus por isso
só quero minha vida de volta
trabalhar e ser uma pessoa
melhor e sentir prazer em
voltar pra casa e ver meus
filhos e esposa sorridente me
perguntando como foi meu dia
coisas que não dei valor mas
aprendi que dinheiro não
traz felicidade como sempre
quis ser são meus sonhos que
em breve se tornarão realizados
sonho de ser uma pessoa
realizada em familia como
profissionalmente e construir uma
vida bem estruturada!

USO DO TEMPO

HORÁRIO	ATIVIDADE	COMENTÁRIO
6 AS 13:00	fazer almoço	faço o que gosto
13:00 AS 17:00	agora curso	ocupa minha mente
17:00 A 22:00	vejo TV e leitura	pois me descanso
22:00 AS 06:00	Aula	Repouso

OS DESEJOS. PRIMEIRO
A LIBERDADE. ABRAÇAR A
MINHA ESPOSA MINHA FILHA
EM CASA. QUERO SEGUIR DEUS
OU SEJA ESTÁ SEMPRE EM
UMA IGREJA ORANDO. VOLTAR
A TRABALHAR E ESTUDAR E
AJUDAR MINHA ESPOSA A CUIDAR
NOSSA FILHA. COM MUITO AMOR
E UMA BOA EDUCAÇÃO. E ABRAÇAR
A MINHA MÃE EM VIDA E COM
SAÚDE. E O QUE DESEJO.
E TER UMA CASA PROPRIA PRA
MINHA FAMILIA. TENHO FÉ
EM DEUS QUE VAI DAR TUDO
CERTO. OBRIGADO JESUS.

HORÁRIO	ATIVIDADE	COMENTÁRIO
DIA 06. AS 10	FAXINA	EU ACHO QUE É UMA ROTINA DIFERENTE DE TUDO QUE JÁ ACONTECEU NA MINHA VIDA MAIS É UM APRENDIZADO PARA LEVAR PRA VIDA. TENHO UMA BELA FAMÍLIA QUE AMO MUITO E ME DA MUITA FORÇA. E TENHO MUITA FÉ E DEUS.
DIA 01 - AS - 03	ESCOLA	
DIA 09 - AS - 5 MANHÃ	DORMIR	

ESSE É O DIA A DIA -

USO DO TEMPO

HORÁRIO	ATIVIDADE	COMENTÁRIO
Todos ordia lê segunda ísabado Alordo û cindo as seis a manhãn, tomo ¿afé de 11 horas ¿lmoço de 4 horas éminha janta	meu trabalho é fazêr os Pãos trabalho de seis até os omeio dia. atarde eu aProveito Para fazêr fisila faço fisila de 1 hora Até 3 horas da tarde	Pôs nós tenho oque ReCrama Porque Gosto oque faço tenho uma folga Por semana, no.. final de semana aProveito Para Pássa o dia com minha Visita

Quais são meus deseijo:

meu deseijo, Primeiro ditudo é claro que é minha liberdade! aPós aliberdade Poder estuda Para conseguí um emPrego diguino, tambem construir uma familia, itambem dá um futuro Para os meus filhos, Paraque elês seijãs todos felizes, Porque fasemo isso tenho cêrteza que tambem vou micenti totalmente feliz.

tambem quero RecomPerá todo tempo que estou Perdemo, uma delas fila mais Perto da familia, Passá mais tempo com elês, deixá Vês fazê tudo diferente, fazemo as coisas certa, nós cometemo os mesmos erros.

Meu primeiro desejo, acho que de todos que se encontram na mesma situação que eu é buscar a liberdade, e graças a Deus a minha está próxima. Tenho fé que tudo vai dar certo e no ano que vem posso já dar andamento ao último ano de faculdade que eu tenho, desejo muito isso. Chego a sonhar que estou me formando e dando andamento ao meu trabalho que graças a Deus se identifica muito comigo, assim como foi meu primeiro emprego, ficou marcado, eu gostava muito do que fazia e resolvi me aperfeiçoar na área, e hoje é o que eu mais gosto de fazer. Criar, desenvolver, desenhar, mexer com programação de edifícios, e assim que sair daqui, vou reviver, companheiros, e me afastar de todas as coisas erradas, e seguir o objetivo que eu sempre quis. Dar orgulho a minha família assim que me formar, e se tiver nos planos de Deus, um dia vou ser um Designer bem conceituado e vou fazer meu nome, e abrir meu próprio negócio.

Uso do tempo semanal — Dia-a-Dia

Seg	Das 07:00 da manhã as 11:00 estou na padaria trabalhando, geralmente depois do almoço deito um pouco, a noite escuto musica respondo alguma coisa que chegou no decorrer da semana, faço minha oração e durmo.
Ter	Das 7.00 as 11:00 rotina a mesma só aumenta que eu jogo futebol no meio do dia., e nem respondo coisa que já fiz isso na segunda
Qua	Das 07:00 as 11: rotina mesma. só não tem futebol.
Qui	Das 07 as 11:00 rotina mesma, futebol meio do dia, e sempre no intervalo do futebol pulo corda.
Sex	Geralmente folgo, acordo 07 horas faço exercicio cedo como na quadra, pulo corda, a tarde escuto música e durmo.
SAB	Vou trabalhar normalmente, geralmente as 9 horas a visita da minha mãe chega, a gente conversa, ela me fala aquilo que aconteceu la fora almoça junto a tarde ela vai embora, eu tomo um banho faço minha oração, agradeço pelo visita e o alimento, depois leio e durmo.
Dom	Trabalho normalmente chego 11 horas tomo um banho e fico o resto do dia até a noite escutando música ou lendo.

E os seus Desejos?

Meu desejo primeiramente é sair desse lugar em seguida rever meus familiares e recomeçar de onde minha vida parou desde que fui preso. Voltar a trabalhar como sempre fiz pretendo também continuar os estudos e desejo também constuir um novo relacionamento ou até casar novamente, pois eu não sou do crime e muito menos vivo do crime, e sim cometi um crime que pode acontecer com qualquer pessoa que estiver sobre forte emoção como eu estava. Isso tudo é logico se Deus quiser.

Jando

USO DO TEMPO

Horário	Atividade	Comentário
6:00 à 12:00	Levanto as 6:h e vou para o serviço ou trabalho na copinha (Refeitorio dos funcionários) Tomo um café da manhã as 7:h.. As 10:h eu almoço e termino o serviço por volta de 12:h	Essa é uma rotina dia-dia. Meu comentário é que das 16:00 até as 18:00 nós poderiamos ter alguma coisa a mais
13:00 à 13:30	vou para a quadra fazer uma caminhada e correr um pouco também	
13:30 à 15:00	vou para a escola, temos um intervalo na aula de 15 minutos para o café	
15:00 à 16:00	voltamos para a cela onde jantamos e só saimos da cela no próximo dia as 6:00 da manhã	

uso do Tempo

segunda - feira - das 6 da manhã - As cinco da tarde.
Terça - feira - das 6 da manhã - As cinco da Tarde.
quarta - feira - das 6 da manhã - As cinco da tarde.
quinta - feira - das 6 da manhã - As cinco da Tarde.
sesta - feira - das 6 da manhã - As cinco da Tarde.

horario	ATIVIDADE	COMETÁRIO
Das 6 manhã as 5 da tarde de segunda a domingo. eu venho Trabalha na cozinha. fim !!!	eu faço tudo aqui também faço domingo venho na escola quando eu estava fazendo o curso e faço em eu faço varias atividade. fim !!!	o que tem que falo sobre o comtario que eu menor trajeto Todo dia o mesmo caminho da casa na fabrica fim !!!

o dia mais importante para mim é no domingo - porque eu vejo a minha mãe todos os domingos.

Comentario

Pretendo continuar meus estudar arruma novar impregô cuido da minha filha. Pedir Perdão Para toda a minha família Porque o que eu fiz seu que não foi certo Já tenho Pedido Perdão Para Deus. Porque só ele que nos Perdoa di todas as nossas iniquidadi i Poder Viver uma Vida feliz. Perto di quem eu Amo. i também Poder dar um grandi abraço no meu Pai Porque e um grandi homem esses são os meu sonhos.

Uso do Tempo

Horário	Atividade	Comentário
5 horas da manha Eu mim levanto 6horas Eu vaio Para o trabalho valto do trabalho as 12 horas 1 hora da Tarde Eu vaio Para o sal 2 horas Eu vau Parao colegio vaio as 3 i meia trabalho a ate 5 imeia ai eu valtto Para aminha Cela tomo meu banho ligo a minha televisaó no Programa Evangelico i fico houvindo a Palavra di Deus Para que eles Pasra mim da animo Para Eu vencer Todas as obitaculos da vida e asim a minha Vida a que na cadeia.	na hora da minha atividade eu costumo carre em valta da quadra fazo camin hada. e outras tipas di Exercilio. Eas meus desejos O meu unilo desejo que eu sinto dentro di mim e unbi o meu sinho continua simPre na Palavra di Deus Para que ele Parra mim abençoa grandimento	trabalho o dia todo tenho uma fola Por semana tambem Partecipo di um grupo Evangelico aonde falamos do amor di Deus e sempre estou ocupando om tempo com couras boas Para que Deus Parra abençoar min vida grandimente. i com a esperança que no final tudo Parra da certo minha responsabilida na cozinha e sobre trabalho da salada. i sem Pre disPonivel Para qualquer outro tipo di serviço e omeu dia a di a qui na unidade.

O uso do tempo

Eu , Faço o uso do meu tempo da seguinte forma!

ao acordar: Faço as higienes das quais todo sei faz ao acordar,

Trabalho: Logo apos o cafe eu cela vou para o serviço, isso é as 06:30 da manha, mecho com os condimentos do feijao, pois aqui como trabalho na cozinha fico ecarregado do feijão eu e um companheiro, fazemos a escolha do feijão, logo apos as 09:45 eu monto as dietas para poder servi-las, ao total são 12 dietas, essas dietas são para presos que tem ipertensão e soro positivo, tudo isso acaba quando venho para a escola e agora no curso, no restante do dia é mais trabalho, as 18:00 somos trancados, e eu fico Desenhando em cela, ea cada 15 em 15 dias minha mãe me visita

Comentario

Gosto de desenhar, e gosto do que faço, so não gosto é de estar preso, mais faze o que né eu cometi um delito, agora tenho que pagar, no demais um boa tarde

Os seus Desejos

Bom começarei da maneira mais simples possiv
1 a liberdade, 2 dar um abraço e um beijo n a queles
que amo, 3 voltar a viver de uma maneira boa e qu
não seja superficial, 4 ter um algo a mais que não
tive antes, 5 ver o por do sol de um lugar bem
alto e calmo, 6 morrer bem velho e poder me orgulh
de coisa boas que fiz em minha vida.

E os seus desejos?

Voltar a trabalhar juntar uma grana e comprar uma
casa pra minha mãe, ser um chefe na área gastronomica
e ter meu próprio restaurante e cuidar da minha
familia e conquista tudo que eu perdi

Acho que no momento que me encontro o que eu
mais desejo é ganhar minha liberdade e falta 6 meses
pra que eu posso montar meu empreendimento até lá posso
apenas sonhar e cumprir com as minhas funções.
Desejo também em sair daqui que a maioria dos
estou na rua andando de skate junto das meus sonhos
estimo muito, mais quando eu acordo vejo que ainda estou. pessoas que eu
aqui e a tristeza volta, graças a Deus tenho uma familia
que me ama muito e
mais com ... tristeza está próxima
eu acredito Quem acredita sempre alcança e
eu acredito gosto muito mesmo de músicas, tipo
urbana, Charly Brown JR, CPM 22, WIZ KHALIFA e puraí vai
mais tudo e passageiro.

HORÁRIO	ATIVIDADE	COMENTÁRIO
6:00	Eu saio as 6:00 h: para ir trabalhar eu trabalho na lavanderia e paro de trabalhar as 10:00 h. dai vou para a minha casa quando é 13:00 h. vou para o sol e jogar bola. Etc.	No final de semana eu tiro visita com meu pai do mais é só. Etc

E os seus deveres?

No meu primeira mente eu quero trabalhar porque essa vida aqui não é pra ninguém então quero trabalhar para ajudar minha mãe e meus irmãos. etc!

HORÁRIO	ATIVIDADE	COMENTÁRIO
6:00	Eu saio a 6:00 da manhã para trabalhar. Eu volto as 12:00 h. daí quando é 13:30 eu venho para escola. Saio as 15:00 h. da escola ai vou para minha sela tomar um banho e descançar. etc.	No final de semana eu acordo as 6:00 h. passo toda minha ingiene e tomo meu café e daí eu tomo meu banho para receber minha família. etc.

E os seus desejos?

Primeira mente si Deus quiser, logo logo estou indo embora. E eu quero dar continuidade no meu serviço para tentar recuperar esse tempo perdido que não sera facil mais vou correr átraz. E também dar para os meus filho um carrinho que não tou pode ndo dar para eles nesse tempo que estou long deles e mostrar para associedade que não sou tão maul aconteceu o que aconteceu mais eu quero erguer minha cabeça e siguir em frente. etc

Horário	Atividade	Comentário
6:00h às 12:00h.	Trabalho (setor de cozinha).	Faço a minha função na [illegible] é o arroz, eu feijão, eu cozinho o arroz e [illegible]
12:00h às 14:00h.	Jogo bola.	No horário do almoço, pratica atividade como futsal.
14:00h às 16:00h	Trabalho.	Volta para o trabalho, ajuda a servir a janta. Depois que nós terminar, nós voltamos para o pavilhão e cada um para seu cela.

E os seus desejos?

Criar o meu filho e não deixar faltar nada para ele, ter um emprego fixo e ter uma vida digna e esquecer o passado.

Horário	Atividade
5:50	Acordo faço minha oração e minha igiene pessoal
6:00	tomo meu café e me visto para trabalhar
8:20	Já terminamos de fazer a massa do pão agora é só espera a massa creser para assar.
11:20	Já terminamos de asar os pães e estão todos no estufa. esta tudo limpo e orrolho para o parcilha
13:00 a 14:20	jogamos futbol e depois asisto TV
15:40	janto
17:00	vamos cada um para cela tomo meu banho e novamente vejo TV

Comentário

E gosto de ver a natureza [illegible] [illegible]

E os meus desejos?

Os meus desejos são muitos. Porém relatarei alguns, que nos quais, o mais importante é, que Deus me perdoe pelos meus pecados. Que ele possa me guiar da melhor forma que um ser humano, pecador, merecer. Outros desejos há! como eu gostaria que nada do que aconteceu, tivesse acontecido. Até porque não vai, e agora vai ser o meu desejo...!

E agora pro meu futuro?

Vou seguir como um ser humano tentando esquecer, por algum momento, pra continuar a viver. Até porque ganhei de presente do passado. Só perdendo a memória. Mas se Deus me der essa chance de recomeçar: Vou aproveitar e não errar de novo. E no momento o que eu desejo é a liberdade. Mas tenho que pagar o mal que cometi.

Uso Do Tempo.

Horário	Atividade	Comentário
06:30 Á 10:30 — Todo os dia	Faxina, e Outras Tarefas . . .	Enquanto a esta atividade? Não e Ruim embora não é o que eu gostaria, costumava a fazer lá fora. Então aqui é uma grande valia pra mim . . .

E depois do almoço. as 11:00, Hora. dou um tempo. e as 12:00 Hora participo do jogo de Futebol. da Quadra aqui. até as 14:30 H. E assim já se vai o dia . . .
essa é a minha Rotina aqui.

20/08/2019.

os Seus desejos?

Meu Senhor

te um encontro

com Deus

e Viver uma Vida

religiosa

Amém

lembre-se de colocar Deus em

primeiro lugar em Todos os Seus

caminhos e ele guiara os Seus

passos e você andara pelo

caminho certo.

HORÁRIO	ATIVIDADE	COMENTARIO
4:00	para estar faze ó café	i eu Trabalha um dia sin i ó dia não
10:00	para estar ler á biblia	forgo um furtibou nos di que eu não
4:00	eu Vou novamentir faze ó café	trabalho e no fima da Tarte finco a sisstida televisão
		ler á biblia novamente

E os meus desejos:

1º terminar de construir a minha Próprio Lar
2º ter um emprego que eu possa gostar e me dedica
3º Casar e construir a minha Própria família.
4º Poder perdoar a todas as pessoas, que acabe
machucando de uma certa forma.
5º Voltar a igreja e reconciliar com Deus, pois
é um lugar que eu não deveria ter saído.
6º "Sonhos! O que é sonhos, quem vai eu para falar
de sonhos, ainda que esse sonhos se renovam
á cada dia que passa"
7º Espero que todos possa ter intendido, ou
compreendido o que eu quis me expresar
apesar das poucas palavras.

Horário	Atividade	do tempo Comentário
5:30 até 9:30	trabalhar faxineira	lavar as banheiras varrer e passar pano nas salas dos funcionarios
13:00	jogo bola	até dar a hora de ir para a escola
15:00	Domino	até dar a hora de ir para a treino
	final de Semana	
7:30	visita	fala sobre o que acontece durante a semana dela e fala tambem sobre a minha semana tambem
13:00	visita	Ela precisa ir em bora pois meu pai fica esperando ela ir para. e eu agradeça ela, meu pai e a Deus por todas visita que eu tenho nos finais de Semana.

E os seus desejos

Cotrui mia casa nua
Piqena Propiedadi qe
qe Eu tenho a odi eu
nasi j ViVE o reto DA
ViDO j Pazi

USO DO TEMPO

HORARIO ATIVDADE COMENOTARIO

traBalHO e Durmo